

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL
PSICOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS

MARCILENE MARIA ENES RIBEIRO

**HÁBITOS DE LEITURA DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO
EM UM INSTITUTO FEDERAL DE CUBATÃO-SP**

SANTOS

2025

MARCILENE MARIA ENES RIBEIRO

**HÁBITOS DE LEITURA DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO
EM UM INSTITUTO FEDERAL DE CUBATÃO-SP**

Dissertação e Produto Técnico apresentados à Banca Examinadora da Universidade Católica de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Miria Benincasa Gomes

SANTOS

2025

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
Viviane Santos da Silva - CRB 8/6746

R484h Ribeiro, Marcilene Maria Enes
Hábitos de Leitura de estudantes de graduação em um
Instituto Federal de Cubatão-SP / Marcilene Maria
Enes Ribeiro ; orientadora Miria Benincasa Gomes. -
2025.
146 f.

Dissertação (mestrado)- Universidade Católica de
Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em
Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, 2025.

Inclui bibliografia

1. Hábitos de leitura. 2. Estudantes de graduação. 3.
IFSP-Campus Cubatão. I. Benincasa, Miria. II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 159.9(043.3)

RIBEIRO, Marcilene Maria Enes. **Hábitos de leitura de estudantes de graduação em um Instituto Federal de Cubatão-SP**. 2025. 146 f.: il. Dissertação e Produto Técnico do Programa de Mestrado Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos, Santos, 2025.

Dissertação defendida e aprovada para obtenção do grau de mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Santos, em 25 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Miria Benincasa Gomes – Orientadora - Universidade Católica de Santos

Prof. Dr. Edgar Toschi Dias - Universidade Católica de Santos

Prof.^a Dra. Irene da Silva Coelho – Universidade Metropolitana de Santos

Prof.^a Dra. Elisete Gomes Natário - Universidade Católica de Santos (Suplente)

Programa: Mestrado Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas

Área de Concentração: Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas

Linha de Pesquisa: Psicologia, Desenvolvimento e Políticas socioeducacionais

Agradeço a Deus, a todos da minha família, que sem saber me deram a força necessária para continuar no caminho de aquisição de conhecimentos e aos meus amigos sempre com uma palavra de incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio durante a pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Miria Benincasa Gomes por todo seu apoio durante o processo de construção da dissertação.

Agradeço a Banca examinadora pelos apontamentos e ressalvas para melhorias no trabalho acadêmico.

Agradeço especialmente aos alunos da graduação que se disponibilizaram a participar da pesquisa, pela presteza em que atenderam ao chamamento à pesquisa.

Agradeço a Direção do Campus Cubatão que permitiu que se concretizasse a pesquisa nas dependências do Campus principalmente na divulgação da pesquisa em salas de aula. Agradeço a todos os professores que disponibilizaram um tempo para que fosse feita essa divulgação.

“[...] meu lugar favorito de leitura era o chão do meu quarto, deitado de barriga para baixo, pés enganchados sob uma cadeira. Depois, tarde da noite, minha cama tornou-se o lugar mais seguro e resguardado para ler naquela região nebulosa entre a vigília e o sono.”

Manguel

RIBEIRO, Marcilene Maria Enes. **Hábitos de leitura de estudantes de graduação em um Instituto Federal de Cubatão-SP**. 2025. 146 f.: il. Dissertação e Produto Técnico do Programa de Mestrado Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos, Santos, 2025.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado se propôs a pesquisar a leitura, bem como os hábitos relacionados a ela, em um âmbito mais genérico. Interessou a pesquisa fazer uma retrospectiva das fases da vida e a influência que o contato ou não contato com livros exerceu sobre os graduandos. Foi aplicada a um público específico de estudantes da graduação no Instituto Federal de São Paulo-Campus Cubatão. O objetivo geral da pesquisa foi compreender os hábitos de leitura dos estudantes de graduação. Investigou-se qual o nível de interatividade desses alunos com a leitura e literatura, através de análises de material bibliográfico, documental e através de questionário online. Portanto compreendeu uma pesquisa quantitativa, documental e transversal. A pesquisa previu três etapas, que foram desenvolvidas através dos seguintes procedimentos metodológicos: 1ª etapa pesquisa bibliográfica e descritiva do conhecimento gerado sobre o tema leitura, em livros, Portal de periódicos da Capes, SciELO e BDTD. A 2ª etapa envolveu pesquisa documental de relatórios em fonte primária, retirados do Sistema de Bibliotecas Pergamum utilizados pela biblioteca. A 3ª etapa compreendeu a aplicação de um questionário com questões fechadas no Google Forms direcionado ao público-alvo da pesquisa. Quanto aos resultados da pesquisa podemos afirmar que os objetivos da pesquisa foram alcançados, em parte, demandando novas pesquisas de caráter específico, embora de forma geral os graduandos tenham se identificado dentro dos contextos retrospectivos e de interatividade com literatura atualmente. Portanto, concluímos que, quanto mais cedo a criança tiver contato com livros maior será sua habilidade na leitura quando estiverem na graduação.

Palavras-chave: Hábitos de leitura. Estudantes de graduação. IFSP- Campus Cubatão.

RIBEIRO. Marcilene Maria Enes. **Reading habits of undergraduate students at the Federal Institute of Cubatão-SP**. 2025. 129 p.: il. Dissertation and Technical Product of the Master's Program in Psychology, Development and Public Policy at the Catholic University of Santos, Santos, 2025.

ABSTRACT

This master's dissertation aimed to investigate reading and related habits in a more general context. The research focused on retrospective life stages and the influence that contact, or lack thereof, with books had on undergraduates. It was administered to a specific group of undergraduate students at the Instituto Federal de São Paulo-Cubatão Campus. The overall objective of the research was to understand the reading habits of undergraduate students. The level of interaction between these students and reading and literature was investigated through analysis of bibliographic and documentary material, as well as an online questionnaire. Therefore, it comprised quantitative, documentary, and cross-sectional research. The research consisted of three stages, which were developed using the following methodological procedures: First stage: bibliographic and descriptive research of the knowledge generated on the topic of reading, including books, the Capes Journals Portal, SciELO, and BDTD. The second stage involved documentary research of primary source reports taken from the Pergamum Library System used by the library. The third stage involved administering a closed-ended questionnaire on Google Forms aimed at the research's target audience. Regarding the research results, we can affirm that the research objectives were partially achieved, requiring further specific research, although, in general, the undergraduates identified themselves within the retrospective contexts and interactivity with literature today. Therefore, we conclude that the earlier children have contact with books, the greater their reading ability will be by the time they graduate.

Keywords: Reading habits. Undergraduate student. IFSP- Campus Cubatão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Empréstimos Gerais por áreas do conhecimento 2024	81
Figura 2 – Empréstimos Letras 26-06 a 26-09-2024	82
Figura 3 - Empréstimos Engenharia 26-06 a 26-09-2024.....	83
Figura 4 - Empréstimos Matemática 26-06 a 26-09-2024.....	84
Figura 5 -. Empréstimos Turismo 26-06 a 26-09-2024.....	85
Figura 6 - Empréstimos Automação Industrial 26-06 a 26-09-2024	85
Figura 7 - Empréstimos Análise de Sistemas 26-06 a 26-09-2024	86
Figura 8 - Caracterização da amostra.....	88
Figura 9 - Gênero	90
Figura 10 - Idade	92
Figura 11 - Estado Civil	93
Figura 12 - Renda Mensal Familiar.....	95
Figura 13 - Participantes da Pesquisa.....	96
Figura 14 - Prazer na leitura	98
Figura 15 - Leitura e Conhecimento.....	99
Figura 16 - Contato com Livros na Infância.....	101
Figura 17 - Contato com Livros na Infância e adolescência.....	103
Figura 18 - Literatura Oral na Infância -	105
Figura 19 - Interação com Literatura Atualmente.....	107
Figura 20 - Motivação para Frequentar a Biblioteca.....	109
Figura 21 - Gêneros Literários que mais se identificam.....	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Empréstimos Gerais por áreas do conhecimento 2024	80
Tabela 2 – Empréstimos Letras 26-06 a 26-09-2024	81
Tabela 3 - Empréstimos Engenharia 26-06 a 26-09-2024.....	82
Tabela 4 - Empréstimos Matemática 26-06 a 26-09-2024.....	83
Tabela 5 -. Empréstimos Turismo 26-06 a 26-09-2024.....	84
Tabela 6 - Empréstimos Automação Industrial 26-06 a 26-09-2024	85
Tabela 7 - Empréstimos Análise de Sistemas 26-06 a 26-09-2024	86
Tabela 8 - Caracterização da amostra.....	87
Tabela 9 - Gênero	90
Tabela 10 - Idade	91
Tabela 11 - Estado Civil	93
Tabela 12 - Renda Mensal Familiar.....	94
Tabela 13 - Participantes da Pesquisa.....	95
Tabela 14 - Prazer na leitura	97
Tabela 15 –Leitura e Conhecimento.....	99
Tabela 16 - Contato com Livros na Infância.....	101
Tabela 17 - Contato com Livros na Infância e adolescência.....	103
Tabela 18 Literatura Oral na Infância -	105
Tabela 19 - Interação com Literatura Atualmente.....	107
Tabela 20 - Motivação para Frequentar a Biblioteca.....	108
Tabela 21 - Gêneros Literários que mais se identificam.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAP-UFSJ	Campus Paraopeba da Universidade de São João del Rei
CERLALC	Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe
ERIC	Centro de Recursos e Informações Educacionais
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OVID	Plataforma de pesquisa médica
PISA	Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes
SCIELO	Biblioteca Científica Eletrônica Online
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	16
2.A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	25
2.1 Pequena história da Educação Brasileira	26
2.2 A Educação Profissional e Tecnológica	27
3. LER O MUNDO PARA LER LITERATURA	30
3.1 Iniciação preliminar a leitura	31
3.2 Literatura oral e Letramento.....	44
3.3 Abordagens sobre o ler e o Letrar.....	49
3.4 Leitura de Graduandos.....	53
4. A CULTURA E “OS MUNDOS PARTICULARES”	57
4.1 Definindo Cultura.....	58
4.2 A cultura da Leitura no Brasil.....	63
5. OBJETIVOS.....	70
5.1 Problema.....	70
5.2 Hipótese.....	70
5.3 Objetivo Geral.....	71
5.4 Objetivos Específicos.....	71
6. METODOLOGIA.....	71
6.1 Participantes.....	71
6.2 Local de Pesquisa.....	72

6.3 Instrumentos.....	74
6.4 Procedimentos.....	77
6.5 Aspectos Éticos.....	78
7. RESULTADOS	80
7.1 Resultados relatórios Pergamum.....	80
7.2 Resultados do questionário do Google Forms.....	86
8. DISCUSSÃO.....	112
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
10. PRODUTO TÉCNICO OU TECNOLÓGICO.....	124
10.1 Introdução.....	126
10.2 Objetivos.....	127
10.3 Metodologia.....	128
10.4 Referências do Produto	129
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE A.....	136
APÊNDICE B.....	142
APÊNDICE C	144
APÊNDICE D.....	145

1 INTRODUÇÃO

A importância da leitura e todos os seus aspectos positivos na vida das pessoas é inquestionável e pressupõe-se que a partir da aquisição e habilidade para a leitura as pessoas estejam aptas para entender os conteúdos lidos.

À medida que o sujeito lê uma obra literária, vai construindo imagens que se interligam e se completam – e também se modificam – apoiado nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou. (Bordini, 1993).

Pesquisa realizada pelo ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) em sua quinta edição, traz dados de 2018, sobre perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação. A maioria dos estudantes são mulheres (54,6%) e mais de 50% têm idade entre 20 e 24 anos, 78,1% se declararam heterossexuais e 51,2% eram negros. Ao tomar conhecimento dos dados da pesquisa realizada pela Organização da sociedade civil de Interesse Público (OSCIP) – Instituto pró-livro, que investiga o comportamento do leitor e faz um mapeamento da leitura no Brasil, sendo coordenada por Failla (2020) desde 2007, trarei dados da 5ª edição de forma geral, em nível nacional, sobre a leitura no Brasil, onde em 2020, época da 5ª edição, o Brasil apresentou um índice de 48% de não leitores e mais de 40% entre esses não leem porque não compreendem o que leem. Segundo a pesquisa 93 milhões de não leitores, desses 78 milhões não leem porque não compreendem o que leem e da avaliação feita pelo PISA (Programa Internacional de avaliação dos estudantes), em 2022, que teve por intuito avaliar jovens de 15 anos em matemática, leitura e ciências, onde foram avaliados, 10.798 alunos de 599 escolas, no Brasil. No quesito leitura, a média de proficiência do Brasil (2022) foi de 410 e a média do OCDE de 476. O Brasil ocupou o ranking entre 44º e 57º lugar. Em nível de leitura

equivalente a Costa Rica, Colômbia e Peru. É preocupante, saber que o Brasil não é um país de leitores e segundo dados do INAF (Indicador de analfabetismo funcional) dados de 2018 avaliou 5 níveis de alfabetismo funcional: 1. Analfabeto 2. Rudimentar, 3. Elementar, 4. Intermediário e 5. Proficiente, e trouxeram os seguintes dados: 8% da população brasileira é analfabeta em uma idade de 15 a 64 anos, 22% apresentam nível rudimentar, 34% estava no nível elementar, 25% tinham um nível intermediário e em um grau mais alto de proficiência estavam apenas 12% da população brasileira. Depois de tomar conhecimento desses dados e trabalhando como bibliotecária, sendo uma profissional ligada à informação, passei a me questionar sobre os hábitos de leitura dos estudantes da graduação e como eles se conectam com a biblioteca e de que forma se apropriam da informação. Será que adquiriram hábitos de leitura, sentem prazer no ato de ler ou é considerada como uma obrigação?

O ato de ler é um processo mais crítico como podemos observar nas palavras abaixo

não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da leitura daquele. Paulo Freire (2011, p. 19)

Tendo em vista, os processos de alfabetização e letramento a que os sujeitos são expostos tanto em ambiente familiar e a posteriori nas escolas torna-se importante conhecer como foram adquiridos os hábitos de leitura e de que forma. Se foi estimulada a leitura desde a infância, se aprenderam a ler ou, não encontraram motivação e prazer no ato da leitura. Pretendo, entender ou analisar como se deu esse processo de aquisição da leitura dos graduandos do Instituto Federal de São Paulo, mais especificamente no Campus Cubatão, onde a pesquisadora exerce cargo público de bibliotecária.

A importância da leitura na formação do leitor nos indica como a mesma deve ser priorizada e incentivada em seus significados e referenciais, além da alfabetização como podemos observar

Sem dúvida que a alfabetização é uma condição necessária à formação do leitor, mas quando realizada em outros moldes: quando os leitores, de forma significativa, forem capazes de formar os referenciais e os significados indiciados através de mensagens escritas. Silva (1981, p. 34)

Buscou-se em bases de dados estudos mais relevantes que envolvessem a questão da leitura em diversos aspectos, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema, onde foram selecionadas 16 pesquisas nos seguintes países: Brasil, Colômbia, México e parcerias entre o Brasil e a República Tcheca, entre Portugal e Espanha.

As pesquisas podem envolver até dois países como exemplo podemos citar a pesquisa realizada com estudantes universitários tchecos e brasileiros, com o seguinte título: **“Hábitos de leitura em estudantes universitários tchecos e brasileiros com e sem dislexia”** dos seguintes pesquisadores: M Ptácková, B Martins, K Lukasova (2022). A pesquisa teve como objetivo de estudo comparar hábitos de leitura em adultos com e sem dislexia em diferentes culturas e línguas. Participaram da pesquisa 119 estudantes universitários, sendo 60 tchecos e 59 brasileiros, desse total, metade apresentava dislexia. Como metodologia para colher e analisar os dados utilizaram questionário de história de leitura (QHL) e teste de nível de leitura. Os resultados mostraram que:

A República Tcheca apresenta maior homogeneidade no desempenho das crianças na alfabetização, enquanto no Brasil a alfabetização é fortemente influenciada por níveis socioeconômicos de acordo com a realidade de cada família. O desempenho escolar pode sofrer influências culturais e do sistema escolar. Foram utilizadas as ferramentas (QHL) e testes de leitura

para fazer a avaliação das habilidades de leitura em adultos sem dislexia e adultos com distúrbios em leitura.

A pesquisa realizada com estudantes de Portugal, com o título: **“Hábitos e preferências de leitura de estudantes universitários: a relação com o desempenho em leitura e o desempenho acadêmico”** Cruz (2020). Nessa pesquisa o objetivo principal foi avaliar a relação que existe entre hábitos de leitura, a preferência de leitura e os desempenhos em leitura (compreensão e fluência) em estudantes universitários portugueses. O método utilizado para realizar a coleta de dados foi um questionário sociodemográfico, teste de fluência em leitura silenciosa, questionário de hábitos de leitura, questionário de preferências de leitura, teste TIL-1min e individualmente, tarefas de leitura.

A pesquisa foi realizada com 65 alunos do 1º ano da Licenciatura em Ciências Psicológicas, com idades entre 17 e 21 anos, foram 56 participantes do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Os resultados mostraram que: as mulheres dedicam significativamente mais tempo à pesquisa online do que os rapazes. Foi encontrada uma relação positiva entre a leitura de manuais escolares e fluência na leitura silenciosa. Os resultados do estudo demonstraram que, no geral, a leitura frequente favorece o sucesso acadêmico. A pesquisa não identificou vantagens referentes a preferência pelo papel na leitura, nem em relação ao desempenho em leitura nem ao desempenho acadêmico.

A pesquisa que traz como título: **“Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior”** Yubero, Larrañaga e Pires (2014), teve como objetivo o levantamento de dados sobre os hábitos de leitura dos estudantes do ensino superior nos países Espanha e Portugal. Como método de coleta de dados foram enviados questionários a nove instituições. O público participante foi de estudantes do ensino superior na Espanha e Portugal. No entanto, nesta publicação apenas se analisa os dados relativos à população portuguesa da amostra.

Como resultado da pesquisa constatou-se que: os estudantes leem mais que o restante da população. Identificou-se que as mulheres estudantes do ensino superior apresentam índices mais altos de leitura que os homens. Nos resultados predominam estudantes que leem algumas vezes por semana e possuem como gênero literário, o romance. Quando o quesito diz respeito a leitura voluntária é quase exclusivamente relacionada aos romances e no resto das leituras, os homens leem mais jornais e as mulheres revistas.

A preocupação com o tema sobre a leitura e seus desdobramentos estão presentes também em pesquisas na América Latina como verifica-se a seguir em ordem decrescente. Pesquisa realizada, na Colômbia, com o seguinte título: **“Comprensión lectora y rendimiento académico en estudiantes de psicología”**, Villamizar Acevedo e Mantilla Sanabria (2021) teve a participação de 49 estudantes de psicologia dos primeiros semestres de uma universidade privada de Bucaramanga, Colômbia. A investigação foi quantitativa, não experimental de tipo correlacional e de corte transversal. Os resultados dessa pesquisa mostraram uma relação entre o nível básico e o rendimento acadêmico geral. Foi encontrado nos estudos que os discentes que mais tempo dedicam a leitura são os que alcançam maiores resultados. Os autores concluem que a maioria dos universitários identificam a informação, porém não conseguem analisar o texto de forma crítica.

Uma pesquisa encontrada na Base de Dados Scielo, realizada no México, com o título de: **“Diagnóstico sobre hábitos de estudio en universitarios de nuevo ingreso como herramienta para identificar oportunidades de mejora.”** de Roman Fuentes, Franco Gurria e Roman Julian (2020), teve como objetivo diagnosticar os hábitos dos universitários ingressantes quando desenvolvem atividades relacionadas com o estudo. Utilizou-se o método exploratório e descritivo com um teste contendo 39 respostas dicotômicas (sim/não). Contou com uma participação grande de 1630 universitários ingressantes da Faculdade de Contabilidade e Administração, Campus I (FCA, CI) da Universidade Autônoma de Chiapas (Unach) no México. Os resultados mostraram que em média os estudantes tem dificuldades para realizar atividades relacionadas com a leitura e

apresentam problemas com distribuição do tempo. As perguntas foram relacionadas a oito dimensões: ambiente físico, condições fisiológicas, distribuição de tempo, leitura, técnicas de estudo, preparação para provas, concentração e atitude para com o estudo. Segundo os autores os resultados enfatizam a necessidade de se fazerem programas de intervenção nos primeiros semestres de licenciaturas para incentivar e melhorar a leitura dos alunos, técnicas para melhorar a distribuição do tempo e da concentração, a escola deve propiciar condições físicas para o desenvolvimento do estudo do aluno.

A importância da leitura na infância faz parte da pesquisa realizada na Colômbia, intitulada: **“La lectura en la infancia y niñez: incidencia en la construcción del sujeto lector”** Ortiz-Salazar e Peña Castaño (2019). Os autores apresentaram um artigo de reflexão sobre a leitura na infância e sua influência na construção de um leitor e de como proceder para trazer melhores práticas e motivação para a atividade da leitura. Os autores mostraram toda a importância do incentivo à leitura vindo de pessoas próximas a criança. Segundo Ortiz-Salazar e Peña Castaño (2019) para que a leitura não se reduza a um processo mecânico onde apenas se respondam perguntas, sem identificar ideias nem sentido, as crianças necessitam que mães, pais ou pessoas próximas lhes tragam histórias fascinantes cheias de significado e vida.

Outra pesquisa realizada na Colômbia, em Cartagena, **“Actitudes, hábitos y estrategias de lectura de ingresantes a la educación superior”**, Cardona Puello *et al.* (2018) com o objetivo de diagnosticar a disposição para a leitura dos estudantes ingressantes na formação universitária. O método utilizado na pesquisa foi uma abordagem mista com a aplicação de um teste de autorrelato. Foi adicionada a técnica de grupos focais para complementar as informações do teste. Os resultados mostraram que os estudantes ao ingressar na Universidade reconhecem a importância da leitura em sua formação pessoal e acadêmica, mas poucos desenvolveram o hábito de leitura e aplicam estratégias de leitura adequadas. A pesquisa indicou atividades ou planos que

podem ser implementados a nível de currículo e como pensar uma política institucional que construa uma comunidade de leitores.

As habilidades linguísticas orais e escritas foram pesquisadas no seguinte artigo da Colômbia: **“Habilidades linguísticas orales y escritas para la lectura y escritura en niños preescolares.”** Guarneros Reyes e Vega Pérez (2014) constituiu-se de um artigo de revisão por parte das autoras que teve como objetivos: descrever as relações existentes entre linguagem oral e escrita nos anos pré-escolares, e identificar as habilidades concretas da linguagem da criança pré-escolar que possibilitam a aquisição da leitura e escrita convencionais. Foi realizada busca nas Bases de dados ERIC y OVID e verificou-se os componentes da linguagem oral que se relacionam com a aquisição da leitura e escrita convencionais. As autoras sugerem como proposta da revisão realizada continuar estudando as relações causais entre habilidades linguísticas orais e de escrita nas crianças pré-escolares e o modo como se dá a leitura e a escrita.

Saindo do contexto da América Latina localizou-se artigos que não consta no título: “Hábitos de leitura”, mas que trata de assuntos relacionados ao livro e a leitura. Torna-se importante acrescentar estes artigos, como possíveis indicações, a serem utilizadas por estarem dentro da temática a ser pesquisada, podendo vir a serem de grande valia no decorrer do estudo sobre hábitos de leitura.

Britto e Di Giorgi (2022) em seu artigo intitulado **“Leitura de mundo”** e educação em Paulo Freire trazem uma discussão sobre o uso da expressão “leitura de mundo”. Acrescenta no entendimento sobre a questão da interiorização e linguagem, bem como, do processo de fala egocêntrica em Piaget ou Vigostki.

Para compreender o impacto da leitura no processo de adolescência, no desenvolvimento de leitores e não leitores vale analisar como ocorre as leituras literárias no ensino médio e seu alcance através do artigo: **Os processos de identificação na adolescência e sua relação com**

obras literárias: relato de pesquisa. Santos e Casetto (2020) fizeram entrevistas com alunos do ensino médio a fim de analisar possíveis identificações com personagens literários.

A família exerce um papel crucial na formação de leitores sendo muito interessante o artigo **Formação de leitores:** a dimensão afetiva na mediação da família de Orlando e Leite (2018). Trata-se de uma pesquisa com universitários dos anos iniciais de graduação de uma universidade pública do interior de São Paulo.

Nas pesquisas nacionais, que foram retiradas das bases de dados do Scielo e Google acadêmico, pode-se observar que, geralmente, trazem temas relacionados a leitura e ao leitor, suas competências e habilidades. Transcreve-se a seguir as pesquisas que trazem no título “Hábitos de leitura” sempre relacionados a estudantes de graduação, no período entre 2011 a 2020.

Pesquisa do ano de 2020, com o seguinte título: **“Hábitos de Leitura de estudantes ingressantes e concluintes de uma faculdade privada no Norte do Brasil”** teve por objetivo comparar os hábitos de leitura de estudantes de nível superior ingressantes e concluintes. Utilizou como metodologia uma pesquisa comparativa e descritiva com abordagem quantitativa. Os participantes foram 153 estudantes ingressantes e 159 concluintes que representaram toda a população iniciante e finalista da instituição em estudo. Os resultados mostraram que houve um aumento significativo dos estudantes concluintes que diziam “gostar de ler” e um aumento da porcentagem desses alunos que preferem “revista ou artigos científicos”. Houve uma diminuição no grupo dos concluintes que não leu nenhum livro no último ano e um decréscimo de concluintes que raramente leem. (Friedlander *et al.* , 2020)

Artigo de 2019, **“Contribuição do hábito de leitura dos discentes do curso de ciências contábeis para o desenvolvimento de competências profissionais”**. Teve como objetivo identificar a contribuição do hábito de leitura dos estudantes de ciências contábeis para a sua formação profissional como contadores. Para a coleta de dados foi aplicado teste de Close e da Escala de funções de leitura. O público-alvo da pesquisa foi 180 universitários do curso de Ciências

Contábeis de uma instituição de ensino superior. Observou-se que os alunos apresentam dificuldades na compreensão textual. Em relação aos testes de função de leitura, os resultados demonstraram maior uso das funções aprendizagem e utilidade pelos universitários. Verificou-se que há ambiente propício para o desenvolvimento de competências de aprendizagem e leitura. (Nascimento, Garcia e Albuquerque Filho, 2019).

Pesquisa de 2017, da Universidade Federal de São João Del-Rei, com o título: **“Estudo dos hábitos de leitura na comunidade acadêmica do Campus Alto Paraopeba da Universidade Federal de São João Del-Rei”** de Oliveira *et al.* (2017) teve como objetivo principal verificar hábitos de leitura por meio de um questionário para 220 discentes no CAP-UFSJ. Os resultados da pesquisa mostraram que a maioria gosta de ler, sendo que as mulheres leem mais que os homens. Quando perguntado sobre os cursos que mais gostam de ler identificou-se engenharias de telecomunicações e os que menos gostam de ler, engenharia civil. O gosto pela leitura, quanto à escolaridade dos pais e acesso à internet, não apresentou variação significativa. A frequência de leitura dos estilos seguiu a seguinte sequência: jornais, revistas, livros/artigos científicos, contos/histórias, poesias, biografias. A falta de tempo para leitura e textos de internet se destacaram.

Também do ano de 2017, a pesquisa de uma universidade estadual do Paraná que tem por título: **“Perfil de estudantes ingressantes de um curso de enfermagem do Sul do Brasil: caracterização dos hábitos de leitura e estudo”** com autoria de Garcia, Moraes e Guariente (2017) que teve como objetivo descrever a prática de leitura e estudo dos alunos ingressantes do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. Foi uma pesquisa documental, descritiva e retrospectiva com abordagem quantitativa através de um questionário. Os participantes eram egressos do curso de enfermagem dos anos de 2000, 2005 e 2010. Os resultados da pesquisa identificaram que entre os 164 ingressantes a maioria é do sexo feminino e solteiras, com idade entre 16 e 18 anos. O hábito de leitura esteve presente na maioria dos pesquisados, sendo que

menos da metade relataram apresentar facilidade na redação de textos e outros participantes, um pouco mais da metade, responderam ter facilidade parcial na interpretação de textos. Os estudantes ainda expressaram preferência por estudar sozinho, sendo a leitura silenciosa a forma de estudo mais relatada.

Artigo com temática interessante intitulado **“Refletindo sobre a Dificuldade de Leitura em Alunos do Ensino Superior: "Deficiência" ou Simples Falta de Hábito?”** Este artigo de Tourinho (2011) teve como objetivo refletir sobre a leitura no ensino superior trazendo considerações sobre leitura em estudantes de graduação. Verificou-se aspectos sociais e históricos, bem como um panorama da leitura no Brasil, em que se expõe o avanço do livro e da leitura, com destaque para seus conceitos e suas funções. Estuda-se também a importância da leitura no processo educacional, salientando a interpretação, a compreensão e a intertextualidade, abordando-se nesse item o perfil do leitor brasileiro, principalmente quando ele cursa o nível superior.

2 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Desde os primórdios da organização da sociedade brasileira, houve um processo de dominação entre os diferentes grupos que a compunham. Estigmatizaram as camadas mais pobres, enquanto se concentrava riqueza. De acordo com Campos (2013, p. 201) essa composição acabou se refletindo na escola, incorporando a ideia de “mercantilização e segregação entre classes.”

A educação se situa entre duas esferas duais, uma educação voltada a elite e outra destinada a camada mais pobre. Nossa história social por quatro séculos desde meados do descobrimento até a Proclamação da República se baseou em um sistema explorador escravocrata, onde a educação não era um tema bem-visto por quem detinha o poder. A economia por ser exclusivamente baseada na monocultura concentrava a maior parte da população nas áreas rurais sem qualquer acesso a educação. A formação social no Brasil aconteceu sem qualquer preocupação com o bem-estar de

sua população. Com base em um contexto excludente, tanto social como histórico, a educação vai sendo modelada por membros da sociedade, quer seja na educação formal ou informal. Apesar de todas as dificuldades impostas a sociedade, no sentido de controle da educação, pode-se dizer que entre avanços e retrocessos houve valiosas contribuições de educadores brasileiros como Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Paulo Freire, entre outros, que questionaram esse modelo educacional vigente e que excluía a maior parte da população brasileira.

2.1 Pequena História da Educação Brasileira

A história da educação no Brasil se inicia com a colonização, quando vieram junto com os colonizadores diversos jesuítas, liderados por Manuel da Nóbrega. Em 1549, segundo Aranha (2006, p. 140) apenas 15 dias depois, os missionários já empreendiam uma escola de “ler e escrever”. Durante um período de 210 anos catequisaram os indígenas, filhos dos colonos, formação de novos sacerdotes e da elite intelectual.

Segundo Gusmão (2010, p. 110) “A escola jesuítica emerge no Brasil com o objetivo de apagar as culturas dos outros, integrando os índios de modo subalterno na sociedade que se constituía. Ainda assim, era um projeto educativo e escolar que se dizia incluyente tinha “[...] como pressuposto a concepção de mundo cristã, europeia e branca, de modo que se tratava de eliminar todas as concepções diferentes e divergentes em relação àquela que se punha como hegemônica.”

Começa a consolidar-se a instrução dos filhos dos colonos e da elite. Para eles a educação oferecida pelos jesuítas podia se estender além da escola elementar. Aranha (2006, p. 143). Os filhos dos colonos geralmente eram encaminhados a estudar direito, filosofia ou medicina, na sua maioria na Universidade de Coimbra, em Portugal. Aqui já se observa um desenho de domínio político, através da educação, com intervenção dos jesuítas.

Aranha (2006, p. 165) traz um subitem sobre educação com o título “a cultura silenciada, no século XVII”, onde constata-se que núcleos urbanos neste século eram muito pobres devido ao fato da maior parte da população se concentrar em áreas rurais. Mulheres e negros eram excluídos do ensino. Os mestiços mais tarde passaram a reivindicar espaços na educação. Uma visão de cultura erudita e europeizada devia ser o modelo a ser seguido e imposto na recém colônia. Percebe-se um grande menosprezo pela cultura popular e uma necessidade pela elite de excluir mulheres, negros e indígenas da educação formal.

2.2 A Educação Profissional e Tecnológica

A educação profissional no Brasil iniciou-se somente com a vinda da família real ao Brasil. Criou-se de acordo com Oliveira (2022) no período do império, em 1809, o Colégio das Fábricas, no Rio de Janeiro. Segundo Aranha (2006, p. 228) os colégios das fábricas eram “destinados a ensinar ofícios aos órfãos que aqui chegaram com a comitiva real e aprendiam com artífices que também vieram de Portugal.” De acordo com Aranha (2006 p. 229) no período entre 1840 e 1856, “as casas de Educandos Artífices, caracterizadas pela disciplina militar, foram criadas em dez províncias. Um dos estabelecimentos de destaque foi o Asilo dos Meninos Desvalidos, em 1875, no qual se recolhiam crianças de 6 a 12 anos”.

Veremos o contexto de criação dos Liceus de Arte e ofícios, que segundo Aranha (2006, p. 229) eram estimuladas suas criações pelas organizações da sociedade civil para aprendizagem de ofícios, geralmente com apoio do governo para tais empreendimentos. "O primeiro, em 1858, no Rio de Janeiro, Salvador em 1872 e São Paulo (1882).

O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, segundo Aranha (2006) era uma das poucas escolas que procuravam atender às exigências da produção fabril, oferecendo ensino de tornearia, de mecânica e de eletricidade.

Quando ocorre a passagem do período escravocrata para o período republicano havia poucas iniciativas voltadas ao ensino profissional. Justificava-se a necessidade de criar escolas voltadas a este segmento usando ideologias como preparar para o trabalho a fim de evitar ociosidade, desordem pública, evitando influência de anarquistas considerados agitadores. Aranha (2006, p. 308).

A educação profissional no Brasil, em seu início, foi uma modalidade educacional voltada para quem não tinha escolha devido a origem social e econômica. Nessa época, já se verificava, um forte preconceito contra o trabalho manual e artesanal que era considerado coisa de negros e indígenas. Os cursos propedêuticos (preparatórios) ofereciam educação livresca, erudita e humanista e o ensino superior era destinado à formação intelectual e ao preparo profissional da elite. Delgado (2018, p. 88).

No período inicial da República se “oficializava a distância que se mostrava na prática, entre a educação da classe dominante (escolas secundárias acadêmicas e escolas superiores) e a educação do povo (escola primária e escola profissional). Refletia essa situação uma dualidade que era o próprio retrato da organização social brasileira.” (Romanelli, 1988, p. 41 apud Oliveira, 2022).

Foram criadas 19 escolas de aprendizes e artífices, em 1909, pelo governo federal. Uma em cada estado. Prevaleceu interesses políticos nem sempre adequados ao local onde as indústrias se estabeleciam, pois, as indústrias se concentravam no centro-sul, especialmente em São Paulo. Embora houvesse um surto industrial que se iniciava na maioria delas eram ensinados ofícios artesanais como marcenaria, alfaiataria e sapataria e não os manufatureiros que eram requisitados. Aranha (2006, p. 308).

Informação disponibilizada no site do MEC diz que a Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937 transformou as escolas de aprendizes e artífices mantidas pela União em liceus industriais e

instituiu novos liceus, para propagação nacional “do ensino profissional, de todos os ramos e graus” (Art. 37).

Também traz a informação sobre o Decreto-Lei nº 4.127/42, que estabeleceu as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial, constituída de escolas técnicas, industriais, artesanais e de aprendizagem, extinguiu os liceus industriais, transformou em escolas industriais e técnicas, as quais passaram a oferecer formação profissional nos dois ciclos do ensino industrial.

Com a reforma Capanema, em 1942, surgem dois tipos de ensino profissional no Brasil. Um deles mantido pelo sistema oficial e outro mantido pelas empresas, mas supervisionado pelo Estado, como exemplo, podemos citar a criação do Senai. Uma reforma que mantinha o sistema dual de ensino. Aranha (2006, p. 308). Seguindo a cronologia disponibilizada no site do MEC, no ano de 1959, foram instituídas as escolas técnicas federais como autarquias, a partir das escolas industriais e técnicas mantidas pelo Governo Federal.

Segundo Oliveira (2022) em seu ebook, Políticas Públicas para o ensino profissional, no capítulo 1, intitulado: educação tecnológica: a busca de um conceito, o termo foi usado pela primeira vez, através da Lei 6.545/78, no governo Juscelino Kubitschek, que elevou três escolas técnicas federais ao status de CEFETS (Centro Federal de Educação Tecnológica), em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná.

Oliveira (2020) diz que na década de 1990 o neoliberalismo passa a vigorar não só no Brasil, mas mundialmente. Trouxe consigo a redução do estado ao mínimo possível, falta de proteção ao trabalhador, abertura das economias e o mercado podendo atuar com liberdade. O Brasil entra em uma fase de produzir e competir, para isso deveria modernizar-se a produção e a qualidade dos produtos.

Com o fenômeno da tecnologia, principalmente no século XX, tornou-se necessário educar para a tecnologia. Ampliou-se a educação técnica pois surgiram novos modelos de gestão de

trabalho. A produção passa pela integração de equipes que antes vinham trabalhando de maneira individualizada. Neste contexto nasce a Rede Federal de Educação Tecnológica.

Os Institutos Federais são criados pela Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008. A criação da rede federal fez com que a educação profissional, científica e tecnológica voltasse a ser integrada sendo pensado como uma política pública para o ensino tecnológico.

Oliveira (2020, p. 26) não deixa de reconhecer as significativas mudanças ocorridas na área tecnológica através de ampliação e expansão da rede, mas segundo Oliveira ainda dão provas de estar a serviço do capital dependente. Oliveira (2020, p. 42) ressalta que uma medida da política de educação tecnológica importante tem sido voltada ao ensino superior, no caso cursos superiores de tecnologia e a pesquisa voltada ao mercado.

3 LER O MUNDO PARA LER LITERATURA

Iniciamos este capítulo com um questionamento sobre o porquê da necessidade de se ler o mundo tão insistentemente requerido pelo educador Paulo Freire? Tão sabiamente Paulo Freire nos diz que é através da educação que o homem irá praticar a sua liberdade. Como? Através das suas experiências, das suas leituras de mundo acumuladas.

Torna-se necessário reconhecer os saberes e trazê-los para a educação, para a prática na sala de aula e outros ambientes da escola, como auxiliares no processo e também usar esses conhecimentos para se trabalhar com as mais diferentes literaturas existentes.

Para Freire, a educação (formação) constitui um processo contínuo, não só em ambiente escolar, mas no mundo cotidiano das pessoas que se encontram em completa interação com o meio onde vivem.

Nas palavras de Freire (1982, p. 36) a reflexão ou auto reflexão se resume em “ Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras.”

3.1 Iniciação preliminar à leitura

Iniciamos este capítulo trazendo a beleza da descrição do autor francês Proust (2003, p. 85) sobre o ato de leitura nas suas palavras

“E, não querendo renunciar à leitura, ia pelo menos continuá-la no jardim, sob o castanheiro, numa pequena guarita de esparto e lona no fundo da qual me sentava, julgando-me oculto aos olhos das pessoas que por acaso viessem fazer uma visita a meus pais.”

De onde vem esse prazer na leitura? Como se adquire esse gosto? Estaria relacionado ao modo como a escrita e a leitura foram introduzidas e por quem? No meio social em que viviam havia o gosto e o incentivo para a leitura, esta, sendo considerada de vital importância? Para compreendermos, ou, tentar compreender, um pouco sobre a gênese da leitura e de como ela se inicia, se realmente, já foi pesquisada no Brasil, torna-se necessário, buscarmos alguma teoria ou reflexões sobre o assunto ou em assuntos relacionados, caso da escrita e leitura. As educadoras e pesquisadoras argentinas, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, realizaram pesquisas na América Latina e se dedicaram a descobrir a gênese da escrita, o que elas descrevem em seu livro “Psicogênese da língua escrita.” Será que a leitura e a escrita caminham lado a lado? O que seria essa gênese ou psicogênese descrita pelas autoras? Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) essa procura pela gênese da escrita (começo) passa pela tentativa de explicar processos e as formas pelas quais a criança aprende a ler e escrever. Ela deve compreender além das características, o valor e qual a função da escrita, ou seja, para que ela serve.

Outra opinião, a respeito da gênese, vem do construtivismo, segundo Matuí (1995, p. 46) ele diz que o construtivismo explica a gênese ou origem da mente e do conhecimento. Segundo ele há um nascer ou construção da estrutura sujeito-objeto, mente-pensamento e das funções psíquicas superiores e todo conhecimento tem uma origem. Segundo Salvador et al. (1999, p. 89) o processo de desenvolvimento na teoria genética de Piaget é considerado “uma construção progressiva” e nem se limita a deslocar elementos preexistentes no seu desenvolvimento. Durante o desenvolvimento cognitivo humano há uma construção não prefixada, mas em constante movimento. Matuí (1995, p. 50) define a psicogênese como o estudo da mente e dos conhecimentos, “gênese da psique humana” com representações da mente, memória, pensamento e a “gênese dos conhecimentos.”

No livro, “Psicogênese da língua escrita”, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 17) apresentam na introdução um resumo de sua pesquisa que transcorreu em um prazo de dois anos com crianças de 4 a 6 anos. Elas descrevem que o objetivo do livro é “tentar” explicar os processos e formas, com as quais, a criança aprende a ler e a escrever. Apresentam o processo do ponto de vista da criança, como ela o sente e interage. Primeiramente situam a educação na América Latina, mas sem aprofundamento, mas deixam, em destaque, que influências de fatores metodológicos e sociais estarão presentes em todo o livro. Também no capítulo 1, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999, p. 28) trazem uma subdivisão, que recebeu o seguinte título: a pertinência da teoria de Piaget para compreender os processos de aquisição da leitura e da escrita. As autoras se identificaram com a teoria de Piaget para se embasarem na compreensão da aquisição da escrita e da leitura na sua pesquisa. Emília Ferreiro teve uma proximidade com Piaget e sua teoria, pois, Emília foi orientanda e colaboradora de Piaget e viu na prática a aplicação de suas pesquisas. Nesta subdivisão, elas ao considerar a literatura psicológica existente com as habilidades para aprender a ler e escrever dizem que aparece sempre as mesmas variáveis: espacial, visual, auditiva,

coordenação viso-motora, boa articulação. Espera-se daí que se a criança apresenta todos esses fatores apresentará uma boa aprendizagem da língua escrita. O que explica então índices tão altos de repetência nos níveis iniciais de alfabetização onde a leitura está incluída.

Sinclair (1999) no prólogo do livro de Ferreiro ela traz uma explicação sobre este método que podemos resumir assim: por meio do diálogo o experimentador explora noções infantis e durante esse processo de dialogicidade levantam-se hipóteses sobre o pensamento da criança, ela, a criança será provocada com perguntas e situações de teste, será o momento em que o experimentador irá testar suas hipóteses. As contribuições de Jean Piaget no processo de desenvolvimento do sujeito e no desenvolvimento intelectual são classificadas dentro de uma teoria construtivista. Ele investigou a evolução do desenvolvimento cognitivo. De acordo com Salvador et al. (1999) A psicologia genética de Piaget propõe 3 princípios de desenvolvimento cognitivo que podem ser resumidos assim: 1. O ser humano se adapta biologicamente usando a inteligência e alcançando o equilíbrio. Promove intercâmbios entre organismo e o meio, mas também, no processo de conhecimento dos objetos. 2. Há um processo de construção do conhecimento no decorrer do desenvolvimento. 3. O conhecimento nasce de intercâmbios do sujeito com o objeto. Piaget (2017, p. 89) descreve como se dá a conduta da criança durante o processo de desenvolvimento, que de acordo com ele, a conduta assimila esquemas anteriores “(assimilações a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade)” e acomodação destes esquemas à situação atual. A teoria do desenvolvimento de Piaget se baseia em noção de equilíbrio, pois condutas tendem a equilibrar fatores internos e externos ou, assimilação e acomodação.

Bock; Furtado; Teixeira (2018) comentam que a teoria de Piaget apresenta, em cada etapa do desenvolvimento, operações cognitivas do ser humano, e essas operações estão subordinadas a um processo geral de equilíbrio. Para entendermos esse processo vamos trazer uma definição de cognição, em Bock; Furtado; Teixeira (2018, p. 194) onde o sujeito recebe do meio onde vive

diversas percepções e influências, as quais, serão organizadas, assimiladas de forma significativa atribuindo significados, já o cognitivismo segundo Bock; Furtado; Teixeira (2018, p. 142) preocupa-se com o processo de como se dá a compreensão, transformação, armazenamento e utilização de informações no desenvolvimento intelectual da criança.

No prefácio do livro “Reflexões sobre alfabetização”, do ano de 2001, Telma Weisz (2001, p. 3) constata que as preocupações das investigações relacionadas as questões de alfabetização, tradicionalmente, giram em torno da seguinte pergunta: “Como se deve ensinar a ler e escrever?” Havia uma crença de que todo o processo de alfabetização começava e acabava na sala de aula e ao professor havia a garantia de aplicação do método correto durante o processo.

Silva (2011, p. 35-37) traz em seu livro, um capítulo, dedicado a necessidade de um inquérito sobre leitura, onde ele diz que a leitura está em todos os níveis educacionais, iniciando, “formalmente com a alfabetização” onde a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas pela escrita. Mas segundo o autor apesar da sua importância multifacetada dentro do ambiente escolar, ela, a leitura, é fonte de inquietação e os professores sem o respaldo de dados e informações fazem o ensino da leitura para seus alunos através de práticas educativas baseadas em ensaio-e-erro quando aborda “materiais escritos junto a seus alunos.” Silva (2011, p. 38) chama a atenção para o descaso com o ato de ler em investigações do aluno leitor-brasileiro, quando se analisa o preparo do professor, nos aspectos referentes ao ensino da leitura, principalmente, quando tudo parece se resumir em métodos de alfabetização onde os futuros professores de anos iniciais serão treinados. “(como se a leitura abrangesse apenas um processo limitado de alfabetização, isto é, decifração do código)”

Vinh Bang, em 1962, era o encarregado de cursos do Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, quando ensaiaram um estudo experimental (ensaio de didática, de

métodos de avaliação objetiva do rendimento, tabelas e escalas de escrita. Bang (1962, p. 16) sobre a evolução da escrita, já em 1962, fazia questionamentos sobre falta de estudos a respeito da escrita, mas observa que o ensino está se voltando para o desenvolvimento da criança como caráter essencial. Segundo ele faltam estudos sobre a evolução da escrita, mas a nova pedagogia é ter em conta a criança, seu desenvolvimento e o ensino deve se subordinar a esse desenvolvimento. A criança em uma idade determinada ainda não é capaz de assimilar certas noções. Ele pergunta “¿Por qué no se tiene en cuenta esta evolución en la enseñanza de la escritura? Todavía faltan estudios longitudinales en escritura, dicho de outro modo estudios sobre el modo en que evoluciona la escritura desde su aprendizaje en el niño hasta su empleo por el adulto.”

Bang (1962, p. 16-17) faz a seguinte pergunta: “Resolver el problema de la escritura, ¿no es conciliar el problema social y el problema psicológico, es decir ajustar las necesidades actuales a las posibilidades reales del niño, posibilidades determinadas con ayuda de la psicología?” Bang (1962 p. 19) ainda levanta as seguintes perguntas que acho interessante transcrever pois virá ao de encontro de pesquisas de Emília Ferreiro “¿es capaz el niño de aprender a escribir a los seis años?” y “¿a los seis años el niño debe saber escribir?”

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 286) descrevem o aprendizado por decifração, que entendemos, assim: Seria um aprendizado totalmente dentro e de acordo com o sistema escolar, onde leem, mas não compreendem. “fazem um ruído com a boca em função dos sinais que veem com os olhos.” Elas ainda alertam que pode ocorrer um decifrado correto e ele pode coexistir com a incompreensão do texto. A dificuldade não se explica por questão de memória. Se o texto não tem significado se reduz a sílabas ou palavras sem sentido. Ferreiro (2001, p. 98) descreve que o aprendizado na escrita se inicia em vários contextos na paisagem urbana. As crianças que vivem em cidades, de 5 anos, já identificam o que é escrever e desenhar ou letras e números que

apresentam, em comum, o fato de não serem desenhos. Sem saber já estão praticando o ato de ler que terá como resultado o ato de escrever.

Para entendermos a palavra “Leitura”, partiremos de um conceito geral, que segundo Martins (2012) é muito comum, a respeito de leitura. Segundo este conceito toda leitura está restrita a decifração da escrita. Mas para Martins (2012, p. 33) a leitura começa antes do contexto de leitura e vai além do texto, quando o leitor se torna atuante, deixando de ser um mero receptor e decodificador passivo perante o texto e a leitura se dá em um diálogo entre leitor e objeto lido que pode ser escrito, sonoro, gesto, imagem ou acontecimento.

O que pode provocar um ato de leitura? Entender os signos presentes em algum meio? Hoje entendemos que pode haver vários tipos de leituras em contextos diferentes. O ato de ler é um processo, mais crítico, como bem colocado pelo educador Paulo Freire (2011, p. 19) que a leitura da palavra e da escrita não se esgota com a simples decodificação, ela se antecipa e pode se alongar nas leituras ou “inteligência do mundo.” Na opinião de Freire há uma leitura de mundo que antecede a leitura da palavra, antes de se alfabetizar ou decodificar as crianças já estão inseridas em algum contexto e fazendo as suas leituras, mas com a alfabetização não se deve ignorar as leituras feitas do mundo anteriormente. Percebe-se que além de decodificar e conseguir decifrar os códigos alfabéticos ou numéricos, o sujeito leitor deve ser capaz também de ler nas entrelinhas, através das palavras fazer leituras de mundo, conforme, disse Paulo Freire e desenvolver a sua criticidade. Freire (2011, p. 21) traz suas primeiras impressões sobre o ato de ler quando ele diz que “seu mundo era especial” e lhe permitia desenvolver atividades perceptivas se tornando o mundo das suas primeiras leituras. Dentro de contextos de leituras, signos e símbolos, vejamos, uma definição de Hoebel e Frost (1976, p. 19) sobre a linguagem e simbolização, em que eles dizem que a linguagem é um produto cultural e representa a chave para compreender sua natureza. Na falta da linguagem, a cultura se torna limitada, pois é a linguagem essencial para a

simbolização. As línguas constituem sistemas de simbolismo vocal e de símbolos visuais como a escrita. A sociedade vê e compreende seu mundo pelo sistema de símbolos presentes na sua cultura. Diversas culturas usam as línguas como símbolos para vocalizar e visualizar utilizando-se da escrita para se comunicarem.

Para que a experiência seja acumulada, transmitida e transformada Santos (1996, p. 42) diz que a simbolização deve permitir que o conhecimento seja condensado e as informações processadas. Acredita-se que se a simbolização não permitiu o conhecimento de forma condensado e as informações assimiladas e processadas, não houve aquisição de conhecimento e nem acréscimo de experiência acumulada para ser transmitida e transformada. Voltamos novamente as interrogações - O que vem em primeiro lugar? A leitura ou a escrita ou esses dois atos distintos ocorrem de forma concomitante? Mas em que instante ocorrem leituras? Segundo Martins (2012, p. 17) quando os conhecimentos adquiridos são organizados dentro de situações reais, impondo nossa atuação, quando começamos a estabelecer relações entre as experiências [nossas e dos outros] e nos propusemos a resolver os problemas na prática, daí estamos realizando leituras que nos habilitam “a ler tudo e qualquer coisa”.

Coelho (2000, p. 18) defende que para que se concretize o ato de leitura deve haver um diálogo entre quem lê e o texto, e esta atividade deve estimular de forma global as emoções, intelecto e imaginário. Pela informação imediata presente na “história”, “situação”, ou “conflito” ela pode levar o leitor a uma formação interiorizada em curto, médio e longo prazo. “(pela fruição de emoções e gradativa conscientização dos valores e desvalores que se defrontam no convívio social).” Coelho (2000, p. 31) diz que um ato de aprendizagem pode ser realizado quando se está diante de um ato de leitura ou de audição onde se completa um fenômeno literário. Coelho (2000, p. 51) considera que o ato da leitura possibilita o conhecimento da consciência de mundo ali presente. O leitor o assimila e começa a atuar em seu espírito no sentido de transformação. Mas,

para que essa importante assimilação se cumpra, ela deixa claro que, deve ser estabelecida uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é lido. Matui (1995, p. 95) define assim a assimilação, seria a forma que, o sujeito assimila e “encaixa” à estrutura os objetos que ele possui, e na acomodação, o sujeito “muda” a própria estrutura para que o objeto seja encaixado. Acomodação significa mudança, alteração, não do objeto mas do sujeito mesmo.

Martins (2012, p. 23) afirma que as metodologias de alfabetização não garantem por si só a existência de leitores efetivos, ela diz que, uma grande maioria depois de alfabetizado limita sua leitura a coisas pragmáticas, embora saibam que a leitura é essencial para ter conhecimento, conquistar autonomia, para que, em suas palavras deixem de “ler pelos olhos de outrem.” Martins (2012, p. 33) argumenta que a leitura começa antes do contexto de leitura e vai além do texto, quando o leitor se torna atuante, deixando de ser um mero receptor e decodificador passivo perante o texto e a leitura se dá em um diálogo entre leitor e objeto lido que pode ser escrito, sonoro, gesto imagem ou acontecimento.

Ferreiro (2001, p. 18) Geralmente as primeiras escritas infantis são linhas onduladas ou quebradas, podem ser fragmentadas ou contínuas, aparecer como séries de bolinhas ou linhas verticais. Ferreiro e Teberosky (2001, p. 45) segundo elas o primeiro critério que as crianças utilizam para se organizarem são a distinção entre o que é figurativo e não figurativo. Figura não se lê e para que haja uma leitura deve ter (letras ou números). A partir daí adotam outro critério, que seria a quantidade. Emília e sua colaboradora adotam o que chamam de “quantidade mínima de caracteres” que oscila por volta de três caracteres. Outro critério identificado pelas pesquisadoras diz respeito a variedade dos caracteres que elas denominam de “variedade interna de caracteres”. Para que haja leitura as grafias devem variar entre si. Emília e Teberosky (2001, p. 46) faz o seguinte questionamento: “De onde vem a ideia infantil de que não se pode ler com

poucas letras?” Ela constata que são construções subjetivas da criança, porque houve uma elaboração interna. Elas fazem sistematizações baseadas no próprio raciocínio.

De acordo com Emília Ferreiro (2001 p. 35) há uma polêmica metodológica sobre a ordem de introdução da leitura e da escrita. Na metodologia norte-americana a leitura precede a escrita, enquanto na América Latina, introduzem-se de forma conjunta as duas atividades, por isso a expressão lecto-escritura. Mas há uma expectativa de que as crianças leiam antes de escrever. Ferreiro (2001, p. 37) “A língua escrita é um objeto de uso social, com uma existência social (e não apenas escolar”. Essa linguagem social representa todo um meio cultural que foi acumulando saberes e passando de geração a geração.

Para a educadora, Emília Ferreiro (2001, p. 98), as crianças iniciam o aprendizado da escrita antes mesmo da alfabetização, em diversos contextos, principalmente as crianças de meios urbanos com idade de 5 anos que possuem acesso a vários tipos de informações. Elas trabalham através da cognição (tentativa de compreensão) desde muito cedo. Pesquisas realizadas por Ferreiro e colaboradoras, por 10 anos ininterruptos, identificaram que as crianças problematizam, constroem sistemas de interpretação e raciocínio, onde procuram compreender a complexidade da escrita como esta aparece na sociedade. Porém, ela, chama a atenção com base no resultado das pesquisas sobre a dificuldade de crianças que não tiveram a oportunidade de conviver com pessoas letradas, principalmente crianças de meio rural. Conclui que é no meio rural onde o ensino da pré-escola é fundamental. De acordo com a análise de Ferreiro (2001, p. 101) comenta-se muito sobre a “prontidão para a lecto-escritura” mas se esquece que as ocasiões sociais onde a criança entra em contato com a escrita são essenciais.

Piaget (2017, p. 19) cita o período da fala ou linguagem egocêntrica em criança, como sendo muito pontual, em jogos e atividades, pois ela não fala somente com os outros, mas consigo

mesma nestes contextos de linguagem. Piaget (2017, p. 20) defendeu que entre 2 e 7 anos se encontram todas as transições entre duas formas extremas de pensamento, sendo que a segunda sempre irá dominar a outra, pouco a pouco. A primeira forma seria a incorporação ou assimilação, onde o egocentrismo exclui a objetividade. A segunda forma é a do pensamento adaptado aos outros e a realidade.

Salvador et al. (1999, p. 97) conclui que a teoria de Piaget fica a desejar quando o assunto se refere a educação, dedicando a ela um papel secundário não a considerando como um fator importante para o desenvolvimento pessoal. A educação escolar refere-se a conhecimentos com base sociocultural em contextos específicos onde o desenvolvimento acontece, enquanto, a psicologia genética realiza pesquisas de estruturas gerais e universais do pensamento.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 32) comentam que não existe nenhum ponto de partida que seja absoluto na aprendizagem, porque por mais novo que seja o conhecimento ele deverá ser assimilado pelo sujeito. Então elas concluem que o ponto de partida de toda aprendizagem é o sujeito com seus esquemas assimiladores disponíveis. Elas descrevem que o conhecimento objetivo, na teoria de Piaget, é uma aquisição e não um dado inicial. A direção para este conhecimento não é linear, mas acontece passo a passo com grandes reestruturações globais. Podem ocorrer erros que podem ser construtivos. [OBJ]

O psicólogo Vigotsky (2009, p. 254) faz uma crítica a teoria de Piaget quando ele (Piaget) vincula o pensamento infantil apenas sob a ótica de conceitos espontâneos sem considerar a formação de conceitos não espontâneos adquiridos sob a influência de adultos. Na teoria de Piaget, a qualidade original do pensamento da criança, foi dividida em conceitos espontâneos e não espontâneos. Deduzimos que as crianças vivendo numa sociedade, desde cedo, podem sofrer vários tipos de influência dos adultos, a qual, poderá ser em maior ou menor grau. Resta saber o

quanto de espontâneo as crianças trazem consigo desde pequenas que não sejam o resultado de interações sociais.

Vigotsky (2008, p. 106) alega que as ideias das crianças acerca da realidade possuem uma nítida fronteira, de acordo com Piaget. Essas ideias são desenvolvidas por esforços mentais contínuos e as que tiveram influência de adultos. Piaget as divide em dois grupos: o primeiro é denominado de espontâneas e o segundo grupo não espontâneas, admitindo que este segundo grupo merece ser investigado. Para Piaget um dos seus princípios básicos é a socialização progressiva do pensamento, a qual, seria a essência do desenvolvimento mental na criança. Vigotsky defende como incoerência na teoria de Piaget, em relação aos conceitos não espontâneos, no que diz respeito, a socialização do pensamento na aprendizagem escolar, como se ela, não tivesse qualquer relação com os processos do desenvolvimento interior.

Kreich e Crutchfield (1973, p. 124) menciona que a palavra é um atributo do objeto, citando Piaget e Vigotsky, que segundo eles, a palavra é percebida como um “atributo inseparável do objeto” assim como a cor do objeto, entende-se que no caso de objetos específicos, a flexibilidade das palavras seja mais difícil do que palavras que representam sinais ou símbolos. “A habilidade para ver uma palavra como sinal de um objeto parece desenvolver-se com a idade.”

No livro “Elementos de psicologia” aparece um quadro na página 124, que se chama, “Uma vaca é uma vaca, é uma vaca.” resultado de pesquisa de Vygotsky onde ele constata que crianças com idade pré escolar mostram que o nome de um objeto não pode ser separado das outras qualidades do objeto. Podemos citar o exemplo referente a vaca onde o pesquisador (aqui chamado de experimentador) pergunta: “uma vaca tem chifres? A criança: “tem, sim.” O experimentador: “mas a “vaca” é, na realidade, um cachorro.” A criança: “naturalmente, se um cachorro é uma vaca, se é chamado vaca, então deve ter chifres. Esse cachorro, que é chamado vaca, precisa ter

chifres pequenos.” Percebe-se, através deste exemplo, que a criança identifica a palavra vaca, que na sua opinião, deve possuir chifres para ser uma vaca. Se não possuir chifres não é uma vaca. Quando o experimentador diz que é um cachorro, ela diz que, se deve pôr os chifres e devem ser pequenos, proporcionais ao cachorro, para que ele se torne em uma vaca. A vaca que a criança tem conhecimento é a vaca com chifres.

Vygotsky (2009, p. 149) explica que para desenvolver o pensamento e a linguagem, a criança, depende dos instrumentos que ela possui em seu pensamento e de sua experiência sociocultural. Para o desenvolvimento da linguagem interior deve-se levar em consideração os fatores externos. A criança para desenvolver a lógica no seu desenvolvimento depende da sua linguagem socializada, de acordo com estudos de Piaget. A criança para desenvolver o seu pensamento fica na dependência do domínio dos meios sociais do pensamento, ou seja, a linguagem. Verifica-se aqui a importância que Vygotsky atribui a experiência sociocultural que a criança possui, esta adquirida através do convívio no seu meio social. Ele argumenta que para desenvolver o pensamento e a linguagem, ou a linguagem e o pensamento a criança vai valer-se de sua experiência até então vivenciada, [no pensar/falar e falar/pensar].

Vygotsky (2009, p. 133) acrescenta que não se pode deixar de considerar todo o processo da linguagem interior, sua exclusividade e sua importância decisiva para o desenvolvimento do pensamento. Segundo Vygotsky (2009, p. 136) “A linguagem egocêntrica é uma linguagem interior por sua função, é uma linguagem para si, que se encontra no caminho de sua interiorização” embora seja metade ininteligível as pessoas próximas, já foram incorporadas ao comportamento da criança ainda que fisiologicamente externa, “e não revela a mínima tendência a transformar-se em sussurro ou em qualquer outra linguagem semi-surda.”

Interessante observar as definições sobre linguagem egocêntrica de acordo com os psicólogos Jean Piaget e Vygotsky, analisados por Krech; Crutchfield (1973, p. 137-138) eles constatam que uma das primeiras verificações de Piaget foi quando ele notou que crianças pequenas praticam monólogos ego-centralizados. Piaget os denominou de linguagem egocêntrica. A criança fala em sentenças curtas, brincando com as palavras, e direcionando-as para si mesma. Porém, Vygostky, embora concorde, em parte, com Piaget, através de pesquisas experimentais, chegou a seguinte conclusão: ele admite que a natureza egocêntrica da linguagem resulta de uma diferenciação insuficiente entre seu mundo interior e o mundo social externo. Ele dá o seguinte exemplo: a criança apresenta sinais de linguagem egocêntrica e por algum motivo é isolada em um canto ou colocada em grupo de crianças surdo-mudas ou com estranhos, observou-se no seu comportamento que ela fala menos que em outras ocasiões. Vygotsky diz que a criança usa a sua linguagem egocêntrica como forma para se comunicar com os outros. Neste exemplo, ela, a criança ficou sem interação social pois foi isolada, e com alunos surdos-mudos só conseguiria interagir se tivesse conhecimento da língua específica de surdos-mudos. Não houve espaço para interação e comunicação.

Vigostky (2008, p. 19) descreve que quando Piaget diz que a fala egocêntrica não tem nenhuma função verdadeiramente útil no comportamento da criança e quando a criança se aproxima da idade escolar esta fala se atrofia, ele discorda e traz experiências que sugerem outra interpretação. Ele acredita que desde muito cedo, a fala egocêntrica já tem um papel definido e importante na atividade cotidiana da criança. Para determinar as causas e circunstâncias que provocam essa fala, foram organizadas atividades muito semelhantes a pesquisa de Piaget, porém com dificuldades e frustrações. Foram pensadas ações para impedi-las de agir livremente para que fossem forçadas a enfrentar problemas. Verificou-se que em situações difíceis ou de conflito o coeficiente de fala egocêntrica quase duplicou em comparação com o número verificado por Piaget

em crianças da mesma idade. Já para atividades, sem dificuldades, o coeficiente de fala egocêntrica era até inferior ao observado por Piaget. Conclui-se que a fala egocêntrica, serve de apoio para buscas, planejamento e resolução de problemas nas atividades a serem executadas.

3.2 Literatura oral e Letramento

O que vem a ser uma literatura oral? O que significa oralidade? Primeiramente, antes de falarmos de literatura oral ou oralidade vamos trazer aqui uma definição sobre literatura. Coelho (2000, p. 29) define a literatura sendo aquela que vai além do prazer ou emoção e a literatura contemporânea aquela que tem por objetivo transformar a consciência crítica do leitor/receptor. [...] No “encontro com a literatura” os homens vivenciam a oportunidade de ampliação, transformação e enriquecimento das suas existências em uma intensidade que não pode ser comparada em outra atividade.

Kleiman (1995, p. 22) diz que a oralidade apresenta algumas características como a possibilidade de fazer reformulações estratégicas, em função do interlocutor, pode-se improvisar, mudar rumos e utilizar princípios que não sejam a lógica, a razão ou coerência interna, os quais podem influenciar a mensagem. A escrita representa uma ordem diferente da comunicação, diferente da oral, “pois a interpretação desta última estaria ligada à função interpessoal da linguagem, às identidades e relações que interlocutores constroem, e reconstroem, durante a interação.”

Vigotsky (2009, p. 11) define a comunicação, como algo, que se estabelece com base em compreensão racional e na intenção de transmitir vivências e ideias das pessoas e esta exige necessariamente um sistema ou meio, que ele chama de protótipo, que continuará sendo a

linguagem humana que surgiu da necessidade de comunicação durante o processo de trabalho. Para se comunicar as pessoas precisam de gerar situações de comunicação através da palavra, segundo Vigotsky (2009, p. 12) ele conclui que a palavra na comunicação não existe se não houver signos ou símbolos. Acreditava-se que o som [palavras] pudessem ser associados a vivências, conteúdo da vida psíquica, mas, a palavra sendo apenas uma parte da linguagem externa requer inserção dentro de um conteúdo, em um fenômeno e requer generalização.

Rego (2014, p. 129) diz que a linguagem tem origem, em primeiro lugar, como meio de comunicação entre a criança e as pessoas próximas. Depois será convertida em linguagem interna, em função mental interna, fornecendo os meios fundamentais ao pensamento da criança. Rojo (1995, p. 70) descreve o desenvolvimento da linguagem escrita ou letramento da criança como dependente do grau de letramento de instituições sociais como família, pré-escola, ou seja, do local onde está inserida. Depende também da maior ou menor presença de práticas de leitura e escrita em seu cotidiano. A criança para passar de uma fase a outra do desenvolvimento, de forma natural, sem rupturas, precisa chegar à escola com uma bagagem grande de interação constante com os adultos onde adquire, através da oralidade, noções da língua, do seu meio, e noções preliminares da escrita utilizada. Para introduzir, a literatura oral, vejamos o que diz Proust (2003, p. 46) quando descreve uma contação de histórias, uma literatura oral entre a mãe e o filho:

[...] atenta em banir da voz toda trivialidade, toda afetação que pudesse impedir o avanço daquela onda poderosa, ela dava toda a ternura natural, toda a ampla suavidade que exigiam, às frases que pareciam ter sido escritas para a sua voz e que, por assim dizer, cabiam por inteiro no registro de sua sensibilidade.”

Cascudo (2006, p. 27) enfatiza que a literatura oral brasileira é composta de elementos trazidos pelas três raças: indígenas, portugueses e africanos, os quais, possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, enfim já tinham uma memória ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. Para

Cascudo (2006, p. 33) essas memórias apresentam variações nos enredos e consistem em trazer as cores locais, modismos, hábitos, frases fazendo denúncias em um espaço, região e época. As histórias mais populares no Brasil não são as regionais ou nascidas no país, mas aquelas de caráter universal, antigas, seculares, espalhadas por quase toda a superfície da terra. O mesmo acontece com os demais gêneros na literatura oral, no plano da tradição e da novidade. Enfim, Cascudo (2006, p. 34) conclui que a adivinha, ronda infantil, anedota, conto serão inclusos com novos elementos locais no enredo fazendo com que a literatura oral se adapte ao local onde está sendo contada. Segundo Cascudo (2006, p. 35-36) Essa literatura oral de caráter universal apresenta divergências ou diferenças no quesito moral, os contos têm a finalidade de doutrinar os não letrados e aos meninos. A literatura oral usada como informação decisiva na psicologia do coletivo expõe não apenas antiguidade, mas humanidade nos temas e elementos, pois podem ser adaptados e incluir novos temas. Cascudo (2006, p. 177) define a literatura oral como uma força obscura e poderosa, transmitida pela oralidade, de geração a geração e mantida pela tradição. Segundo ele é importante a transmissão de conhecimentos através da oralidade como podemos observar no seguinte exemplo, as fiadeiras trabalhavam fiar e enquanto rezavam, havia alguém contando histórias de “batalhas entre cavaleiros e dragões, bruxas e princesas, alimento do maravilhoso, material para a abstração lírica e o haloamento fidalgo das virtudes humanas, elevadas ao grau de heroísmo terreno.”

Coelho (2000, p. 15) constata que a evolução de um povo se dá ao nível da mente, de consciência de mundo que foi assimilado desde a infância, a palavra desempenha um papel essencial nessa evolução, ou melhor, segundo ela, é a literatura que é verdadeiro microcosmo da vida real, mas transfigurada em arte. Ela ainda questiona o futuro da literatura infantil quando pergunta “Haverá lugar para a literatura infantil [ou para a literatura em geral] nesse mundo da informática que nos invadiu com força total?” De acordo com Coelho (2000, p. 16) herdamos

através da tradição, a literatura oral e literatura escrita, conforme outros, antes de nós com seus valores herdados e renovados, que agora nos cabe transformar.

Quando se fala de literatura não se pode deixar de falar de um segmento importante dela, a literatura infantil descrita por Coelho (2000, p. 29) como “a expressão “literatura infantil” remete a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer da leitura nas crianças, o prazer de folhear ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Por causa dessa função básica, até bem pouco tempo, “a literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.”

Quando se fala acima, de ouvir histórias contadas por alguém, surge a necessidade de se procurar entender como e onde acontecem processos de letramento, que de acordo com Rojo (1995, p. 70-71) ela ressalta que para o processo de letramento emergente os jogos de faz de conta são muito relevantes, pois esses jogos acontecem em ambientes familiares, na pré-escola e na escola permitindo que a criança assuma diferentes papéis e possibilidades. Percebe-se na presença ou ausência do “brincar de ler para a criança (jogos de contar), no brincar de ler com a criança, no brincar de desenhar e escrever (jogos de faz de conta) que se reencontra o sentido social da escrita daquela subcultura letrada.”

Ao comentar resultado de sua pesquisa, Rojo (1995, p. 82) ressalta a “hipótese silábica” de Ferreiro, a qual, tem mostrado em suas pesquisas que a criança ao entrar na escola tem mais conhecimento da escrita que a escola suponha que ela conheça e segundo Rojo a criança não age solitariamente sobre portadores de texto para construir seus conhecimentos, “recortou-os como existentes e interpretáveis e dotou-os de sentido” O sentido da escrita para o sujeito vai depender do sentido que ela [a escrita] se apresenta ao seu grupo social de inserção. Ou seja, se faz sentido para o grupo fará sentido ao sujeito.

Terzi (1995, pp. 91-92) descreve as crianças de meio letrados, mas se concentra em seu artigo “a oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados” em crianças de meios iletrados, segundo a autora, no início da aprendizagem da língua escrita na escola as crianças de meios iletrados ou pouco letrados já manifestam um bom domínio da língua oral [adquirido no convívio social], mas as habilidades de comunicação podem variar conforme as características da sociedade em que estão inseridas, “já são capazes de interagir com os membros da comunidade” quando iniciam o 1º grau, se expressando e “fazendo sentido da fala do outro”, respeitam regras de conversação estabelecidas em seu meio, adequando o tom, entonação e o registro à situação de interlocução. Porque as altas taxas de fracasso na aprendizagem da escrita e [consequentemente da leitura] segundo Terzi (1995, p. 92) essas taxas parecem revelar que as crianças não usam o conhecimento da língua oral para dar suporte no entendimento de como funciona a língua escrita. Terzi confirma isto nas suas pesquisas e diz que isso decorre de práticas em sala de aula, mas que em situações propícias a oralidade influencia na construção da escrita.

Kleiman (1995, p. 17) diz, em 1995, que a palavra letramento, ainda não estava dicionarizada, devido à complexidade do conceito, mas encontra-se, hoje, a seguinte definição: processo pedagógico de aquisição e domínio da capacidade de ler, escrever e interpretar textos; alfabetização: o nível de letramento dos alunos disponível no site <https://www.dicio.com.br/letramento/> Kleiman (1995, p. 20) faz um paralelo entre o fenômeno do letramento e o papel desempenhado pela escola, que acontece, quando o “fenômeno do letramento” ultrapassa o mundo da escrita “tal qual ele é concebido pelas instituições” [escola] que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Conclui que a mais importante das agências de letramento não está preocupada com práticas sociais, mas com a prática de letramento, através da alfabetização, o processo de “aquisição de códigos (alfabético, numérico),” processo geralmente idealizado em termos de uma competência individual necessária

para a promoção e sucesso na escola.” Em contextos de processos de produção da fala e da escrita, Kleiman (1995, p. 30) comenta que o suporte do adulto em contextos que proporcionem produção da fala e escrita, é essencial, que o livro e a escrita façam parte das interações nessas práticas letradas em instituições como a família, porque elas, são responsáveis por introduzir as crianças no mundo da escrita. Por serem práticas coletivas [não são isoladas] o conhecimento sobre a escrita é construído pela colaboração.

Terzi (1995, p. 93) cita dois exemplos de pesquisas que envolviam a preocupação com o letramento pré-escolar, as quais, tiveram início com trabalhos pioneiros, como o de Dolores Durkin com seu livro “Children who read early,” traduzindo literalmente, “crianças que leem cedo” segundo Terzi, Durkin concluiu que as crianças que já conseguiam ler na pré-escola, participaram de eventos de letramento, proporcionada pelos pais, através de leitura de livros infantis e trabalho com sons de letras. Outro autor citado por Terzi (1995), Doake (1986) fez uma revisão e estudos sobre leitores precoces e concluiu que o fator principal do desenvolvimento acelerado da leitura nas crianças era devido ao valor que as famílias davam a leitura e o fato de terem sido expostas, de forma intensiva, à leitura de histórias desde cedo.

3.3 Abordagens sobre o LER e o LETRAR

Ler é para Silva (2011, p. 50) antes de tudo compreender. Esse compreender, deve ser visto, pela forma que o leitor se comporta perante o texto, seu conteúdo, onde o texto serve de panorama para atribuir significados. Não basta só decodificar os códigos (sinais e signos) o leitor deve assumir o texto na sua compreensão, transformá-lo e transformar a si mesmo. Mas onde entra o objeto “livro” no desenvolvimento das pessoas? Segundo Martins (2012, p. 44) quem possuía ou possui livros, significava e significa sinônimo de poder, o poder do conhecimento. Os livros eram

vistos como sagrados, aqueles que trazem a verdade, mesmo que enigmática ou perigosa, mesmo que jamais sejam manuseados a presença física deles nos ambientes indicam sabedoria. Foi criada uma mistificação em torno do hábito de ler livros que segundo Martins (2012, p. 24) os letrados eram os únicos habilitados para criar, compreender, ditar leis, estabelecer normas, determinar valores sociais e culturais.

Martins (2012, p. 42) o livro além de objeto, tem uma forma, apresenta cores diferentes, tem texturas, volume e até cheiro. Segundo Martins pode-se até ouvi-los se folhearmos suas páginas. Para muitas crianças e adultos não alfabetizados essa vai ser a leitura que tem significado. Martins traz em seu livro, uma ilustração, da influência dos livros na infância, descrita por Jean Paul Sartre: “os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua previsibilidade.” Butor (1974, p. 241) descreve a sensação e o prazer de virar uma página de um livro da seguinte forma: “Quando viramos as páginas de um livro, consideramos suas ilustrações, lemos suas linhas, um pequeno teatro aí se desenvolve [...]”

Segundo Terzi (1995, p. 93) expor de forma constante a criança à leitura de livros infantis amplia seu conhecimento de estória em si, tópicos de estória, bem como escrita e estrutura de texto. Conclui-se que a criança assim exposta a livros, desde pequena, poderá desenvolver-se como leitora antes mesmo de frequentar a escola e o início da alfabetização. Terzi (1995, p. 95-96) também descreve a pesquisa de Health (1982, 1983) quando ela faz pesquisa com 3 comunidades letradas. A comunidade de - Maintown - com alto grau de letramento mostra o seu envolvimento em evento de letramento, segundo Terzi (1995, p. 96) “Estes sempre relacionam o sucesso escolar com “aprender a amar os livros”, apontando o valor do livro como fonte de saber, de entretenimento e possibilidade de trabalho independente [...]” A segunda comunidade – Roadville, de acordo com Terzi (1995, p. 96-97) “apresenta uma orientação de letramento diferente. Os

eventos de letramento não vão além da leitura de livros. Os adultos geralmente não focalizam com a criança fontes letradas como instrução de jogos, receitas. [...]” A terceira comunidade – Trockton – segundo Terzi (1995, p. 97-98) “apresenta uma orientação de letramento bastante diferente para suas crianças. O desenvolvimento oral da criança não é estimulado pelos adultos, pois estes acreditam que ela aprende pela exposição natural à língua e não numa interação diádica entre mãe e criança. [...]” verifica-se, nestas pesquisas, citadas por Terzi (1995, p. 95-99) três realidades diferentes para eventos de letramento. A primeira comunidade (Maintown) dá muito valor a escrita e aos livros geradores de conhecimento. Qualquer oportunidade de letramento não é desprezada. Já a segunda comunidade (Roadville) apesar de acesso a estórias infantis, não vão além de livros. A criança não é encorajada a estender a compreensão de livros para outros contextos. A terceira comunidade (Trockton) as crianças não participam de leitura de livros infantis, elas são expostas a eventos de letramento em grupo onde vários membros do grupo discutem oralmente significado de um texto.

Terzi (1995, p. 99-100) comenta o resultado de sua pesquisa, que é parte de um projeto maior, denominado: “Letramento e comunicação intercultural” com crianças de meios iletrados em favela onde ela constata que a maioria dos adultos são analfabetos, e não veem sentido na leitura e na escrita e isso acaba assumido pelas crianças, principalmente, pelo fato delas não terem oportunidade de participar de eventos de letramento, pois, não possuem livros, não visualizam escritas, em diversos meios e dificilmente saem da favela e interagem em ambientes letrados. Para aqueles que conseguem vagas em creches, maternal e pré escola não existe um trabalho com livros e nem são envolvidos em eventos de letramento. Somente na pré-escola terão contato com livros infantis, porém sem interação. Começa-se o traçado das letras, mas com dificuldade de associação da letra ao traçado, ou a função na escrita.

Segundo Terzi (1995, p. 109-110) a criança se utiliza de conhecimentos adquiridos, de experiências, crenças e valores como na fala, para encontrar sentido na leitura. porém ainda não consegue, ver o texto como produto de um autor que não está presente. Na oralidade quando se cria um texto há um esforço conjunto com ressignificações constantes, já na escrita existe uma unidade de significação, pois o autor tem uma existência prévia a este processo de ressignificar pela leitura.

Vita (2021) descreve que, Susanna Mantovani, mais precisamente no norte da Itália, realizou pesquisas e formação de educadores, com destaque, para o desenvolvimento de uma cultura da educação na infância. Segundo Vita, Mantovani (2021) começa seu artigo “Da imagem à história: o livro na creche”, perguntando: Por que o livro na creche? Mantovani cita que existe uma preocupação com o livro ilustrado na idade escolar e na primeira infância, ainda que, se tenha a impressão de que não exista uma consciência real sobre este tipo de atividade relacionada ao livro, sobre o papel do adulto ao propô-la, de como foram os critérios para a seleção dos livros e qual o modo de utilização. Também traz, em seu artigo, uma experiência mais recente, acontecida na Inglaterra, em Coventry, onde mães de minorias étnico-linguísticas foram treinadas e incentivadas a indicarem livros de forma sistemática a seus filhos. Houve um acompanhamento dessas crianças nos primeiros 2 a 3 anos de escola e os resultados mostraram que grupos sociais ingleses mais favorecidos tiveram um desempenho menor quanto a fatores como motivação e repertório na leitura e escrita.

Para Mantovani (2021) livros para crianças muito pequenas são divididos em 2 categorias.

1. Livros com imagens e situações mais ou menos complexas devem ser descritas e analisadas identificando personagens, objetos e ações.
2. Livros com sucessão de acontecimentos e situações ilustradas onde deve-se compreender os conceitos fundamentais e intervir para revelar as intenções do texto.

A pesquisa-ação de Mantovani e colaboradores, teve como público-alvo, 10 crianças,

entre 24 e 36 meses, na época de publicação do livro, em 2021, segundo ela própria, ainda estava em curso. Na primeira fase da sua pesquisa foram adotados critérios para selecionar os livros que seriam utilizados nas atividades. Dividiram-se em seis níveis de critérios, a saber: 1º nível (13 a 14 meses) Livros com imagens simples; 2º nível (14 a 15 meses) Série de imagens de objetos relacionados entre si; 3º nível (16 a 18 meses) Reconhecimento de objetos e suas funções; 4º nível (a partir dos 18 meses) Proto-histórias (mesmo personagem ou elemento, aparece em situações semelhantes de forma repetida); 5º nível (20 a 22 meses) Histórias curtas; 6º nível (a partir dos 3 anos) Histórias complexas. Apresenta textos com muitas sequências, personagens e acontecimentos. A segunda fase trata-se do papel do adulto na intermediação da leitura. Como apresentar o livro para a criança? O adulto-educador pode apresentar o livro através de um estímulo para uma conversa livre; dar o livro para a criança vir a explorá-lo sozinha; ler o livro para a criança ou grupo de crianças.

3.4 Leitura de Graduandos e suas percepções

Foram abordados nos itens anteriores assuntos relacionados a leitura, letramento e literatura oral, agora iremos abordar a leitura, sob o enfoque da criticidade conforme defendido pelo educador Paulo Freire dentro de contexto educacional.

Freire (1982, p. 40) relata que quando acontece a criticidade no homem, observa-se que “A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos.” Freire (1982, p. 42) o ser humano se integra a realidade “A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade.” e passa a transformá-la.

Segundo Freire (1982, p. 95) “Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. [...] Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos.” Criticidade inclui aprofundamento em temas e problemas da sociedade onde estamos inseridos.

Paulo Freire salienta a necessidade de atitudes críticas nos homens quando afirma

“[...] saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. [...] Sua humanização ou desumanização, sua afirmação como sujeito ou sua minimização como objeto, dependem, em grande parte, de sua captação ou não desses temas.” (Freire, 1982, p. 44)

Freire (1982, p. 41) descreve o instante em que o homem faz interferências em sua realidade quando através da experiência adquirida ele cria e recria, integra-se às condições do contexto, responde aos desafios, objetivando-se. Consegue discernir, transcender se lançando em um domínio exclusivo seu: o da história e da cultura.

Paulo Freire, já em 1965, em sua obra “Educação como prática de liberdade” na sua décima terceira edição, já falava da importância da educação para a reflexão quando ele diz que a educação deve propiciar a reflexão quanto ao poder de refletir e que ela é um instrumento para desenvolver a reflexão, explicitar suas potencialidades, da qual decorre a capacidade de opção. “Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização.” (Freire, 1982, p. 59).

Vygotsky (2009, p. 140) conclui que a maneira como se dá o pensamento e a linguagem nos adultos, o encontro entre o pensamento e a linguagem, é parcial somente aplicada no pensamento verbalizado, embora, o pensamento não verbalizado e linguagem não intelectual

sofram influência indireta e distante dessa fusão sem relação causal. Entende-se que o adulto já possua controle sobre sua língua materna e também seja capaz de controlar o seu pensamento e que o pensamento não verbalizado sofra influência da fusão pensamento/linguagem de forma distante e indireta. Vygotsky (2009, p. 111) explica a relação entre pensamento e linguagem no processo de desenvolvimento “[...] modifica-se no processo de desenvolvimento tanto no sentido quantitativo quanto qualitativo. Noutros termos, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento realiza-se de forma não paralela e desigual.”

Ivic (2010, p. 19) diz que no processo de aquisição da linguagem pela criança, o papel que os adultos desempenham na cultura e apropriação da língua conduz a interação social que é de grande importância na teoria de Vygotsky, além da interação social verifica-se a interação com os produtos da cultura.

A escola entra nesse processo de socialização da linguagem e interatividade de seus educandos que para Gusmão (2010, p. 94) ela é “[...] um espaço de encontros e desencontros, de buscas e perdas, de descobertas e de encobrimentos, de vida e de negação da vida. A escola por essa perspectiva é, antes de mais nada, um espaço sociocultural.”

O que cabe ao leitor diante do texto? Segundo Glowacki (2007, p. 267) ele (leitor) deverá estar disponível para reunir os aspectos oferecidos na sua totalidade, deve criar uma sequência de imagens e acontecimentos que irá dar significação a obra. Criar na sua imaginação diferentes perspectivas do texto após elas terem sido absorvidas. Constitui, portanto, todo um processo criativo diante do texto explorado.

O que cabe a escola em relação aos textos e ao leitor? Glowacki (2007, p. 268) diz que “Cabe, então, à escola ensinar e promover atividade de leitura, levando os estudantes aos diferentes tipos de convivência com os textos escritos.”

Coelho (2000, p. 17) define o que ela chama de espaço-escola, o qual, deve ser libertário, mas não anárquico e de orientação, mas sem dogmas para autoconhecimento do ser em formação para que tenham acesso ao mundo da cultura a que ele pertence.

Para entender a natureza da linguagem interior do adulto (Krech; Crutchfield, p. 138) traz à seguinte conclusão, à qual, chegou Vigotsky que ela é abrupta e incompleta; faz muitas suposições; relativamente independente das regras da gramática. É a linguagem no estágio do “pensamento silencioso”. O segundo estágio da comunicação há compreensão de que não pode ser tão abrupto e elítico. Precisamos “explicitar” nossos passos, usar de maneira mais precisa as palavras, sem o que correríamos o risco de nada transmitir.”

Segundo Vigotsky (2009, p. 279) existe um processo de tomada de consciência de conceitos em idade escolar onde verifica-se que “A questão está justamente aí, pois o desenvolvimento consiste nesta progressiva tomada de consciência dos conceitos e operações do próprio pensamento.” Vigotsky (2009, p. 282) define os conceitos de fora do âmbito escolar como “[...] os conceitos conscientizados simplesmente existem fora, no clima de pensamento social que envolve a criança, e simplesmente são assimilados por ela em forma pronta quando isto não obstaculiza as tendências do seu próprio pensamento.”

Coelho (2000, p. 50) descreve que a consciência de mundo no espírito do leitor quer seja consciente ou inconsciente deve estar sintonizada com a essência do texto e isso irá representar uma realidade ou valores que vai se formando em sua mente. Para Coelho (2000, p. 151) o que hoje define a contemporaneidade da literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; quando essa literatura é capaz de desenvolver sua expressividade verbal ou criatividade; aumentar a capacidade de observação e reflexão; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação, “em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.”

Kreich e Crutchfield (1973, p. 369) dizem que a consciência sobre um objeto quanto a sua extensão ou seu conteúdo podem variar entre os homens. “[...] seja porque o objeto não existe no seu espaço de vida, seja porque o objeto não é suficientemente significativo, do ponto de vista psicológico, para provocar uma cristalização das predisposições emocionais e motivacionais.”

Martins (2012, p. 19) diz que de acordo com a psicanálise “tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido”, mesmo que fique no inconsciente. Evidencia-se a importância da memória tanto para a vida quanto para a leitura e a palavra escrita.

4. A CULTURA E “OS MUNDOS PARTICULARES”

Quando se descreve um tema tão extenso como a leitura, não se pode esquecer que ela está inserida dentro de um contexto mais específico, dentro de uma sociedade, como fazendo parte de um contexto cultural.

A cultura seria aquilo que cada sociedade, através de seus membros definem como prioridades para suas vidas e para sua sobrevivência. Sabe-se que os costumes, os hábitos acumulados e repassados através de gerações variam de sociedade para sociedade e as novas gerações podem dar continuidade a essas culturas ou assimilar algumas modificações, podem variar também os conceitos ou novos conceitos adquiridos que vão sendo agregados nas suas subjetividades ou aos seus mundos particulares.

Conforme a tecnologia avança, abrangendo diversas áreas e populações as culturas sofrem influências e modificam seus cotidianos e afazeres. A cultura não é inerte, mas se movimenta dentro de novos contextos sociais. Qual o valor cultural que cada indivíduo irá conceder a leitura dentro de seu mundo particular vai depender da visão de mundo e experiências que cada um vai assimilando nas etapas das suas existências.

4.1 Definindo cultura

A cultura está intimamente relacionada, ao meio social em que está inserida, e se gera cultura através das interações sociais realizadas entre os indivíduos da sociedade. Rego (2014, p. 109) descreve que no processo de constituição do indivíduo, além da maturação orgânica, existem as interações sociais e trocas que são estabelecidas com seus semelhantes, dentro do que se denomina teoria histórico-cultural. O ser humano dentro de um período histórico e cultural promove interações e trocas com outros indivíduos situados no seu tempo presente. Freire (1982, p. 43) define cultura como resultado das relações do homem com a sua realidade que resulta do fato de “estar com ela e de estar nela” [...] Domina a realidade e humaniza-a. Ele é o “fazedor” de algo que foi acrescentado e ao mesmo tempo vai “temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.” Hoebel e Frost (1976, p. 16) a definem como padrões aprendidos de comportamentos, que são “característicos dos membros de uma sociedade e que não são resultado de herança biológica.” Segundo Hoebel e Frost (1976, p. 20) quando se selecionam os costumes eles não acontecem de forma aleatória e casual, mas existe uma referência a um “conjunto de pressupostos profundamente arraigados, ou postulados, sobre a natureza do mundo exterior e sobre a natureza do próprio homem.”

Eagleton (2011, p. 9) diz que “Cultura” é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua” [...] Eagleton (2011, p. 10) define a palavra cultura “a raiz latina da palavra “cultura” é colere, o que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger.” Segundo Eagleton (2011, p. 14) a natureza coloca limites rigorosos “a própria palavra “cultura” compreende uma tensão entre o fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade [...]” Eagleton (2011, p. 40) conclui que “O cultivo individual agora depende mais e mais da cultura no seu sentido social.”

Goldmann (1972, p. 20) constata que na história somente os homens e grupos sociais procuram valores e fins para atribuir caráter “acessório” aos meios, aos processos e técnicas. Os homens dentro do seu grupo social se guiam por seus valores e fins a serem alcançados. Segundo Goldmann (1972, p. 22) deve-se enfrentar o problema da relação do homem com os outros homens [...] “O que procuramos no conhecimento do passado é [...] Primeiro, as atitudes fundamentais dos indivíduos e dos grupos humanos em face dos valores, da comunidade e do universo.” [...] “A consciência histórica existe apenas para uma atitude que ultrapassa o eu individualista, ela é precisamente um dos principais meios para realizar esta superação.” Carvalho (2011, p. 45) descreve que o conhecimento é “uma construção que articula fragmentos, que depende de desconstrução, reconstrução, interpretação do objeto e da realidade, e exige processos de auto-organização e reorganização mental.”

Onde começou a cultura? Segundo Geertz (1980, p. 28) acredita-se que os *austhalopithecus* já possuíam uma cultura elementar, o que os antropólogos chamam de “protocultura”, ainda que seu cérebro fosse um terço menor do que o do homem moderno. Acredita-se que a maior parte da expansão do córtex humano se seguiu, “e não precedeu, o “início” da cultura. Na teoria do “ponto crítico” considerava-se que o homem já era mais ou menos completo, do ponto de vista neurológico, antes do início do desenvolvimento da cultura. A capacidade em termos biológicos de “adquirir cultura era uma questão de tudo ou nada”. Quando a cultura adquiria sua totalidade o que viesse de acréscimo seriam adições de novos costumes e desenvolvimento de outros mais antigos. Geertz (1980, p. 29) descreve que pressões nos padrões de seleção como “fabrico de ferramentas” conferia importância à destreza manual e previsibilidade. O autor diz que a introdução da elaboração de ferramentas e caça devem ter atuado sobre as pressões da seleção modificando-as e favorecendo o rápido crescimento do cérebro anterior, “[...] muito provavelmente, determinaram os progressos na organização social,

comunicação e normação moral, que - tudo leva a crer – teriam tido lugar durante este período de interrelação entre a transformação biológica e a cultural.”

Boas (2023, p. 45) diz que a cultura pode ser definida como a conduta de indivíduos de um mesmo grupo social, coletiva e individualmente, em relação com seu ambiente natural, outros grupos, membros do mesmo grupo e entre cada indivíduo consigo mesmo. Segundo Boas (2023, p. 49) a cultura nos seres humanos se diferencia da vida animal porque existe a capacidade de raciocínio e de uso da linguagem. “É também peculiar ao ser humano avaliar as ações do ponto de vista da ética e da estética.” Nas suas relações com a natureza e seus semelhantes pode haver uma grande “variabilidade de conduta” sendo uma característica do ser humano. Para desenvolver uma teoria de evolução da cultura, de acordo com Boas (2023, p. 64) há de se observar que “os passos do desenvolvimento devem estar relacionados com um aspecto da cultura em que esteja implicado, o mesmo grupo de pessoas e em que persista o mesmo tipo de atividade.”

Leontiev (1980, p. 39) descreve que “As discussões científicas mais importantes giraram à volta das propriedades e particularidades biológicas e hereditárias do homem.” [...] porém considerações hábeis serviram de base teórica às mais reacionárias e racistas concepções biológicas. Em sentido oposto a este tipo de soluções do problema nota-se uma “posição desenvolvida pela ciência progressista,” pelo contrário, ela [a ciência] diz que o homem é um ser social por natureza; aquilo que no homem é humano é “engendrado pela vida em sociedade e pela cultura criada pela humanidade.” Quando descreve as transformações do homem, Leontiev (1980, p. 42- 43) traz o seguinte comentário “as transformações biológicas, transmitidas hereditariamente, não condicionam o desenvolvimento social-histórico do homem e da humanidade” o processo de desenvolvimento gira em torno de outras forças e não pela ação da evolução biológica e hereditária. Para explicar a transmissão dos conhecimentos acumulados Leontiev (1980, p. 44) relata que a forma particular de “[...] consolidação e de transmissão dos progressos do desenvolvimento às

gerações seguintes surgiu devido ao fato da atividade dos homens ao contrário dos animais, ser criadora, produtiva.” Ainda de acordo com Leontiev (1980, p. 45) cada nova geração começa a sua vida no mundo dos fenômenos e objetos criados pelas gerações que o precederam.

Leontiev (1980, p. 46) cita o exemplo do etnógrafo francês Vellard que encontrou uma criança de dois anos abandonada pela tribo e a entregou aos cuidados de sua mãe. Passados vinte anos (1958) “não se distinguia em nada, pelo seu desenvolvimento intelectual, das mulheres europeias cultas.” De acordo com Leontiev este fato e muitos outros demonstram que as “capacidades e aptidões específicas do homem não se transmite por herança genética, mas que se formam durante a vida, no processo de apropriação da cultura criada pelas gerações anteriores.” Leontiev (1980, p. 48) diz que para conhecer o desenvolvimento histórico de objetos ou fenômenos produto desse desenvolvimento é necessário “realizar em torno dos mesmos uma determinada atividade, isto é, uma atividade que reproduza os traços essenciais daquela (atividade), encarnada, <<acumulada>>, no citado objeto.” [...] Ele traz o seguinte exemplo: a assimilação dos instrumentos. “O instrumento é um produto da cultura material que de forma absolutamente ilustrativa e sensível exprime os traços típicos da criação humana.” Em outras palavras ele quer dizer que o conhecimento que foi sendo adquirido pode ser assimilado em um instrumento, pois o mesmo se torna um objeto da sociedade e constitui o histórico de experiências laborais adquiridas por gerações.

Leontiev (1980, p. 53) descreve que a atividade [dos indivíduos] deve ser adequada, reproduzindo traços da atividade dos homens, atividade acumulada e cristalizada nos objetos e fenômenos, “mais exatamente, nos sistemas por eles formados.” descreve também como devem ser as relações. Para que haja vida em sociedade Leontiev, destacou três itens, que ele acha mais importante que são as relações sociais, atividades conjuntas e a comunicação oral. O indivíduo deve se relacionar para se comunicar e a partir dessa comunicação realizar atividades em comum.

“[...] A relação social na sua forma exterior original, sob a forma de atividade conjunta ou de comunicação oral, ou mesmo apenas no pensamento, constitui a condição necessária e específica da vida do homem em sociedade.”

Ao mesmo tempo em que Leontiev (1980) define a ciência progressista ele fala sobre o perigo da alienação da cultura, Leontiev (1980, p. 66) nos fala sobre alienação da cultura quando ele descreve sobre os opressores colonialistas, que segundo ele, mascaravam seus fins egoístas com frases sobre missão cultural e civilizadora. [...] lançaram povos inteiros na miséria espiritual e [cultural] e importaram valores, os quais, não eram desses povos e os condenaram a assimilar outros valores fictícios sem identificação com sua própria cultura. A concentração e a alienação da cultura do homem aparecem sob formas mais agudas, na história, no seu conjunto, e a alienação da cultura teve como consequência o aparecimento de um “abismo entre as enormes capacidades alcançadas pela humanidade” e, por outro lado, “a miséria e o caráter desigual do desenvolvimento”, em que se encontram determinados homens, ainda que em grau diferente.

Freire (1982, p. 36) faz um esclarecimento, onde, ele fala que a educação das massas é fundamental para as pessoas, mas sem a roupagem alienada e alienante, mas como uma força poderosa de libertação. Paulo Freire coloca duas opções de educação de massas, “entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.” Freire (1982, p. 43) diz que a publicidade organizada, ideológica ou não, constitui uma das grandes, se não a maior tragédia para o homem moderno, onde há domínio de mitos e ele, o homem, renuncia a sua capacidade de decidir. “[...] E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto.”

4.2 A cultura da Leitura no Brasil

Para Gusmão (2010, p. 91) “[...] a cultura no interior de uma realidade humana é sempre dinâmica, não é fechada ou cristalizada como um patrimônio de raízes fixas e permanentes. A cultura possui fronteiras móveis e em constante expansão.” Segundo Gusmão (2010, p. 92) para conhecer a cultura de um indivíduo ou grupo há necessidade de observar em que sociedade este indivíduo ou grupo estão inseridos e vivem. “É aqui que as diferenças ganham sentido e expressão como realidade e definem o papel da alteridade nas relações sociais entre os homens.”

Laraia (2008, p. 45) define o meio cultural, a herança da cultura como podemos observar “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado.” E a herança cultural diz Laraia (2008, p. 67) em seu comentário: “[...] sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade.” De acordo com Laraia (2008, p. 68) “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural [...]” Laraia (2008, p. 82) concluiu que “o importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade.” Laraia (2008, p. 87) diz que um hábito cultural pode ser percebido como coerente após ser feita uma análise do sistema ao qual pertence. Laraia (2008, p. 93) comenta que para entender a lógica de um sistema cultural é necessário verificar que ela “depende da compreensão das categorias constituídas pelo mesmo.”

Atitudes, costumes e hábitos fazem parte de heranças culturais que vão se propagando de geração a geração, através de instituições como a família, escola, igrejas e segundo Hoebel e Frost (1976, p. 21) “Ao selecionar seus costumes para a vida diária, mesmo nas pequenas coisas, a

sociedade escolhe aquelas maneiras que estão de acordo com seu modo de pensar e suas predileções [...].” Quase todos os objetos do espaço de vida do homem podem tornar-se objeto de uma atitude conforme apontado por Kreich e Crutchfield. Esses autores, na página 371, descrevem o que são as atitudes resistentes a mudança “[...] será tanto mais resistente à mudança quanto mais nuclear o seu valor na estrutura de personalidade do indivíduo, e quanto mais firmemente esteja apoiada nas crenças do grupo a que pertence o indivíduo.” Kreich e Crutchfield (1973, p. 373) falam sobre o processo de desenvolvimento de atitudes, que segundo eles, ocorrem dentro de limites “[...] A cultura marca os limites para as atitudes que se podem desenvolver, mas dentro de tais limites existe muito espaço para a diversidade individual.” Kreich e Crutchfield destacam que os maiores influenciadores de atitudes segundo eles são “Os agentes mais poderosos e diretos da formação de atitudes são os pais e os outros membros da família.” Eles citam um exemplo de estudo a respeito de preconceito entre estudantes universitários, pesquisa realizada, por (Allport e Kramer, 1946), onde os resultados mostram que 69 por cento dos estudantes declararam ter recebido influência das atitudes étnicas de seus pais; a porcentagem é ainda maior entre os estudantes que apresentam mais preconceito.”

Podem ocorrer mudanças de atitudes, segundo Kreich e Crutchfield (1973, p. 374) as mudanças podem efetuar-se pela participação em um grupo ou haver mudanças na própria situação do indivíduo. As atitudes do grupo podem influenciar suas atitudes. Mas se essa identificação com o grupo muda poderá também haver uma mudança correspondente nas suas atitudes. Kreich e Crutchfield (1973, p. 375) ressaltam que, quando a mudança se dá a nível de objeto através de mudanças que foram impostas no comportamento, o objeto da atitude, pode sofrer uma transformação e se percebido pelo indivíduo terá consequências provocando uma mudança nas suas atitudes. De acordo com Kreich e Crutchfield (1973, p. 375) para transformar atitudes a forma mais evidente é através de “mudanças nos fatos ou informações” que estão acessíveis ao indivíduo

a respeito do objeto da atitude. Mas existem resistências a mudanças de atitudes, conforme Kreich e Crutchfield (1973, p. 379) as descrevem como, “Mas a resistência das atitudes à mudança, mesmo diante de provas contraditórias, é um fato tão nítido no comportamento social, e tão importante para a nossa compreensão dos acontecimentos sociais [...]” Um fator a se considerar nessa resistência a mudança de atitudes poderia ser o que foi chamado de “autopreservação” na manutenção das atitudes.

Bock; Furtado; Teixeira (2018, p. 123) destacam que devido a muitas pesquisas relacionadas ao campo do desenvolvimento sabe-se que as relações entre as pessoas “(por exemplo, se há hábito de leitura no grupo familiar; se há espaço para conversar sobre o cotidiano da escola ou outras experiências das crianças)” podem influenciar no desenvolvimento de forma geral. As primeiras aprendizagens sobre hábitos e costumes culturais ocorrem na família segundo Bock; Furtado; Teixeira (2018, p. 243). Bock; Furtado; Teixeira (2018, p. 258) trazem uma definição do que seria o estabelecimento de um hábito, o qual, pode ser resumido da seguinte forma: quando um grupo social estabelece formas práticas de ação que garantam maior eficiência para realizar tarefas e essas formas se repetem sempre é possível que estejamos diante de um hábito.

Hall e Lindzey (1973, p. 467) dizem que o hábito é uma associação ou “liame” entre estímulo e resposta. Segundo os autores “o hábito, um dos conceitos-chave da teoria E-R, ocupa esse lugar.” Dollard e Miller, teóricos desta teoria, segundo os autores se contentam em descrever os princípios que governam a formação do hábito. Hall e Lindzey (1973, p. 473) falam do estabelecimento de vínculos aos hábitos ou resposta-sugestão, de acordo com essa teoria, entende-se que o vínculo ao hábito depende de uma resposta a uma sugestão e como consequência irá resultar reduzir o impulso ou poderá resultar em reforço. Se não houver recompensa ou reforço acredita-se que os hábitos acabem de operar ou se tornem mais fracos. Hall e Lindzey (1973, p.

474) dizem que pode haver um processo de recuperação de hábitos, uma “recuperação espontânea.” Mas se o processo de extinção do hábito continua por um longo período, o organismo atinge um estado que será inviável a recuperação espontânea. Ocorre também uma tendência a generalizar os hábitos aprendidos ou serem transferidos para outras situações semelhantes à situação original. Boas (2023, p. 48) diz que “As mudanças de hábitos parecem depender do modo de vida de incontáveis gerações. [...] Não há, no entanto, indicação alguma de que certos tipos de estrutura determinem hábitos definidos.”

Santos (1996, p. 9) enfatiza que “saber se há uma realidade cultural comum à nossa sociedade torna-se uma questão importante. [...]evidencia-se a necessidade de relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que a constituem.” segundo Santos (1996, p. 12) cada cultura resulta de uma história particular, incluindo relações com outras culturas, as quais podem ter características bem distintas. Santos (1996, p. 20) diz que para o estudo de sociedades diferentes e suas formas culturais há que se mostrar as diversidades que existem e concluir que nem tudo é relativo, as realidades culturais devem ser entendidas dentro de contextos históricos de cada sociedade, suas relações sociais e relações entre elas. Santos (1996, p. 23) traz duas concepções básicas de cultura “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo.” Por que a moderna preocupação com cultura? Santos (1996, p. 31) diz que “nasceu associada tanto as necessidades do conhecimento quanto às realidades da dominação política.” Segundo Santos (1996, p. 34) para entendermos e compreendemos a “nossa realidade cultural” há de se considerar, em qual processo histórico, foi produzida, quais eram as relações de poder envolvidas e como se deu o confronto de interesses dentro da sociedade.

Santos (1996, p. 74) descreve que na formação da cultura brasileira, as elites que subjugarão os indígenas e os africanos tinham interesses nessa formação, a seu favor, e por isso

trabalharam para que fossem, muito comum, atribuídos “valores diferentes às contribuições dos grupos humanos que constituíram a população brasileira, havendo então certa disputa sobre o grau de importância de europeus, indígenas e africanos na formação da cultura brasileira.” Santos (1996, p. 84) fala sobre a comparação de culturas e da forma como acontece “[...] podemos reter da comparação entre culturas e realidades culturais diversas, a compreensão de que suas características não são absolutas, não respondem as exigências naturais, mas sim que são históricas e sujeitas a transformação.”

A subjugação da cultura a favor de alguém pode ser definida dentro do termo etnocentrismo, que de acordo com Laraia (2008, p. 72) pode ser descrito assim: “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.” Laraia (2008, p.73) diz que prevalece um senso comum de sociedade fechada e nota-se que “É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão.”

Rego (2014, p. 100) descreve como Vygotsky compreende a relação entre os seres sociais ao “[...] explicitar como a cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, forma o funcionamento psicológico do homem.”

Hoebel e Frost (1976, p. 24) dizem que “O comportamento cultural é organizado e padronizado. Isto significa que ordinariamente ele não é casual, mas repetitivo e bastante consistente. É habitual.” Hoebel e Frost (1976, p. 27) destacam também como se dá a construção de cultura quando há um comportamento modal, cada módulo tipificado ou representado em escala variável de comportamento produzida nos membros de uma sociedade através de estímulos. Santos (1996, p. 8) constata que “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.”

A preocupação com a leitura no Brasil, poderia se dizer, é recente em termos de política de leitura, como disse, Pszczol (2008, p. 14) “[...] uma política de leitura tem de ser permanente, tem de funcionar apoiada em uma articulação interministerial e institucional.” A partir de 1992 começaram a articulação de programas de incentivo à leitura no Brasil, através do PROLER (Programa Nacional de incentivo à Leitura). Um dos primeiros programas de incentivo à leitura no Brasil, teve uma educadora, Eliana Yunes, como uma das idealizadoras do Proler. O programa Proler foi criado pelo Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992 e constitui-se em um programa do governo federal. Está vinculado ao Ministério da Cultura (MinC), sua sede é a Casa da Leitura, que funciona como um departamento da Biblioteca Nacional, no Bairro Laranjeiras, no Rio de Janeiro. O Decreto 12.166, de 5 de setembro de 2024, regulamenta a Política Nacional de Leitura e Escrita e institui mudanças no Decreto 519 de 1992. No capítulo IV dedicado ao Proler, no seu art. 9º O Programa Nacional de Incentivo à leitura – PROLER, de que trata o decreto nº 519, de 13 de maio de 1992, deverá estabelecer ações de estímulo e fomento ao hábito de leitura no âmbito da Política Nacional de Leitura e Escrita. Quanto ao fomento e financiamento, devem seguir respectivamente mecanismos e modalidades de fomento, conforme Decreto 11.453, de 23 de março de 2023 e art. 4º a art. 7º da Lei 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Determina também que a coordenação do Proler será exercida conforme estrutura regimental do Ministério da Cultura. Na Baixada Santista o Proler é sediado na Universidade Santa Cecília e completou no ano passado 30 anos de existência com projetos voltados ao incentivo da leitura. Como podemos observar no link: <https://noticias.unisanta.br/educacao/proler-bs-unisanta-comemora-30-anos-em-encontro-especial-com-palestra-do-escritor-pedro-bandeira-dia-5-12>

A Lei 13.696 de 2018 institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) e consta do seu art. VII Incentivar pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, com vistas a fomentar a produção de conhecimento e

de estatísticas como instrumentos de avaliação e qualificação das políticas públicas do setor. Verifica-se que existe uma lei de política de leitura e ela busca ou deve buscar o incentivo a pesquisas relacionadas a leitura, literatura e bibliotecas para produção de conhecimento para nortear futuras políticas públicas do setor.

Conforme entrevista concedida, ao Newsletter com entrevistas (Nespe), no dia 05 de abril de 2023, pelo secretário de formação, livro e biblioteca, Fabiano Piúba, do MinC, ele diz que a regulamentação da Lei Castilho e a retomada do Proler estão entre as prioridades do MinC para o livro e a leitura. <https://www.nespe.com.br/2023/04/regulamentacao-da-lei-castilho-e-retomada-do-proler-estao-entre-as-prioridades-do-minc-para-o-livro-e-a-leitura/>

O último encontro do Proler (Programa Nacional de Incentivo à Leitura) em sua 25ª edição, aconteceu em Campo Grande (MS) de 19 a 30 de novembro de 2024 e trouxe a temática “Literatura, leitura e escrita em tempos de inteligência artificial”. <https://www.ms.gov.br/noticias/25o-proler-comeca-nesta-terca-feira-com-foco-na-literatura-e-nos-desafios-da-inteligencia-artificial>

Segundo Pszczol (2008, p. 15) existem algumas ações que servem de diretrizes para o Proler como: reconhecer diversidade de ações e modos de leitura; ênfase nas especificidades do ato de ler; articular leitura e cultura; canalizar ações para a esfera pública; publicizar o tema leitura como demanda social; democratizar acesso à leitura. Essas ações acontecem de forma direta, localmente, na Casa da leitura (RJ) ou em ações nacionais por meio de comitês (Instituições conveniadas com Fundação Biblioteca Nacional, instalados em todos os estados brasileiros.) Promovem na Casa da leitura ações como cursos, palestras, exposições, oficinas e seminários com o objetivo de incentivar e promover a leitura. O público-alvo são profissionais comprometidos com a formação de leitores, dando prioridade a professores, bibliotecários e agentes de leitura das

redes públicas. Para Pszczol (2008, p. 18) “Um programa nacional de incentivo à leitura não pode jamais adotar modelos prontos, deve estar aberto a ouvir cada uma das vozes, a conhecer cada realidade [...]” Em, 2008, o Proler, segundo a autora, contava com quase 100 comitês em todo o Brasil. Em 2011, reportagem do jornal “Estado de Minas” traz a informação de 74 comitês do Proler, em que, representantes desses comitês participaram de curso de formação de mediadores.

https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2011/08/17/internas_educacao,245702/programa-tem-como-meta-formar-8-mil-mediadores-de-leitura-em-todo-o-pais.shtml

Reportagem de 18 de abril de 2022, traz o número de 62 comitês no Brasil, onde deduz-se que, o número pode estar diminuindo ano após ano. <https://conquistareporter.com.br/com-30-anos-de-historia-projeto-incentiva-a-democratizacao-da-leitura-em-vitoria-conquista/>

5 OBJETIVOS

5.1 Problema

- Como a leitura na infância pode interferir em hábitos de leitura dos graduandos?

5.2 Hipótese

- Quanto mais cedo se forma leitores maior a chance de se tornarem estudantes críticos e autônomos.

A partir de tal inquietação me proponho a questionar e pesquisar sobre os hábitos de leitura de estudantes de graduação do IFSP - Campus Cubatão.

5.3 Objetivo Geral

Pesquisar se hábitos de leitura na infância influencia na leitura de estudantes de graduação.

5.4 Objetivos Específicos

- Descrever hábitos de leitura ao longo da vida, desde a infância até a vida adulta;
- Identificar interesses predominantes (gêneros literários).

6 METODOLOGIA

A pesquisa teve abordagem quantitativa e descritiva e objetivava identificar, de forma geral, aspectos retrospectivos sobre contato com livros na infância e interatividade com literatura na fase adulta. A seguir, serão apresentados os participantes, local da pesquisa, instrumentos, procedimentos e aspectos éticos.

6.1 Participantes

A pesquisa teve como público-alvo estudantes com idade igual ou superior a dezoito anos, alunos matriculados no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Cubatão. Foi enviado um convite ao aluno onde teve a possibilidade de ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ao acessar o link abria as opções “concordo” e “não concordo”, caso optasse por concordo teria acesso ao questionário, ou se clicasse na segunda opção seria direcionado à uma página de agradecimento. O questionário levaria uns 10 minutos para serem respondidos na íntegra. Este questionário foi desenvolvido via Google Forms. Os dados

passaram por análise estatística descritiva e paralelamente às respostas do questionário foi elaborado um relatório de pesquisa para demonstrar evidências de dados importantes a que se chegou através da pesquisa. O formulário do Google apresenta a possibilidade de visualizar os resultados em uma Planilha. Esta Planilha possibilita selecionar por cursos os dados. Os cursos foram separados por cores, para facilitar na contagem dos dados a serem incluídos nas tabelas, que depois geraram os gráficos. As cores referentes aos cursos foram as seguintes: vermelho para Bacharelado em Turismo; marrom para Engenharia de Controle e Automação; Licenciatura em Letras utilizou-se a cor amarela; para Licenciatura em Matemática foi utilizada a cor verde; Já para o curso de Tecnologia em Administração e Desenvolvimento de Sistemas a cor azul; terminando com a cor roxa para o curso de Tecnologia em Automação Industrial. Assim, para todas as questões, o excel disponibilizou uma planilha geral e os dados eram retirados dessa planilha disponibilizada no Excel, para gerar outras tabelas e gráficos.

6.2 Local da Pesquisa

Para melhor compreensão, em qual âmbito, se deu a pesquisa, trarei algumas informações, sobre o vínculo do Campus Cubatão, onde foi realizada a pesquisa, o qual, está situado dentro de uma estrutura maior, o Instituto Federal de São Paulo (IFSP). O Instituto Federal tem sua sede administrativa na cidade de São Paulo, a Rua Pedro Vicente, 625 - Canindé - São Paulo - SP - Brasil - Cep: 01109-010. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), especializada na oferta de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), criada por meio da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que também instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, da qual o IFSP é integrante. Ainda que vinculado ao MEC, o IFSP detém autonomia

administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, nos termos do art. 1º Parágrafo único, da lei nº 11.892/2008. O IFSP representa o maior órgão da Rede Federal. Segundo dados consolidados da Plataforma Nilo Peçanha (PNP) 2022, Ano-Base 2021, o IFSP conta com:

- 37 unidades em pleno funcionamento, de 41 autorizadas a funcionar;
- 445 cursos de oferta regular [cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação];
- 52.556 matrículas; 16.647 vagas; 139.774 inscritos em processos seletivos;
- 9.308 concluintes; 15.935 ingressantes.

Os campi em funcionamento, em ordem alfabética, estão distribuídos no estado de São Paulo, conforme a lista: Araraquara, Avaré, Barretos, Birigui, Boituva, Bragança Paulista, Campinas, Campos do Jordão, Capivari, Caraguatatuba, Catanduva, Cubatão, Guarulhos, Hortolândia, Ilha Solteira, Itapetininga, Itaquaquecetuba, Jacareí, Jundiaí, Matão, Piracicaba, Pirituba, Presidente Epitácio, Registro, Salto, São Carlos, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Miguel Paulista, São Paulo, São Roque, Sertãozinho, Sorocaba, Suzano, Tupã, Votuporanga, sendo mais 4 campus em situação de implantação. O local escolhido para fazer a pesquisa foi o campus Cubatão que faz parte de uma rede com vários campi, os quais, estão distribuídos no estado de São Paulo. Situa-se na cidade de Cubatão, na macrorregião da Baixada Santista. Para compreensão sobre o local da pesquisa torna-se necessário fazer um breve resumo sobre a história desse campus. O Campus Cubatão, inicialmente denominado, Unidade de Ensino Descentralizada de Cubatão, da Escola Técnica Federal de São Paulo (Uned - ETFSP), foi instalado em 1987 na Rua Tamoio nº 230, na Vila Paulista, na cidade de Cubatão. Em 2001, a Uned Cubatão, então identificada como CEFET-SP, instala-se em seu prédio próprio, no Jardim Casqueiro, ocupando um terreno de 25.700m² com 7.000m² de área construída. Com a transformação de CEFET-SP em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), em dezembro de 2008, a outrora Uned Cubatão passou a ser denominada Campus Cubatão do Instituto Federal de São Paulo. Atualmente, o campus oferece à comunidade os seguintes

cursos: Técnico em Automação Industrial, Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Eventos integrado ao Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos - Informática Básica e Cursos Superiores de Tecnologia em Automação Industrial, Tecnologia em Gestão de Turismo (Curso em extinção), Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Bacharelado em Turismo, Engenharia de Controle e Automação, Licenciatura em Letras e Licenciatura em Matemática. Dados atuais de 2023, sobre quantitativo de matrículas, nos indicam que os cursos de Tecnologia em Automação Industrial contam com 112 estudantes; Turismo com 113; Análise e Desenvolvimento de Sistemas com 166; Engenharia de Controle e Automação com 152. Letras com 128; Matemática com 104 estudantes. Totalizando cerca de 775 estudantes na graduação, 67 técnicos administrativos, 107 professores e cerca de 1000 alunos.

6.3 Instrumentos

Trata-se de uma pesquisa exploratória, transversal e quantitativa. Para obter os dados da pesquisa utilizamos os seguintes instrumentos:

- Pesquisa documental (Dados primários através de relatórios disponíveis no Sistema Pergamum utilizado pela Biblioteca referentes ao ano de 2024, nos meses de junho a setembro.
- Questionário com perguntas fechadas que foi disponibilizado através do Google Forms.

Segundo definição de Meksenas (2002, p. 73) Método significa “[...] a maneira de fazer ou o meio para fazer. Métodos pode então compreender uma pesquisa que é realizada a partir de um plano inicial segue um conjunto de regras racionais, aceitas pela comunidade de cientistas.” De acordo com Gil (2008) pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Bastos e Duquia (2007, p. 2)

definem os estudos transversais como “investigações com recorte único no tempo possuem menor capacidade para estabelecer relações de causa e efeito. Tais estudos são normalmente chamados de transversais, corte, seccional, corte-transversal, pontual ou de prevalência.”

Marconi e Lakatos (2010, p. 31) definem a pesquisa quantitativa como “um modelo de conhecimento chamado positivista, em que prevalece a preocupação estatístico-matemática e tem a pretensão de ter acesso racional à essência dos objetos e fenômenos examinados.” Segundo Gil (2010, p. 28) pesquisas descritivas são pesquisas que buscam levantar a opinião, atitudes e crenças de uma população

Foi utilizado um estudo transversal, ou seja, todos os dados foram coletados em um único momento, sendo coletados dados quantitativos, sem acompanhamento dos graduandos por período prolongado. Foram observados hábitos de leitura dos estudantes de graduação durante os anos de 2024, sendo avaliados através questionário específico online no Google Forms e em relatórios da Biblioteca do campus.

O primeiro modelo metodológico de pesquisa utilizado foi uma pesquisa documental, que Gil (2008) a define como documentos que ainda não receberam um tratamento analítico e que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Abrange uma pesquisa de campo exploratória, transversal e quantitativa. Foram realizadas análise de relatórios sobre a circulação de materiais retirados do sistema Pergamum, utilizado pela biblioteca do Campus Cubatão. A pesquisa se concentrou nos dados referentes ao ano de 2024.

O segundo modelo metodológico incluiu um questionário, com 19 questões, foi elaborado pela pesquisadora e eram perguntas relacionadas ao tema da pesquisa sobre leitura e hábitos de leitura. As perguntas envolveram questões sociodemográficas e leitura em geral. Foram perguntas fechadas e disponibilizadas através do Google Forms e poderiam ser respondidas de forma automática através de folder com Qrcode distribuído aos alunos.

Foi utilizado um estudo observacional transversal que teve como foco de pesquisa uma população bem definida, no caso, estudantes de graduação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, no Campus Cubatão. Foi mensurado uma única vez, com levantamento de dados primários sobre o sujeito objeto da pesquisa e informações sobre seus hábitos informacionais.

O local escolhido para a coleta de dados foi o Campus Cubatão do Instituto Federal de São Paulo. O projeto de pesquisa foi inserido na Plataforma Brasil e aguardou aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Santos. Depois da aprovação pelo Comitê de Ética, foi enviado um convite aos estudantes, com distribuição de folder pessoalmente em salas de aula pela pesquisadora, que é bibliotecária do campus pesquisado, para que o público-alvo da pesquisa participasse do levantamento online. Aceito o convite para participar a próxima etapa se referia a coleta e tratamento dos dados.

Como critério para inclusão, no levantamento de dados, os estudantes deveriam aceitar a participação na pesquisa e deveria possuir idade igual ou superior a dezoito anos na data do preenchimento do questionário, exceto os estudantes menores de dezoito anos, que não faziam parte da pesquisa. Se não aceitassem participar do levantamento ou fosse menor de dezoito anos estaria automaticamente excluído da pesquisa. Esses alunos seriam contabilizados como não participantes do levantamento de dados.

Os alunos deveriam estar matriculados efetivamente no Campus Cubatão e aceitarem participar da pesquisa respondendo ao questionário online disponibilizado no Google Forms. Deveriam ler e concordar com o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido) disponibilizado em formato online.

6.4 Procedimentos

A pesquisa que envolveu os relatórios gerados pelo Sistema de Biblioteca Pergamum passou por uma análise estatística dos dados. Foram dados relacionados a títulos mais emprestados relacionados aos cursos dos alunos, durante o período de três meses, de 26 de junho a 26 de setembro de 2024. A partir dos dados dos relatórios separou-se por áreas, por quantitativos e módulo de graduação e foram representados através de gráficos e tabelas. Os dados do questionário com 19 questões foram analisados por meio de técnicas estatísticas no Excel, para o tratamento dos resultados obtidos na pesquisa. Além dos dados levantados nos relatórios da Biblioteca e do questionário online, foi confeccionado a parte um relatório de pesquisa que continha os seguintes itens: introdução, justificativa, objetivos, referencial teórico, referencial metodológico, resultados e conclusão.

Para dar início ao processo analítico houve uma seleção e simplificação dos dados definindo as variáveis durante o processo, a fim de organização, de forma que se chegasse a conclusões razoáveis. Gil (2008, p. 179) descreve uma breve menção a estatística descritiva, que nas suas palavras utiliza de procedimentos que possibilitam “(a) caracterizar o que é típico no grupo, (b) indicar a variabilidade dos indivíduos no grupo; e (c) verificar como os indivíduos se distribuem em relação a determinadas variáveis. Utilizou-se uma estatística descritiva na caracterização do grupo estudado através de média aritmética para fornecer uma descrição mais precisa do grupo. Observou-se a distribuição em relação a determinadas variáveis, ou seja, a força de relação entre as variáveis. Para isso, foram verificadas as frequências absolutas (FA) e as frequências relativas (FR).

As perguntas da pesquisa foram elaboradas com o intuito de fazer levantamento de dados que envolvesse contato com livros na infância, contato com livros na infância e na adolescência, literatura oral, prazer na leitura, satisfação com literatura atualmente, motivação para frequentar a

biblioteca e gêneros literários, sendo, estas perguntas consideradas mais relevantes para a pesquisa. As perguntas que foram consideradas não relevantes para a pesquisa ou passíveis de uma nova abordagem em outra pesquisa envolviam, a escolaridade, nas questões sociodemográficas e as perguntas mais específicas sobre satisfação com literaturas no ensino médio “obrigatórias” e maturidade e domínio da literatura no ensino médio que poderia ter sido uma categoria relacionada a leitura, entende-se que há necessidade de aprofundamento, em nova pesquisa, relacionada ao ensino médio. As questões que envolviam meios digitais, por ser de grande importância, e que demandaria, uma pesquisa própria, para identificar com que frequência eles utilizavam meios digitais e se a leitura online proporciona prazer, entendeu-se que, estas perguntas sobre meios digitais poderiam ter sido antecipadas pela pergunta que meios digitais utilizam, embora importantíssimas, no atual contexto educacional requer uma pesquisa mais detalhada e focal, talvez uma pesquisa quanti-quali. A questão sobre produto técnico e participação não se mostrou relevante, para esta pesquisa, devido a mudança no formato do produto técnico que seriam dois cursos a serem realizados na biblioteca, optando a pesquisadora por elaborar uma cartilha mais geral sobre leitura direcionada aos estudantes a ser divulgada em formato online.

A pesquisa de campo trouxe dados referentes a aspectos de hábitos de leitura dos graduandos, questões envolvendo leitura e práticas de leitura como o contato com livros na infância e atualmente, quais os gêneros literários que se identificavam e como acontece a sua interação com literatura atualmente e se a leitura proporciona prazer aos alunos.

6.5 Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi inserido na Plataforma Brasil, sendo aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Santos com o número CAEE 77332424.8.0000.5536. Após a aprovação pelo Comitê de Ética, houve um atraso para iniciar a coleta de dados, pois, os participantes estavam em greve junto com o corpo docente e administrativo. Devido ao tempo

reduzido a pesquisadora optou por fazer o convite aos estudantes através de folder onde foi inserido um QR CODE e foi realizada uma abordagem, em sala de aula, incentivando-os para que os discentes participassem do levantamento online. Quando tiveram acesso ao formulário eles puderam abrir um link para o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido) onde foi informado de que a pesquisa possuía perguntas pessoais como idade, gênero, estado civil, renda familiar. Foi informado que poderiam responder as perguntas em local reservado, sem presença do pesquisador; que poderiam recusar-se a responder a alguma pergunta e retirar o consentimento a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, nem represálias de qualquer natureza; não haveria identificação e que seria mantido o caráter sigiloso sobre sua identidade durante o questionário no Google, também poderia solicitar esclarecimentos antes, durante e após sua finalização, através do telefone da pesquisadora.

Tanto no folder, quanto em abordagem em sala, foi enfatizado para os estudantes que para participarem da pesquisa deveriam ser estudantes de idade igual ou superior a dezoito anos, exceto os estudantes menores de dezoito anos, que não fazem parte da pesquisa. Deveriam estar com matrículas efetivas no Campus Cubatão e deveriam aceitar participar da pesquisa respondendo ao questionário online disponibilizado no Google Forms.

Como critério de exclusão na pesquisa, os alunos que não aceitaram participar da pesquisa foram contabilizados, como não participantes, do levantamento de dados. Somente um participante não aceitou responder ao questionário e, por isso, não foi contabilizado junto aos 118 que participaram. Como critério para inclusão, no levantamento de dados, deveriam aceitar participar da pesquisa, além de, possuir idade igual ou superior a dezoito anos na data do preenchimento do questionário, caso não aceitassem participar do levantamento ou for menor de dezoito anos estaria automaticamente excluído da pesquisa. Os estudantes do ensino médio embora estivessem presentes nos dias da divulgação e aplicação da pesquisa não responderam ao questionário havendo a compreensão que este não era direcionado a eles.

7 RESULTADOS

A pesquisa documental, teve início, verificando-se dados de relatórios, disponibilizados no Sistema Pergamum utilizado pela biblioteca do campus.

Foram impressos relatórios referentes ao ano de 2024, que compreende o período de 26 de junho de 2024 a 26 de setembro de 2024, referente a circulação de livros no campus Cubatão. Foi feito um levantamento manual baseado nos dados encontrados e confeccionadas tabelas, pela pesquisadora, em planilha do Excel. O próprio Excel apresentou a possibilidade de transformar essas tabelas em gráficos.

7.1 Resultados Relatório Pergamum

Optou-se por verificar primeiramente os dados referentes a empréstimos gerais relacionados às áreas do conhecimento e em seguida dados referentes aos empréstimos por cursos, durante o período de 26 de junho a 26 de setembro de 2024.

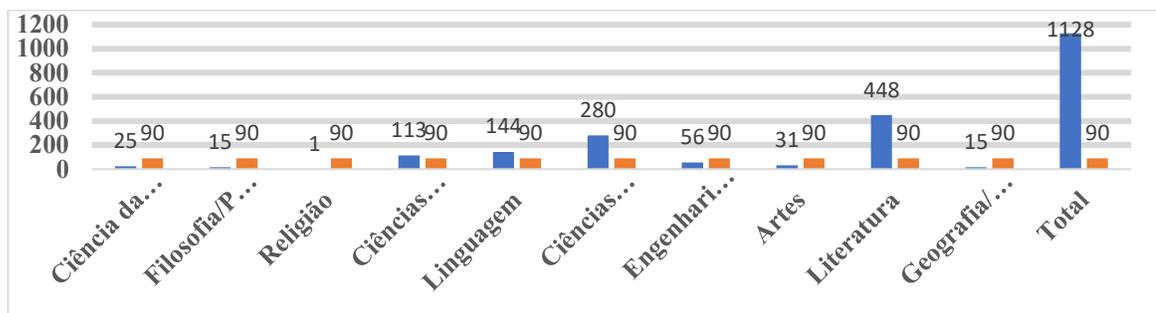
Tabela 1 - Empréstimos Gerais por áreas do conhecimento Período 26/06 a 26/09/2024

Áreas	Total
Ciência da Computação/Pesquisa e metodologia	25
Filosofia/Psicologia	15
Religião	1
Ciências Sociais	113
Linguagem	144
Ciências Naturais e Matemática	280
Engenharia e operações correlatas	56
Artes	31
Literatura	448
Geografia/História	15
Total	1128

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

A partir da tabela foi elaborado o gráfico, a seguir, onde pudemos verificar resultados da pesquisa documental em relatórios do Sistema Pergamum condensados através de gráfico: em casos de empréstimos gerais referentes ao ano de 2024, durante os meses de junho e setembro, verificou-se que as áreas de Literatura e Ciências naturais e Matemática apresentam um maior índice em relação as demais. As áreas de Linguagem e Ciências Sociais também apresentam um bom índice de empréstimos gerais.

Figura 1 - Empréstimos Gerais por áreas do conhecimento Período de 26-06 a 26-9-2024



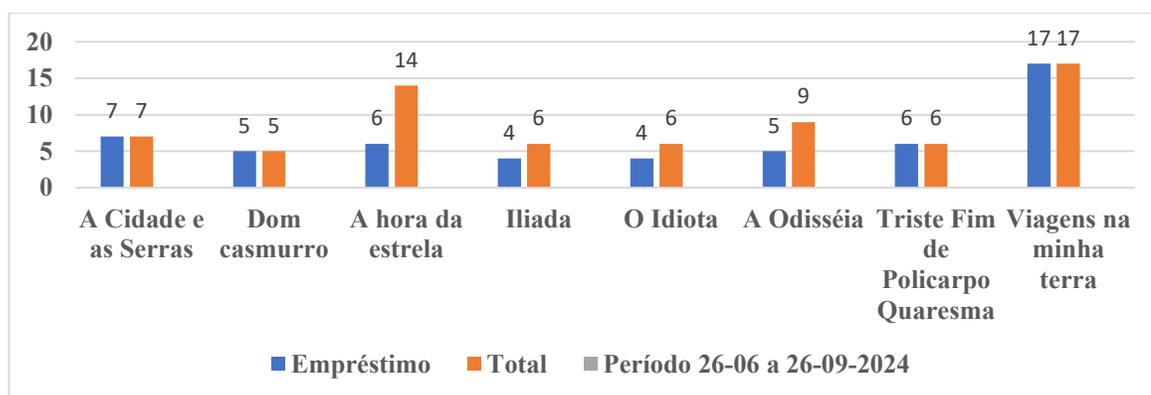
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

O primeiro curso a ser avaliado nesse período de 26 de junho a 26 de setembro de 2024 foi o curso de Licenciatura em Letras.

Tabela 2 – Empréstimo Curso de Licenciatura em Letras no Período de 26-06 a 26-9-2024

Licenciatura em Letras	Títulos	Empréstimos	Total
	A Cidade e as Serras	7	7
	Dom casmurro	5	5
	A hora da estrela	6	14
	Iliada	4	6
	O Idiota	4	6
	A Odisséia	5	9
	Triste Fim de Policarpo Quaresma	6	6
	Viagens na minha terra	17	52

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 2 – Empréstimos Curso de Licenciatura em Letras no Período de 26-06 a 26-9-2024

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

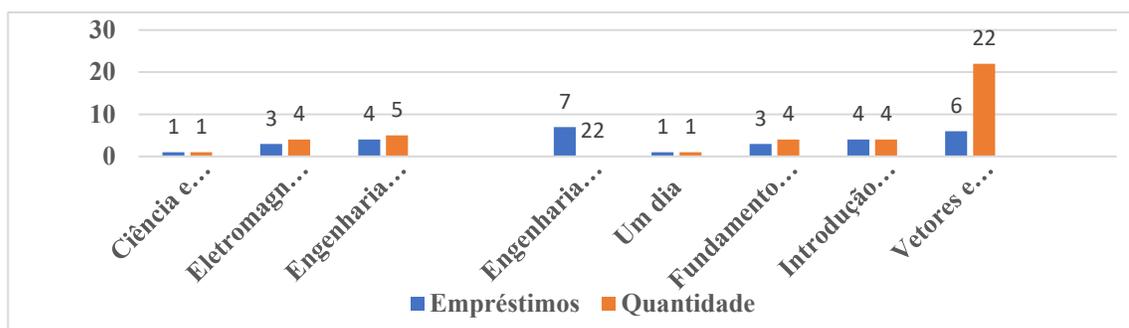
O segundo curso a ser avaliado foi o curso de Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação.

Tabela 3 – Empréstimos curso de Engenharia de Controle e Automação no Período de 26-06 a 26-9-2024

Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	Títulos	Empréstimos	Quantidade
	Ciência e engenharia de materiais	1	1
	Eletromagnetismo aplicado	3	4
	Engenharia de controle moderno	4	5
	Engenharia de Sistemas de controle	7	22
	Um dia	1	1
	Fundamentos de transferência de calor e de massa	3	4
	Introdução à robótica	4	4
	Vetores e geometria analítica	6	22

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 3 – Empréstimos curso de Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação no Período de 26-06 a 26-9-2024



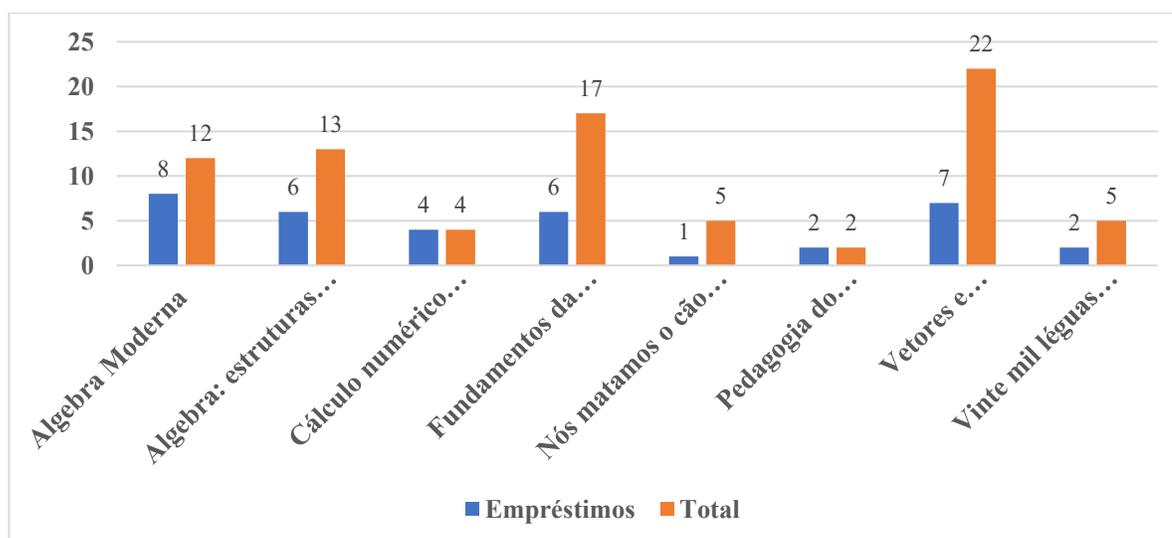
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

O terceiro curso a ser avaliado foi o curso de Licenciatura em Matemática.

Tabela 4 - Empréstimos curso de Licenciatura em Matemática no Período de 26-06 a 26-9-2024

Licenciatura em Matemática	Títulos	Empréstimos	Total
	Álgebra Moderna	8	12
	Álgebra: estruturas algébricas	6	13
	Cálculo numérico vol 1	4	4
	Fundamentos da matemática elementar 1	6	17
	Nós matamos o cão tihoso	1	5
	Pedagogia do oprimido	2	2
	Vetores e Geometria analítica	7	22
	Vinte mil léguas submarinas	2	5

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 4 - Empréstimos curso de Licenciatura em Matemática no Período de 26-06 a 26-9-2024

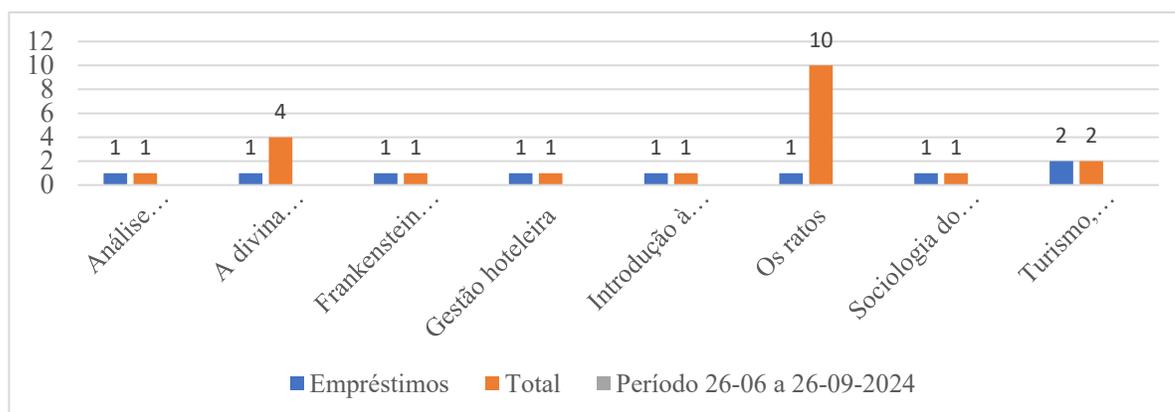
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

O quarto curso a ser avaliado foi o curso de Bacharelado em Turismo.

Tabela 5 – Empréstimos curso de Bacharelado em Turismo no Período de 26-06 a 26-9-2024

Bacharelado em Turismo	Títulos	Empréstimos	Total
	Análise estrutural do turismo	1	1
	A divina comédia	1	4
	Frankenstein ou o Prometeu moderno	1	1
	Gestão hoteleira	1	1
	Introdução à geografia do turismo	1	1
	Os ratos	1	10
	Sociologia do turismo	1	1

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 5 – Empréstimos curso de Bacharelado em Turismo no Período de 26-06 a 26-9-2024

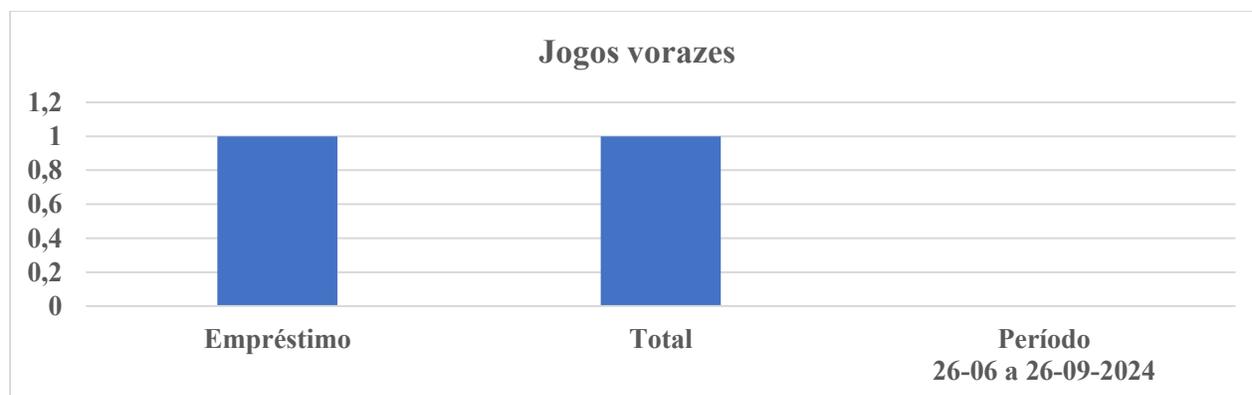
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

O quinto curso a ser avaliado foi o curso de Tecnologia em Automação Industrial.

Tabela 6 – Empréstimos curso de Tecnologia em Automação Industrial no Período de 26-06 a 26-09-2024

Título	Empréstimo	Total
Jogos vorazes	1	1

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 6 – Empréstimos curso de Tecnologia em Automação Industrial no Período de 26-06 a 26-09-2024

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

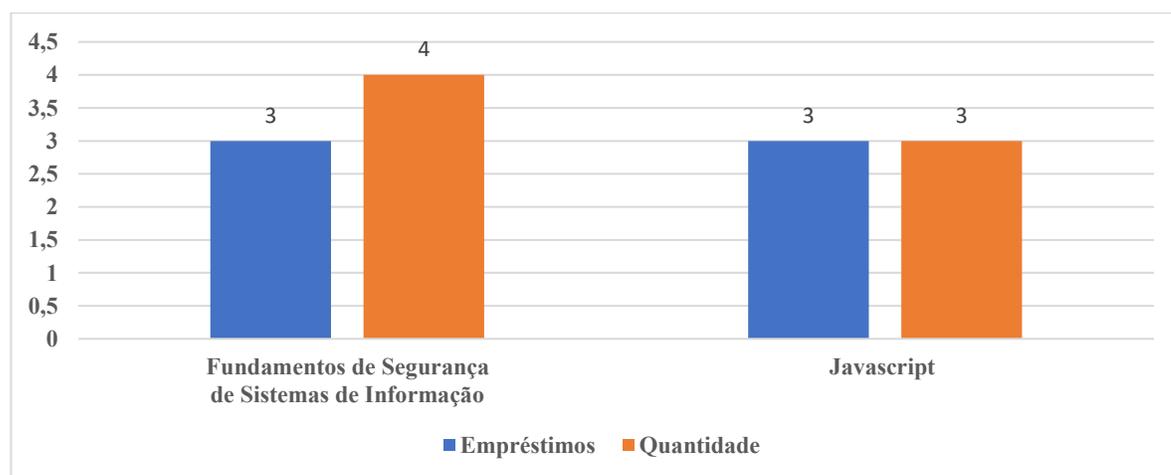
O sexto curso a ser avaliado foi o curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Tabela 7 – Empréstimos curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no Período de 26-06 a 26-09-2024

Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	Títulos	Empréstimos	Total
	Fundamentos de segurança de sistemas de informação	3	4
	Javascript	3	3

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 7 – Empréstimos curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no Período de 26-06 a 26-09-2024



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

7.1 Resultados do Questionário Google Forms

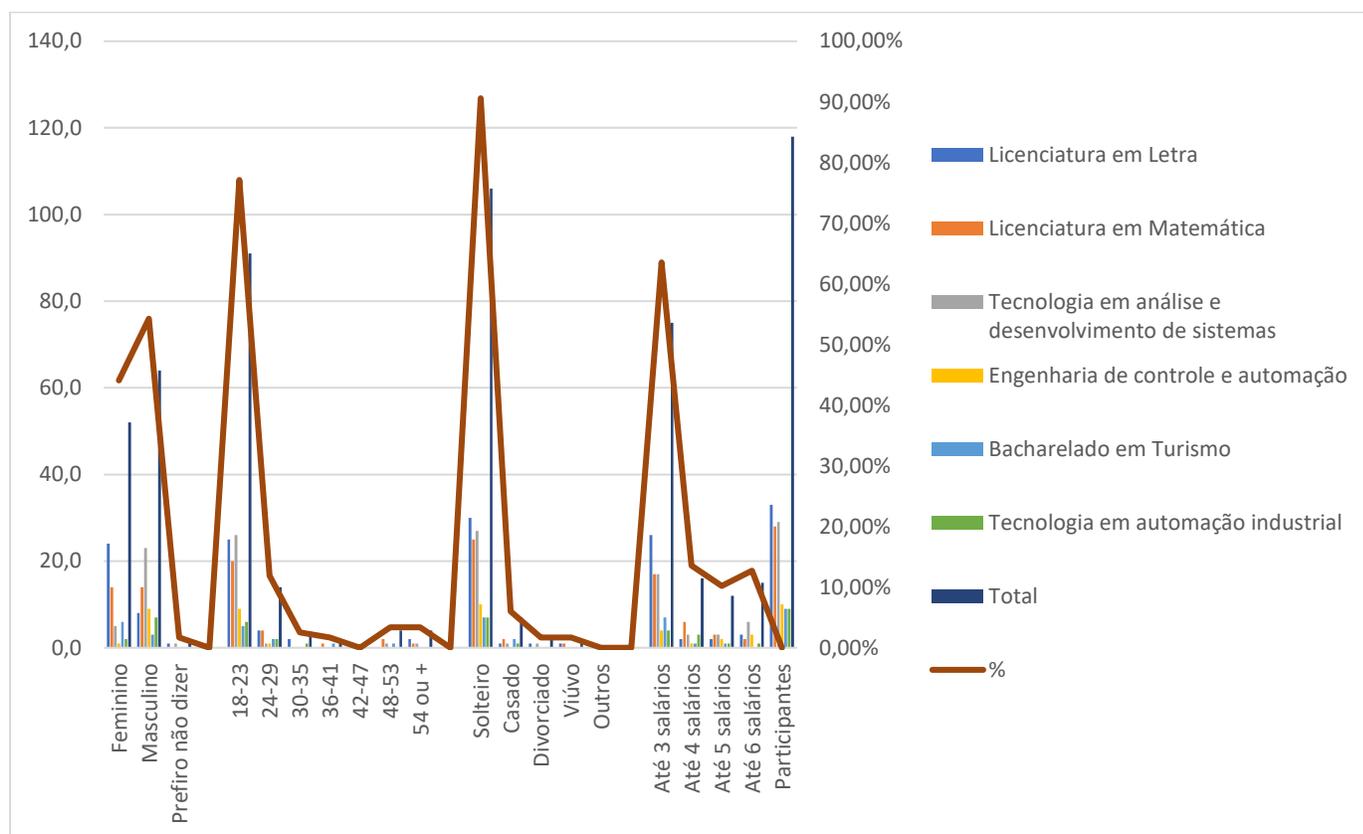
Para que se situe, nossa amostra, dentro de um contexto mais geral, torna-se importante trazer uma caracterização dos alunos do Campus Cubatão conforme a tabela geral, abaixo.

Tabela 8 - Caracterização geral da amostra

Número absoluto		Letras	Matemática	Análise e desenvolvimento de sistemas	Engenharia de controle e automação	Turismo	Automação industrial	Total	%
Gênero	Feminino	24,0	14,0	5,0	1,0	6,0	2,0	52,0	44,07%
	Masculino	8,0	14,0	23,0	9,0	3,0	7,0	64,0	54,24%
	Prefiro não dizer	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	0,84%
	Outros	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	1,0	0,84%
Idade		Letras	Matemática	Análise e desenvolvimento de sistemas	Engenharia de controle e automação	Turismo	Automação industrial	Total	%
	18-23	25,00	20,00	26,00	9,0	5,0	6,0	91,0	77%
	24-29	4,00	4,00	1,00	1,00	2,00	2,00	14,0	12%
	30-35	2,00	0,00	0,00	0,0	0,0	1,0	3,0	3%
	36-41	0,00	1,00	0,00	0,00	1,00	0,00	2,0	2%
	42-47	0,00	0,00	0,00	0,0	0,0	0,0	0,0	0%
	48-53	0,00	2,00	1,00	0,00	1,00	0,00	4,0	3%
	54 ou +	2,00	1,00	1,00	0,00	0,00	0,00	4,0	3%
Estado Civil		Letras	Matemática	Análise e desenvolvimento de sistemas	Engenharia de controle e automação	Turismo	Automação industrial	Total	%
	Solteiro	30,00	25,0	27,0	10,0	7,0	7,0	106,0	91%
	Casado	1,00	2,0	1,00	0,00	2,00	1,00	7,0	6%
	Divorciado	1,0	0,0	1,00	0,0	0,0	0,0	2,0	2%
	Viúvo	1,0	1,0	0,00	0,00	0,00	0,00	2,0	2%
	Outros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0%
Renda Mensal Familiar		Letras	Matemática	Análise e desenvolvimento de sistemas	Engenharia de controle e automação	Turismo	Automação industrial	Total	%
	Até 3 salários	26,00	17,00	17,00	4,00	7,00	4,00	75,0	64%
	Até 4 salários	2,00	6,00	3,00	1,00	1,00	3,00	16,0	14%
	Até 5 salários	2,00	3,00	3,00	2,00	1,00	1,00	12,0	10%
	Até 6 salários	3,0	2,00	6,00	3,00	0,00	1,00	15,0	13%
	Participantes	33,00	28,00	29,00	10,00	9,00	9,00	118,0	-

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 8 – Caracterização da amostra



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Verificou-se que a maioria dos estudantes são do sexo masculino, seguidas do sexo feminino, mas em porcentagem menor, aparecem respostas para prefiro não dizer e outros. A variável por idade nos indica que a maioria dos estudantes estão situados na faixa etária de 18-23 anos, seguidos da faixa etária de 24-29 anos. Para a variável, estado civil, os resultados apontam que a maioria é solteiro, seguidos da variável casado, mas aparecem respostas para variáveis divorciado e viúvo em números menores. Na variável, renda familiar, identificou-se que a maioria se situa até 3 salários-mínimos e que os cursos de Análise de Sistemas possuem a maior renda

familiar, seguido de Engenharia de Controle e Automação e Letras. Importante ressaltar que os cursos que mais responderam ao questionário online foram Licenciatura em Letras, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Licenciatura em Matemática.

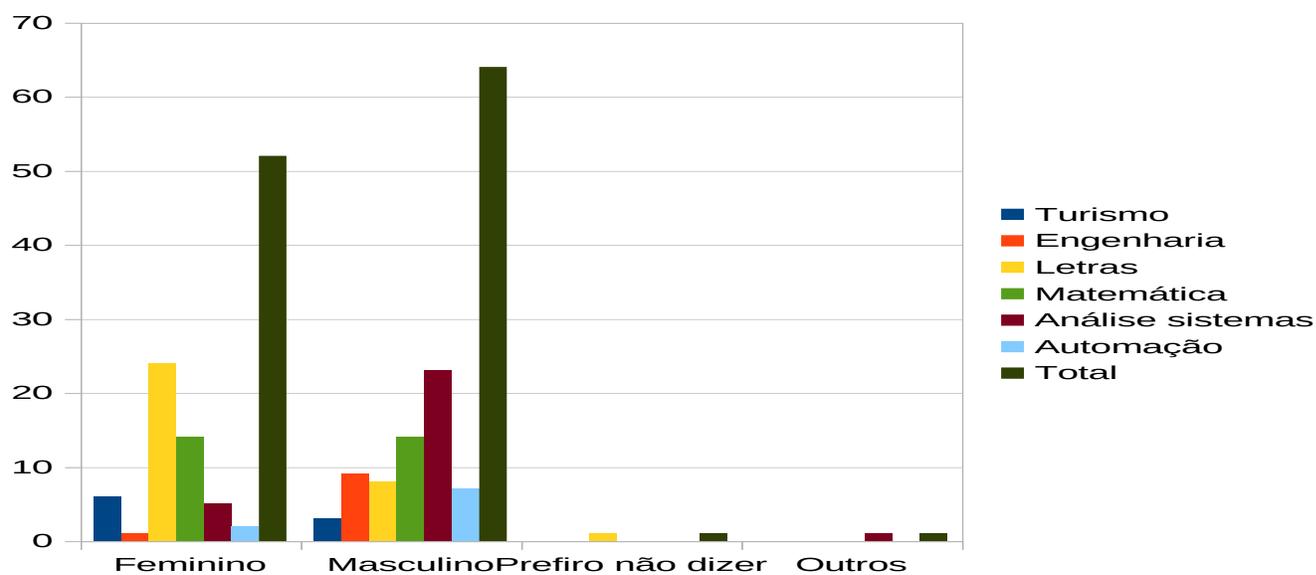
A pesquisa teve a participação de 119 participantes, sendo que, 118 concordaram em participar do questionário e um não concordou em participar. Nessa amostra a participação foi de 99,1%. O questionário foi dividido em duas partes da seguinte forma: as seis primeiras perguntas eram dados sociodemográficos que teve por intuito conhecer o perfil dos participantes da pesquisa. As outras perguntas são dados mais específicos sobre a relação aluno e leitor e suas experiências com a leitura. A primeira pergunta se refere ao gênero sexual. Na tabela elaborada a partir dos dados disponibilizados identificou-se que seis são do sexo feminino (5,08) e três do sexo masculino (2,54) no curso de Bacharelado em Turismo. Engenharia de Controle e Automação verificou-se uma participante do sexo feminino (0,84) e nove do sexo masculino (7,62). No curso de Licenciatura em Letras verificou-se que vinte e quatro são do sexo feminino (20,3), oito do sexo masculino (6,77) e um prefiro não dizer (0,84). Na Licenciatura em Matemática verificou-se que quatorze são do sexo feminino (11,8) e quatorze do sexo masculino (11,8). O curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas apresentou cinco participantes do sexo feminino (4,23) e vinte e três do sexo masculino (19,49) e um respondeu outros (0,84). No curso de Automação Industrial foram identificados duas do sexo feminino (1,69) e sete do sexo masculino (5,93).

Tabela 9 - Gênero

Cursos	Feminino	%	Masculino	%	Prefiro não dizer	%	Outros	%	Total
Bacharelado em Turismo	6	5,08	3	2,54	0	0	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	1	0,84	9	7,62	0	0	0	0	10
Licenciatura em Letras	24	20,33	8	6,77	1	0,84	0	0	33
Licenciatura em Matemática	14	11,86	14	11,86	0	0	0	0	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	5	4,23	23	19,49	0	0	1	0,84	29
Tecnologia em Automação Industrial	2	1,69	7	5,93	0	0	0	0	9
Total	52	44,0%	64	54,2%	1	0,84%	1	0,84%	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 9 - Gênero



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

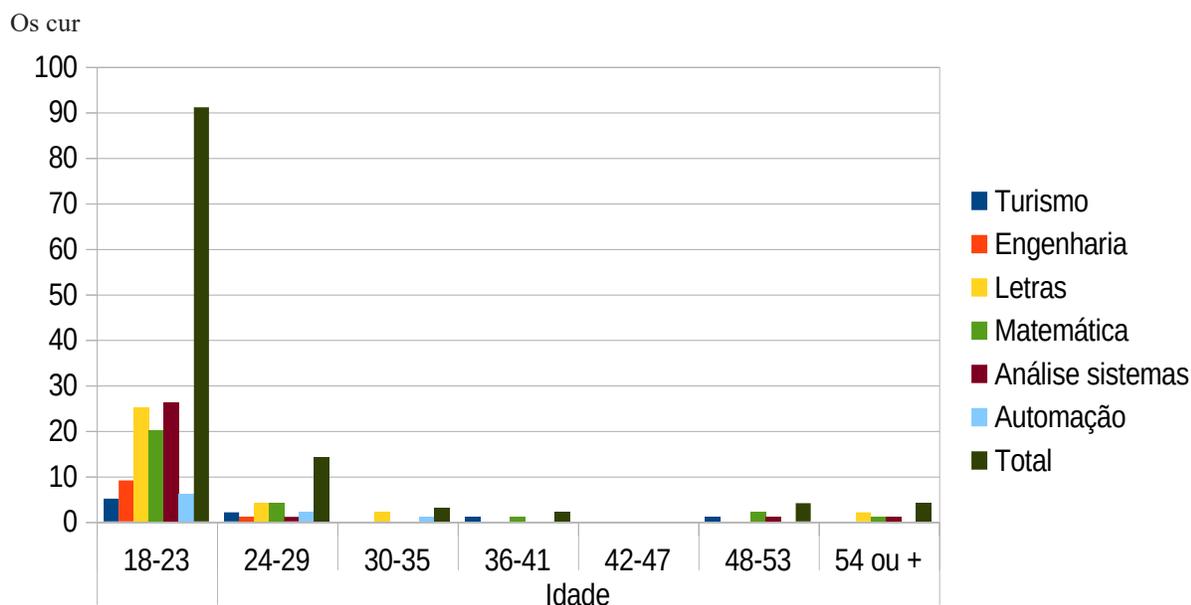
A segunda pergunta visava adquirir dados referentes a faixa etária dos participantes dentro dos cursos respectivos. Podemos deduzir a partir dos dados coletados que:

No curso de Bacharelado em Turismo a idade de 5 participantes está entre 18-23 anos (4,23), 2 na faixa etária de 24-29 (1,69), 1 entre 36-41 (0,84) e um participante na faixa de 48-53 (0,84). No curso de Engenharia de Controle e Automação 9 participantes responderam ter entre 18-23 anos (7,62), 1 entre 24-29 (0,84), Licenciatura em Letras verificou-se que 25 participantes estão faixa etária de 18-23 anos (21,1), 4 entre 24-29 anos (3,38), 2 entre 30-35 (1,69) e 2 na faixa de 54 ou mais (1,69). No curso de Licenciatura em Matemática verificou-se que 20 participantes estão 18-23 (16,9), 4 na faixa etária de 24-29 (3,38), 1 entre 36-41 (0,84), 2 na faixa de 48-53 (1,69) e 1 na faixa de 54 anos ou mais (0,84). O Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas apresentou 26 participantes entre 18-23 anos (22,0) 1 na faixa etária de 24-29 (0,84), 1 na faixa de 48-53 (0,84) e 1 na faixa de 54 anos ou mais (0,84). No Curso de Tecnologia em Automação Industrial 6 participantes estavam na faixa etária de 18-23 anos (5,08), 2 entre 24-29 (1,69), 1 na faixa etária de 30-35 (0,84).

Tabela 10 - Idade

Cursos	18-23	%	24-29	%	30-35	%	36-41	%	42-47	%	48-53	%	54+	%
Bacharelado em Turismo	5	4,23	2	1,69	0	0	1	0,84	0	0	1	0,84	0	0
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	9	7,62	1	0,84	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Licenciatura em Letras	25	21,1	4	3,38	2	1,69	0	0	0	0	0	0	2	1,69
Licenciatura em Matemática	20	16,9	4	3,38	0	0	1	0,84	0	0	2	1,69	1	0,84
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	26	22,0	1	0,84	0	0	0	0	0	0	1	0,84	1	0,84
Tecnologia em Automação Industrial	6	5,08	2	1,69	1	0,84	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	91	77,1	14	11,8	3	2,54	2	1,69	0	0	4	3,38	4	3,38

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 10 - Idade

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

A terceira pergunta relaciona-se ao estado civil do participante. Sempre relacionando as perguntas com os cursos, nós temos os seguintes dados:

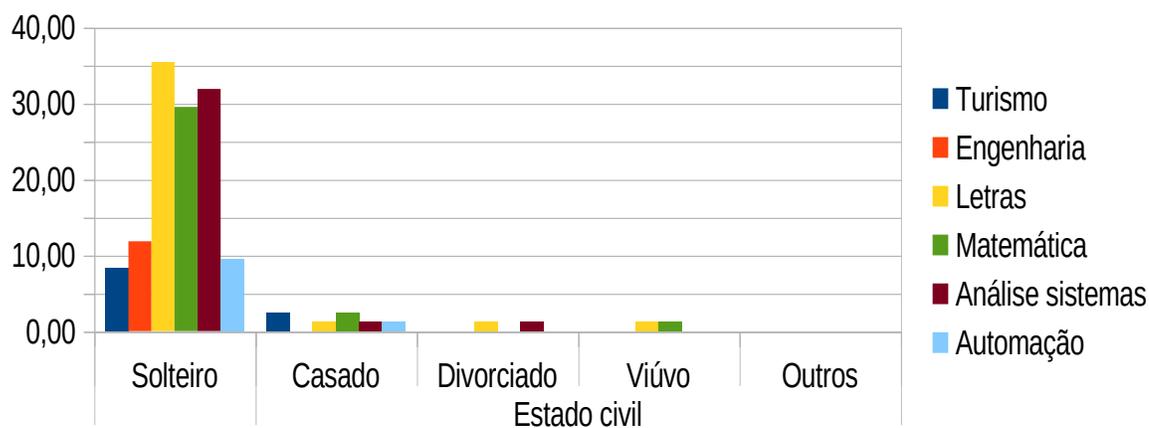
Os cursos apresentarem os seguintes resultados: no curso de Bacharelado em Turismo 7 são solteiros (5,93), 2 casados (1,69), no curso de Engenharia de Controle e Automação são 10 solteiros (8,47). No curso de Licenciatura em Letras são 30 solteiros (25,4), 1 casado (0,84), 1 divorciado (0,84), 1 viúvo (0,84). A Licenciatura em Matemática apresenta 25 solteiros (21,1), 2 casados (1,69), 1 viúvo (0,84). O curso de Tecnologia e Análise e Desenvolvimento de Sistemas traz 27 solteiros (22,8), 1 casado (0,84), 1 divorciado (0,84). Tecnologia em Automação Industrial 8 são solteiros (6,77) e 1 casado (0,84).

Tabela 11 - Estado Civil

Cursos	Solteiro	%	Casado	%	Divorciado	%	Viúvo	%	Outros	%	Total
Bacharelado em Turismo	7	5,93	2	1,69	0	0	0	0	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	10	8,47	0	0	0	0	0	0	0	0	10
Licenciatura em Letras	30	25,4	1	0,84	1	0,84	1	0,84	0	0	33
Licenciatura em Matemática	25	21,1	2	1,69	0	0	1	0,84	0	0	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	27	22,8	1	0,84	1	0,84	0	0	0	0	29
Tecnologia em Automação Industrial	8	6,77	1	0,84	0	0	0	0	0	11	9
Total	107	90,6	7	5,93	2	1,69	2	1,69	0	0	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 11: Estado civil



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

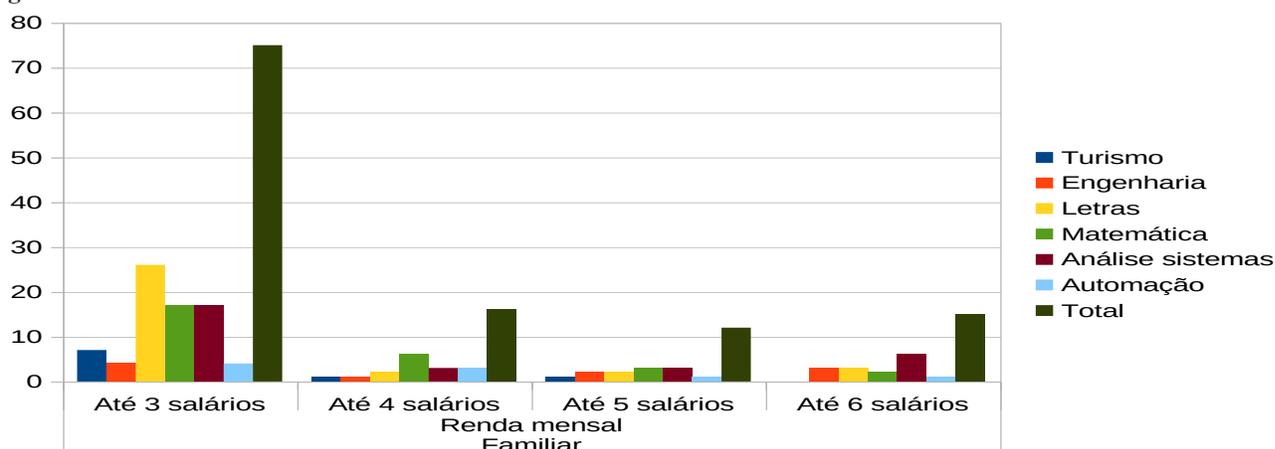
A quarta pergunta investigou a renda mensal familiar do participante. Colocamos os valores do salário-mínimo de 1.412,00 reais, valor da época da pesquisa, e multiplicou-se por 3, 4, 5 e 6.

De acordo com os dados coletados sobre a renda mensal familiar por curso obtivemos o seguinte: no Bacharelado em Turismo verificou-se que 7 pessoas marcaram até 3 mínimos (5,93), 1 até 4 mínimos (0,84), 1 até 5 mínimos (0,84). No curso de Engenharia de Controle e Automação 4 marcaram até 3 mínimos (3,38), 1 até 4 mínimos (0,84), 2 até 5 mínimos (1,69) e 3 até 6 mínimos (2,54). Na Licenciatura em Letras 26 estão na faixa de até 3 mínimos (22,0), 2 até 4 mínimos (1,69), 2 até 5 mínimos (1,69) e 3 até 6 mínimos (2,54). Licenciatura em Matemática 17 até 3 mínimos (14,4), 6 até 4 mínimos (5,08), 3 até 5 mínimos (2,54) e 2 até 6 mínimos (1,69). No curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas 17 até 3 mínimos (14,4), 3 até 4 mínimos (2,54), 3 até 5 mínimos (2,54), 6 até 6 mínimos (5,08). Tecnologia em Automação Industrial 4 até 3 mínimos (3,38), 3 até 4 mínimos (2,54), 1 até 5 mínimos (0,84), 1 até 6 mínimos (0,84).

Tabela 12 - Renda Mensal Familiar

Cursos	Até 3 mínimos	%	Até 4 mínimos	%	Até 5 mínimos	%	Até 6 mínimos	%	Total
Bacharelado em Turismo	7	5,93	1	0,84	1	0,84	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	4	3,38	1	0,84	2	1,69	3	2,54	10
Licenciatura em Letras	26	22,0	2	1,69	2	1,69	3	2,54	33
Licenciatura em Matemática	17	14,4	6	5,08	3	2,54	2	1,69	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	17	14,4	3	2,54	3	2,54	6	5,08	29
Tecnologia em Automação Industrial	4	3,38	3	2,54	1	0,84	1	0,84	9
Total	75	63,5	16	13,5	12	10,1	15	12,7	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 12: Renda Mensal Familiar

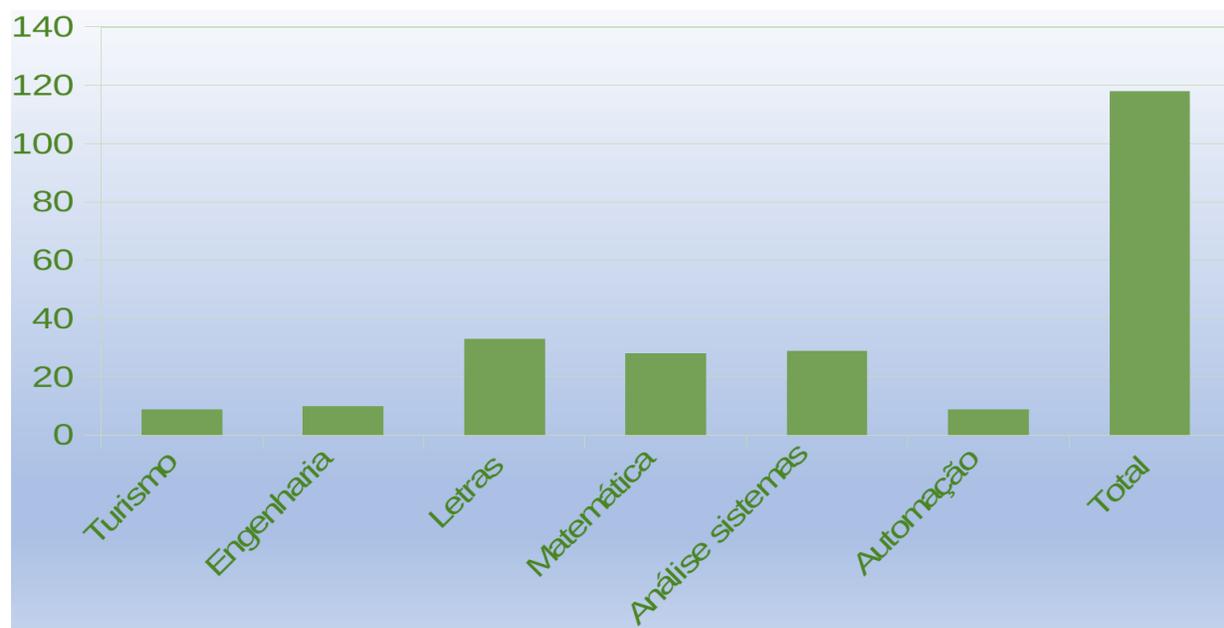
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Na pergunta do questionário de número seis, o participante, tinha que responder sobre o curso em que estava matriculado no campus Cubatão. Obtivemos os seguintes dados por cursos e participantes da pesquisa. Os dados identificados foram os seguintes: Bacharelado em Turismo teve 9 participantes (7,62), Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação 10 (8,47), Licenciatura em Letras 33 (27,9), Licenciatura em Matemática 28 (23,7), Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas 29 (24,5) e Tecnologia em Automação Industrial 9 (7,62).

Tabela 13 – Participantes da Pesquisa

Cursos	Total participantes	%
Bacharelado em Turismo	9	7,62
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	10	8,47
Licenciatura em Letras	33	27,96
Licenciatura em Matemática	28	23,72
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	29	24,57
Tecnologia em Automação Industrial	9	7,62
Total Geral	118	99,96

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 13 - Participantes da Pesquisa

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

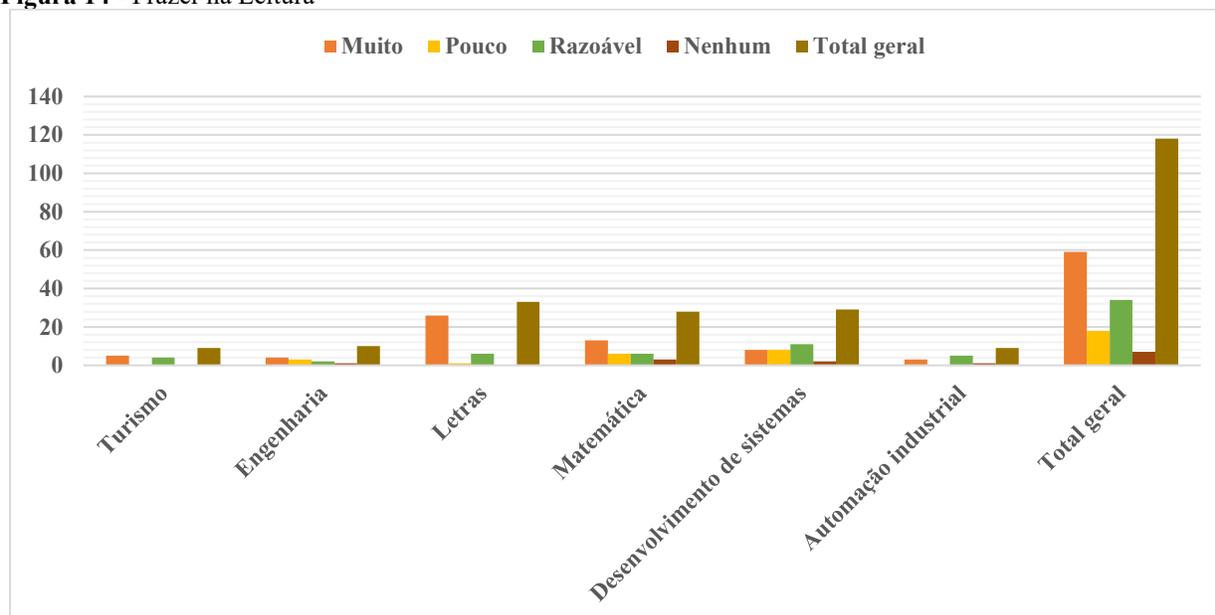
A partir, deste ponto, os questionamentos foram direcionados a leitura e seus desdobramentos desde a infância até a fase adulta. Devido ao fato de ter sido feita a opção por retirar algumas questões, então essas perguntas não obedecem integralmente a numeração das perguntas originais do questionário. Essas perguntas iniciaram questionando se a leitura lhes proporcionava prazer. Continuando a sequência de perguntas, os resultados identificados nos dados foram os seguintes: No curso de Bacharelado em Turismo de 9 participantes 5 responderam que tem muito prazer ao ler (4,23), para 4 a leitura é razoável (3,38). No curso de Engenharia de Controle e Automação de 10 participantes 4 disseram que a leitura lhes proporciona muito prazer (3,38), 3 pouco prazer (2,54), 2 disseram que a leitura proporciona um prazer razoável (1,69) e 1 respondeu que não encontra nenhum prazer em ler (0,84). No curso de Licenciatura em Letras de

33 participantes, 26 responderam sentir muito prazer em ler (22,0), 1 pouco prazer na leitura (0,84), 6 acham razoável (5,08) o prazer durante a leitura. Na Licenciatura em Matemática com 28 participantes, 13 responderam que sentem muito prazer em ler (11,01), 6 pouco prazer na leitura (5,08), 6 responderam que o prazer em ler é razoável (5,08) e 3 não sentem nenhum prazer em ler (2,54). O curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas com 29 participantes trouxe esses dados: 8 sentem muito prazer em ler (6,77), 8 sentem pouco prazer na leitura (6,77), 11 disseram que o prazer na leitura é razoável (9,32) e 2 não sentem nenhum prazer em ler (1,69). Com 9 participantes no curso de Tecnologia em Automação Industrial 3 responderam que sentem muito prazer em ler (2,54), 5 disseram que é razoável o prazer que sentem ao ler (4,23) e 1 não sente nenhum prazer na leitura (0,84).

Tabela 14 - Prazer na Leitura

Cursos	Muito	%	Pouco	%	Razoável	%	Nenhum	%	Total
Bacharelado em Turismo	5	4,23	0	0	4	3,38	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	4	3,38	3	2,54	2	1,69	1	0,84	10
Licenciatura em Letras	26	22,0	1	0,84	6	5,08	0	0	33
Licenciatura em Matemática	13	11,0	6	5,08	6	5,08	3	2,54	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	8	6,77	8	6,77	11	9,32	2	1,69	29
Tecnologia em Automação Industrial	3	2,54	0	0	5	4,23	1	0,84	9
Total	59	49,9	18	15,2	34	28,7	7	5,91	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 14 - Prazer na Leitura

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Esta pergunta do questionário visava descobrir se os participantes entendem a leitura como um fator que impulsiona o conhecimento. Os dados recolhidos são os seguintes: os participantes do curso de Bacharelado em Turismo, 9 responderam que a leitura impulsiona muito o conhecimento (7,62). O curso de Engenharia de Controle e Automação 7 responderam que a leitura impulsiona muito o conhecimento (5,93), 2 responderam que a leitura é pouco impulsionadora de conhecimento (1,69) e 1 que a leitura acrescentava conhecimento de forma razoável (0,84). No curso de Licenciatura em Letras 32 responderam que a leitura é muito impulsionadora de conhecimento (27,1), 1 respondeu que a leitura pouco impulsiona o conhecimento (0,84). O curso de Licenciatura em Matemática vemos o seguinte resultado: 27 responderam que a leitura é muito impulsionadora de conhecimento (22,8) e 1 respondeu que é razoável para o conhecimento (0,84). No curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas temos os seguintes dados: 25 participantes responderam que a leitura é muito impulsionadora de conhecimento (21,1), 1

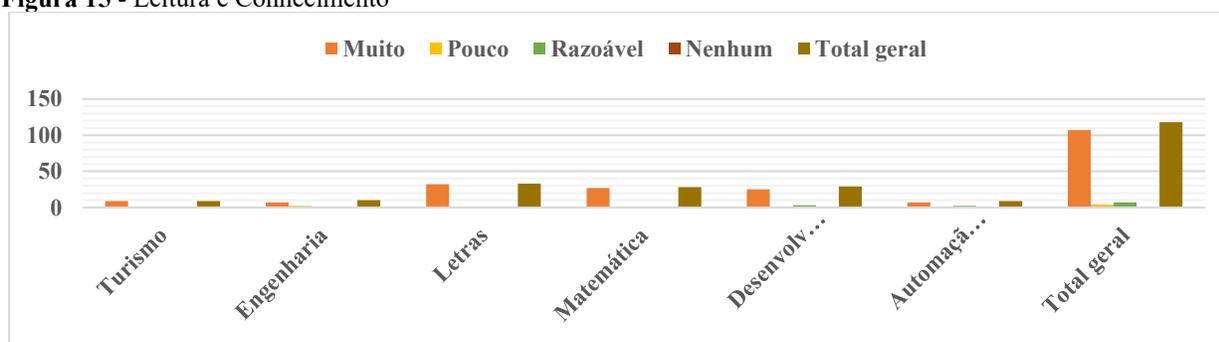
respondeu que é pouco impulsionadora de conhecimento (0,84) e 3 responderam que a leitura para o conhecimento é razoável (2,54). Os participantes do curso de Tecnologia em Automação Industrial 7 responderam que é muito impulsionadora de conhecimento (5,93) e 2 responderam que a leitura impulsiona o conhecimento de forma razoável (2,36).

Tabela 15 - Leitura e Conhecimento

Cursos	Muito	%	Pouco	%	Razoável	%	Nenhum	%	Total
Bacharelado em Turismo	9	7,62	0	0	0	0	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	7	5,93	2	1,69	1	0,84	0	0	10
Licenciatura em Letras	32	27,1	1	0,84	0	0	0	0	33
Licenciatura em Matemática	27	22,8	0	0	1	0,84	0	0	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	25	21,1	1	0,84	3	2,54	0	0	29
Tecnologia em Automação Industrial	7	5,93	0	0	2	1,69	0	0	9
Total	107	90,4	4	3,38	7	5,93	0	0	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 15 - Leitura e Conhecimento



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

A pergunta do questionário que visava descobrir o contato que os participantes tiveram com livros durante a infância obteve os seguintes resultados: no curso de Bacharelado em Turismo de 9 participantes, 5 responderam que tiveram muito contato com livros na infância (4,23), 3 responderam pouco contato (2,54) e 1 respondeu que o contato com livros na infância foi razoável (0,84). O curso de Engenharia de Controle e Automação apresentou os seguintes resultados em um total de 10 participantes: 4 responderam muito contato com livros na infância (3,38), 2 pouco contato (1,69) e 4 responderam que o contato com livros na infância foi razoável (3,38).

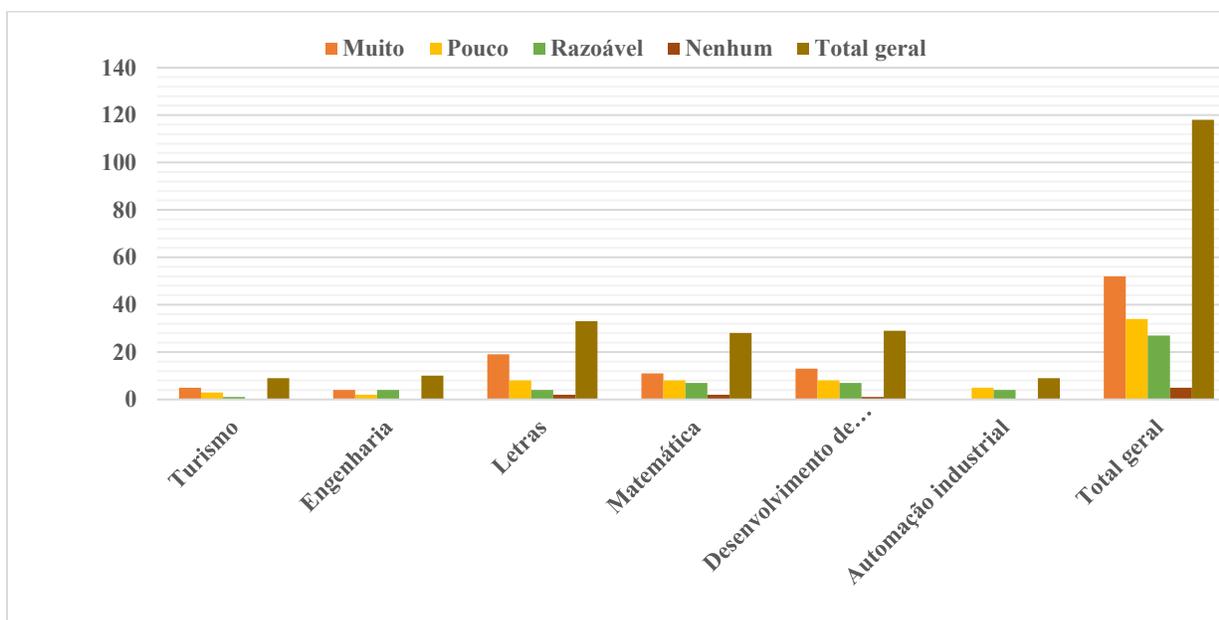
No curso de Licenciatura em Letras com 33 participantes as respostas para esta pergunta foram: 19 responderam terem possuído muito contato com livros na infância (16,1), 8 responderam que houve pouco contato (6,77), 4 responderam que o contato foi razoável (3,38) e 2 responderam que não houve nenhum contato com livros na infância (1,69). O curso de Licenciatura em Matemática com 28 participantes trouxe o seguinte resultado: 11 responderam que houve muito contato com livros na infância (9,32), 8 responderam que houve pouco contato (6,77), 7 responderam que o contato com livros na infância foi razoável (5,93) e 2 responderam que não houve nenhum contato com livros na infância (1,69). O curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas com 29 participantes apresentou o seguinte resultado: 13 tiveram muito contato com livros na infância (11,0), 8 tiveram pouco contato (6,77), 7 responderam que o contato foi razoável (5,93) e 1 não teve nenhum contato com livros na infância (0,84). Com 9 participantes o curso de Tecnologia em Automação Industrial apresentou os seguintes dados: não houve resposta para muito contato com livros na infância (0), 5 tiveram pouco contato com livros (4,23) e 4 consideraram o contato com livros na infância razoável (3,38).

Tabela 16 - Contato com Livros na Infância

Cursos	Muito	%	Pouco	%	Razoável	%	Nenhum	%	Total
Bacharelado em Turismo	5	4,23	3	2,54	1	0,84	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	4	3,38	2	1,69	4	3,38	0	0	10
Licenciatura em Letras	19	16,1	8	6,77	4	3,38	2	1,69	33
Licenciatura em Matemática	11	9,32	8	6,77	7	5,93	2	1,69	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	13	11,0	8	6,77	7	5,93	1	0,84	29
Tecnologia em Automação Industrial	0	0	5	4,23	4	3,38	0	0	9
Total	52	44,0	34	28,7	27	22,8	5	4,23	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 16 - Contato com Livros na Infância



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

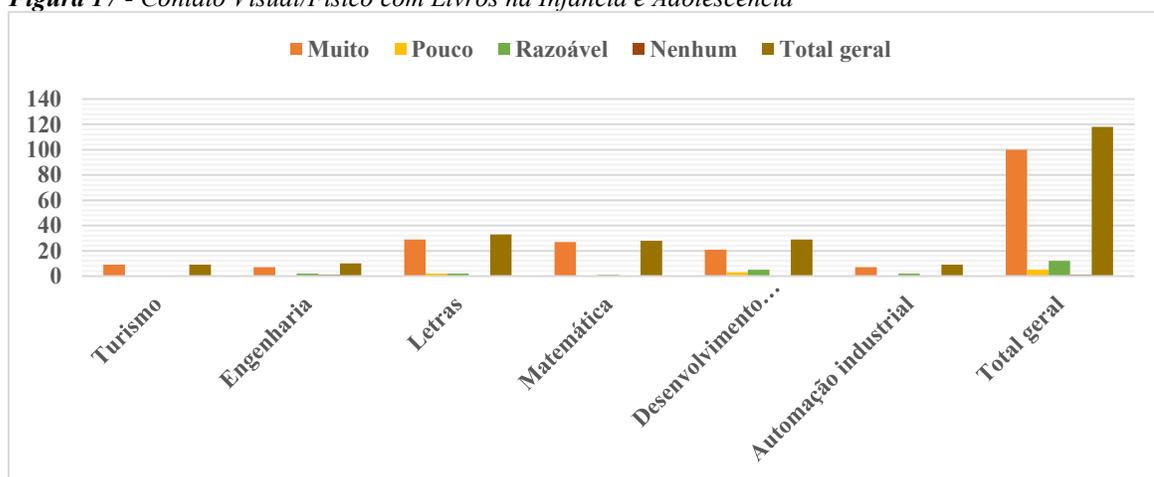
A pergunta que trouxe referência ao contato com livros na infância e adolescência (foi acrescentado o período da adolescência) visava descobrir que importância os participantes dariam a essa experiência de contato físico ou visual com livros nessas duas fases da vida. As respostas do curso de Bacharelado em Turismo quanto a importância de se ter contato físico ou visual com livros na infância e adolescência foram as seguintes: todos os 9 participantes consideraram que é muito importante o contato com livros na infância e adolescência (7,62). No curso de Engenharia de Controle e Automação 7 responderam que é muito importante esse contato com livros desde a infância (5,93), 2 responderam que esse contato físico com o livro é razoável (1,69) e 1 respondeu que não tem nenhuma importância o contato com livros na infância e adolescência (0,84). No curso de Licenciatura em Letras 29 consideraram muito importante o contato com livros na infância e adolescência (24,5), 2 responderam que tem pouca importância (1,69), 2 responderam que o contato com livros na infância e adolescência seria razoável (1,69). No curso de Licenciatura em Matemática, 27 participantes, consideraram muito importante o contato físico ou visual com livros na infância e adolescência (22,8), 1 respondeu que esse contato é razoável (0,84). No curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas apresentou-se os seguintes dados, 21 participantes, opinaram que o contato físico e visual com livros na infância e adolescência é muito importante (17,7), 3 responderam que esse contato tem pouca importância (2,54), 5 responderam que o contato físico e visual é razoável dentro de um nível de importância (4,23). No curso de Tecnologia em Automação Industrial, 7 opinaram que é muito importante ter contato físico e visual com livros na infância e adolescência (5,93) e 2 responderam que a importância desse contato na infância e adolescência é considerada razoável (1,69).

Tabela 17 – Contato Visual/Físico com Livros na Infância e Adolescência

<i>Cursos</i>	<i>Muito</i>	<i>%</i>	<i>Pouco</i>	<i>%</i>	<i>Razoável</i>	<i>%</i>	<i>Nenhum</i>	<i>%</i>	<i>Total</i>
<i>Bacharelado em Turismo</i>	9	7,62	0	0	0	0	0	0	9
<i>Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação</i>	7	5,93	0	0	2	1,69	1	0,84	10
<i>Licenciatura em Letras</i>	29	24,5	2	1,69	2	1,69	0	0	33
<i>Licenciatura em Matemática</i>	27	22,8	0	0	1	0,84	0	0	28
<i>Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas</i>	21	17,7	3	2,54	5	4,23	0	0	29
<i>Tecnologia em Automação Industrial</i>	7	5,93	0	0	2	1,69	0	0	9
Total	100	84,4	5	4,23	12	10,16	1	0,84	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 17 - Contato Visual/Físico com Livros na Infância e Adolescência



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

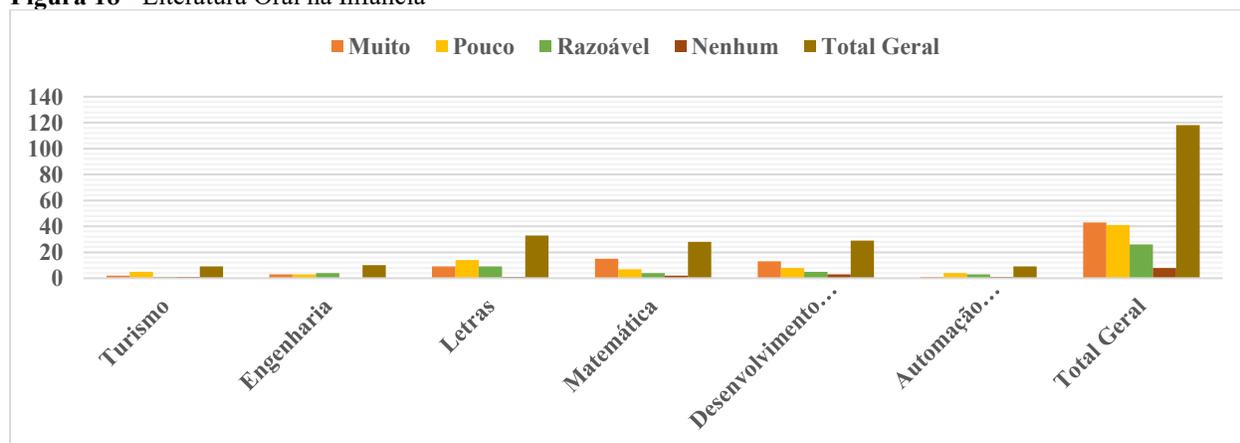
Na pergunta que teve como tema a literatura oral, os participantes visualizavam uma breve definição deste tipo de literatura, a qual, faz parte da cultura popular e que pode ser transmitida entre as pessoas em diversos espaços. Os dados recolhidos sobre com que frequência você teve contato com literatura oral foram os seguintes: Bacharelado em Turismo 2 participantes disseram que tiveram muito frequentemente contato com literatura oral na infância (1,69), 5 disseram que tiveram pouco contato com literatura oral sendo a frequência muito pouca (4,23), 1 respondeu que foi em um nível razoável o contato com literatura oral (0,84) e 1 não teve qualquer contato com literatura oral na infância (0,84). O curso de Engenharia de Controle e Automação apresenta os seguintes dados: 3 tiveram contato frequente com literatura oral na infância (2,54), 3 tiveram pouco contato com literatura oral (2,54) e 4 disseram que a frequência de literatura oral na infância foi razoável (3,38). No curso de Licenciatura em Letras verifica-se que 9 tiveram muito frequentemente contato com literatura oral (7,62), 14 tiveram pouco contato com literatura oral (11,8), 9 acham que o contato com esse tipo de literatura foi razoável (7,62) e 1 não teve contato na infância com literatura oral (0,84). Licenciatura em Matemática traz os dados a seguir: 15 responderam que tiveram contato frequentemente com literatura oral (12,7), 7 tiveram pouco contato (5,93), 4 responderam que a frequência foi razoável ao contato com literatura oral na infância (3,38), 2 não tiveram nenhum contato com literatura oral na infância (1,69). O curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas apresenta os seguintes resultados para a pergunta: 13 responderam que tiveram muito frequentemente contato com literatura oral na infância (11,0), 8 tiveram pouco contato (6,77), 5 responderam que o contato foi razoável (4,23) e 3 não tiveram nenhum contato com literatura oral na infância (2,54). No curso de Tecnologia em Automação Industrial 1 teve muito frequentemente contato com literatura oral (0,84), 4 tiveram pouco contato (3,38), 3 responderam que o contato foi razoável (2,54) e 1 não teve nenhum contato com literatura oral na infância (0,84).

Tabela 18 - Literatura Oral na Infância

Cursos	Muito	%	Pouco	%	Razoável	%	Nenhum	%	Total
Bacharelado em Turismo	2	1,69	5	4,23	1	0,84	1	0,84	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	3	2,54	3	2,54	4	3,38	0	0	10
Licenciatura em Letras	9	7,62	14	11,8	9	7,62	1	0,84	33
Licenciatura em Matemática	15	12,7	7	5,93	4	3,38	2	1,69	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	13	11,0	8	6,77	5	4,23	3	2,54	29
Tecnologia em Automação Industrial	1	0,84	4	3,38	3	2,54	1	0,84	9
Total	43	36,3	41	34,6	26	21,9	8	6,75	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 18 - Literatura Oral na Infância



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

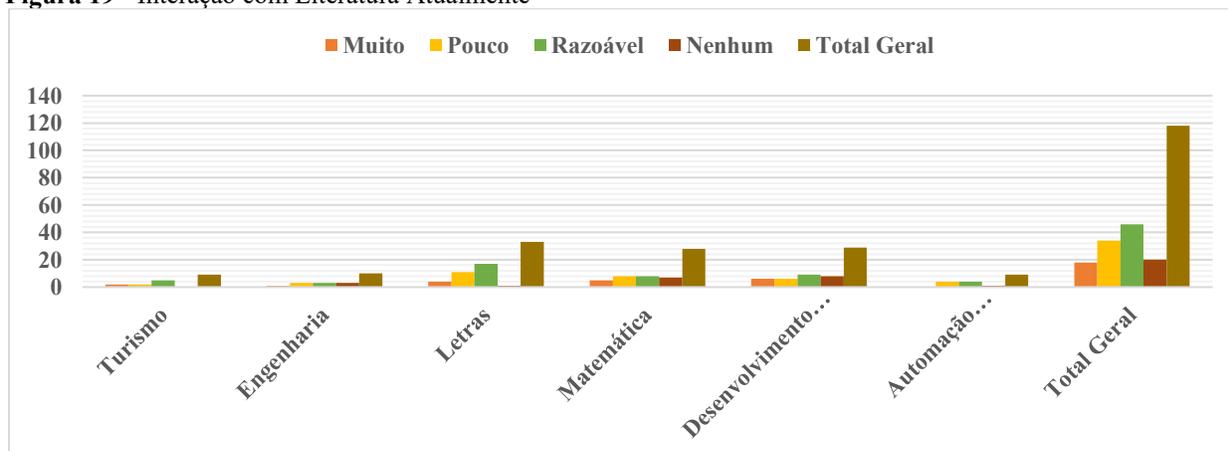
A pergunta que visava obter dados sobre a atual interação dos graduandos com a literatura de forma geral apresentou os seguintes dados coletados do questionário Google Forms a seguir: No curso de Bacharelado em Turismo 3 participantes responderam que tem muita interação com literatura atualmente (2,54), 2 responderam que interagem pouco com literatura (1,69), 4 responderam que a interação com literatura é razoável (3,38). No curso de Engenharia de Controle e Automação 2 responderam que há muita interação com literatura (1,69), 2 responderam que interagem pouco com literatura (1,69), 3 responderam que a interação é razoável com literatura (2,54), e 3 não possuem nenhuma interação com literatura (2,54). No curso de Licenciatura em Letras com 33 participantes, 20 responderam que tem muita interação com literatura atualmente (16,9), 6 responderam que interagem pouco com literatura (5,08), 7 responderam que possuem uma razoável interação com literatura (5,93). Licenciatura em Matemática com 28 participantes apresentou os seguintes dados: 10 responderam ter muita interação com literatura atualmente (8,47), 9 responderam que possuem pouca interação com literatura (7,62), 7 responderam que a interação é razoável (5,93) e 2 responderam que não possuem nenhuma interação com literatura atualmente (1,69). De 29 participantes do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, 5 responderam que possuem muita interação com literatura atualmente, (4,23), 14 responderam que possuem pouca interação (11,8), 8 responderam que a interação com literatura é razoável (6,77) e 2 não possuem interação com literatura atualmente (1,69). No curso de Tecnologia em Automação Industrial 4 responderam que possuem muita interação com literatura atualmente (3,38), 3 responderam que a interação é pouca (2,54), 1 respondeu que a interação é razoável (0,84) e 1 respondeu que não possui interação com literatura atualmente (0,84).

Tabela 19- Interação com Literatura Atualmente

Cursos	Muito	%	Pouco	%	Razoável	%	Nenhum	%	Total
Bacharelado em Turismo	3	2,54	2	1,69	4	3,38	0	0	9
Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação	2	1,69	2	1,69	3	2,54	3	2,54	10
Licenciatura em Letras	20	16,9	6	5,08	7	5,93	0	0	33
Licenciatura em Matemática	10	8,47	9	7,62	7	5,93	2	1,69	28
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas	5	4,23	14	11,8	8	6,77	2	1,69	29
Tecnologia em Automação Industrial	4	3,38	3	2,54	1	0,84	1	0,84	9
Total	44	37,2	36	30,4	30	25,4	8	6,7	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 19 - Interação com Literatura Atualmente



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

A próxima pergunta tinha por intuito verificar a motivação que os graduandos teriam para frequentar ou interagir com a informação disponível na biblioteca.

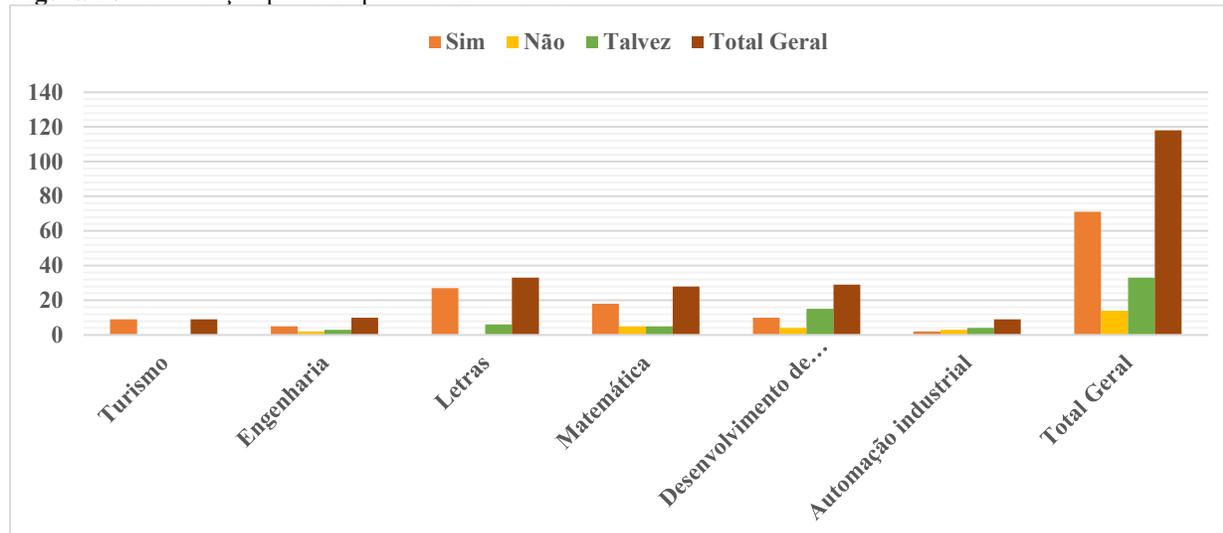
Havia as seguintes possibilidades de respostas: sim, não, talvez. Por cursos a resposta a esta pergunta coletou os seguintes dados: Bacharelado em Turismo 9 participantes se motivariam a interagir com a biblioteca e a informação nela contida (7,62). No curso de Engenharia de Controle e Automação 5 se motivariam a interagir com a biblioteca (4,23), 2 não tem interesse em interagir (1,69) e 3 talvez (2,54). O curso de Licenciatura em Letras 27 responderam que tem interesse e motivação em interagir com a biblioteca e sua informação (22,8), 6 não teriam interesse em interagir (5,08). O curso de Licenciatura em Matemática 18 responderam que tem motivação e interesse em interagir com a biblioteca (15,2), 5 não tem interesse em interagir (4,23) e 5 talvez (4,23). No curso de tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas 10 tem interesse e motivação em interagir com a biblioteca (8,47), 4 não tem interesse em interagir (3,38), e 15 talvez (12,7). O curso de Tecnologia em Automação Industrial 2 responderam que teriam interesse e motivação para interagir com a biblioteca (1,69), 3 não se motivariam a interagir (2,54), 4 talvez se motivariam a interagir com a biblioteca (3,38).

Tabela 20 - Motivação para Frequentar a Biblioteca

Cursos	Sim	%	Não	%	Talvez	%	Total
Turismo	9	7,62	0	0	0	0	9
Engenharia	5	4,23	2	1,69	3	2,54	10
Letras	27	22,8	6	5,08	0	0	33
Matemática	18	15,2	5	4,23	5	4,23	28
Análise de Sistemas	10	8,47	4	3,38	15	12,7	29
Automação Industrial	2	1,69	3	2,54	4	3,38	9
Total	71	60,0	20	16,9	27	22,8	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Figura 20 - Motivação para Frequentar a Biblioteca



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Na pergunta que tinha por objetivo conhecer os gêneros literários (Literatura) preferidos pelos graduandos do Campus Cubatão, para se ter uma melhor visualização na tabela, optou-se por identificar os gêneros literários por letras na seguinte sequência: R (Romântica); Ficção B/E (Ficção Brasileira e Estrangeira); P/A (Policial e Aventura); D/C (Drama e Comédia); P (Poesias); C (Contos); B (Biografias) e outros. Como resultados dos dados verificou-se que no curso de Bacharelado em Turismo 1 respondeu romântica (0,84), 2 responderam Ficção Brasileira/Estrangeira (1,69), 1 respondeu Policial/Aventura (0,84), 2 responderam Drama/Comédia (1,69), 1 respondeu Contos (0,84), 2 responderam outros (1,69). No curso de Engenharia de Controle e Automação 3 optaram por romântica (2,54), 2 responderam Ficção Brasileira/Estrangeira (1,69), 2 responderam policial/Aventura (1,69), não houve respostas para Drama e Comédia, Poesias, Contos e Biografias e 3 respostas para outros (2,54). O curso de Licenciatura em Letras 11 optaram por romântica (9,32), 7 responderam Ficção

Brasileira/Estrangeira (5,93), 4 responderam Drama/Comédia (3,38), 4 responderam Poesias (3,38), 1 respondeu Biografias (0,84), 6 responderam outros (5,08). No curso de Licenciatura em Matemática observou-se o seguinte: 4 responderam romântica (3,38), 5 responderam Ficção Brasileira/Estrangeira (4,23), 1 respondeu Policial/Aventura (0,84), 1 respondeu Drama/Comédia (0,84), 1 respondeu Poesias (0,84), 3 responderam Contos (2,54), 2 responderam Biografias (1,69), 11 responderam outros (9,32). Os dados quanto ao gênero literário preferido pelo curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Dados foram os seguintes: 3 responderam romântica (2,54), 7 responderam Ficção Brasileira/Estrangeira (5,93), 2 responderam Policial/Aventura (1,69), 1 respondeu Drama/Comédia (0,84), 1 respondeu Poesias (0,84), 1 respondeu Contos (0,84), 2 responderam Biografias (1,69), 12 responderam outros (10,1). O curso de Tecnologia em Automação Industrial trouxe os seguintes dados: 2 responderam romântica (1,69), 3 responderam Ficção Brasileira/Estrangeira (2,54), 1 respondeu Poesias (0,84), 1 respondeu Contos (0,84), 2 responderam outros (1,69).

Tabela 21 - Gêneros Literários e Identificação

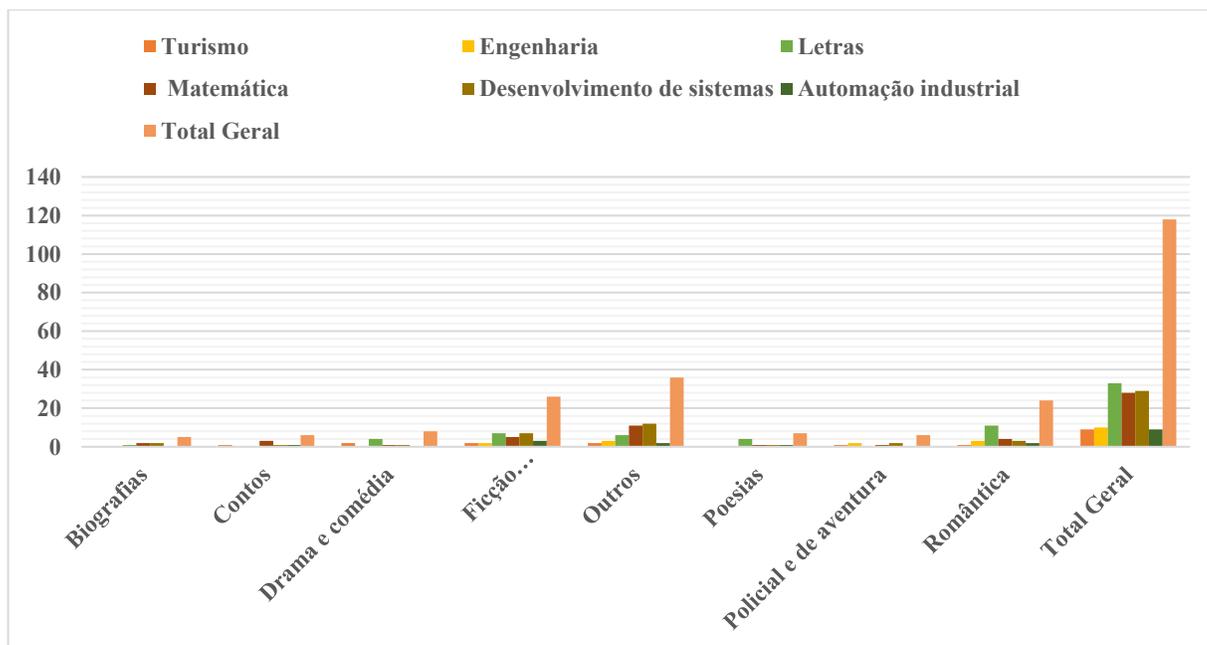
Cursos	R	%	Ficção B/E	%	P/A	%	D / C	%	P	%	C	%	B	%	Outros	%	Total	
Bacharelado Turismo	em	1	0,84	2	1,69	1	0,84	2	1,69	0	0	1	0,84	0	0	2	1,69	9
Bacharelado Engenharia de Controle e Automação	em	3	2,54	2	1,69	2	1,69	0	0	0	0	0	0	0	0	3	2,54	10
Licenciatura Letras	em	11	9,32	7	5,93	0	0	4	3,38	4	3,38	0	0	1	0,84	6	5,08	33
Licenciatura Matemática	em	4	3,38	5	4,23	1	0,84	1	0,84	1	0,84	3	2,54	2	1,69	11	9,32	28
Tecnologia Análise e Desenvolvimento de Sistemas	em	3	2,54	7	5,93	2	1,69	1	0,84	1	0,84	1	0,84	2	1,69	12	10,16	29
Tecnologia Automação Industrial	em	2	1,69	3	2,54	0	0	0	0	1	0,84	1	0,84	0	0	2	1,69	9
Total		24	20,3	26	22,0	6	5,0	8	6,7	7	5,9	6	5,0	5	4,2	36	30,4	118

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Observa-se abaixo, as letras que foram selecionadas para identificar os gêneros literários tanto na pergunta quanto na planilha.

R – Romântica
 Ficção B/E - Ficção Brasileira e Estrangeira
 P/A - Policial e Aventura
 D/C - Drama e Comédia
 P – Poesias
 C – Contos
 B – Biografias
 Outros

Figura 21 - Gêneros Literários e Identificação



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

8 Discussão

Nesta discussão, foram pesquisados, alguns dados que poderão servir de parâmetros para futuras pesquisas, quando se indaga a seguinte questão: Como a leitura na infância pode interferir em hábitos de leitura dos graduandos? Os resultados de uma pergunta que envolvia o contato com livros na infância, trouxeram algumas considerações importantes, de serem salientadas como: somando-se todos os cursos verifica-se que 52 participantes tiveram muito contato com livros na infância e 27 responderam que o contato foi razoável. Somando-se as duas variáveis dos cursos verifica-se uma resposta positiva de 79 participantes para contato com leitura na infância. Porém, se observarmos outras variáveis, nota-se que houve resultados menos positivos, quando a resposta é pouco contato com livros na infância. Verificamos que 34 participantes tiveram pouco contato com leitura na infância, um número considerável. Quando observamos a soma dos cursos para o item nenhum contato com leitura verifica-se o total de 5 respostas, mas quando soma-se o total da variável, pouco mais nenhum contato com livros, aparecem 39 respostas sendo um índice a ser considerado, que poderia indicar, que esses alunos não tiveram quase contato com livros na infância. Supõe-se que chegaram na fase de alfabetização sem passar por experiências de letramentos visuais ou físicos com livros ou escrita na infância, antes do período da alfabetização.

O contato da criança com livro só é possível por intermédio de uma família que valida este hábito ou pela escola. A família, entretanto, quando é leitora, tem grande poder de influência em hábitos de leitura na criança. Ortiz-Salazar e Peña Castaño (2019) e Orlando e Leite (2018) convergem quando falam da importância sobre o papel de intervenção e mediação da família no processo de leitura através de interações que possibilitem o desenvolvimento cognitivo e de internalização do sujeito. Essas intervenções, em âmbito familiar, estão intimamente ligadas a esta

fase da infância de contato ou experiências, quer seja, do livro físico ou diversas outras formas de leitura existentes em que a criança se apropria de sua essência.

Para demonstrar a importância dessa experiência com a escrita em crianças antes da alfabetização, em relação a pergunta de pesquisa, buscou-se embasamento teórico, na educadora Emília Ferreiro, a qual, em parceria com Ana Teberoski realizaram pesquisas na América Latina, relacionadas ao tema da escrita e leitura em crianças em fase pré-escolar, mas também, destacou-se a importância do letramento que essas crianças já trazem do seu convívio social e que devem ser explorados em ambientes de alfabetização. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) essa procura pela gênese da escrita (começo) passa pela tentativa de explicar processos e as formas pelas quais a criança aprende a ler e escrever. Ela deve compreender além das características, o valor e qual a função da escrita, ou seja, para que ela serve. Como a escrita e a leitura foram introduzidas e por quem? No meio social em que viviam havia o gosto e o incentivo para a leitura, esta, sendo considerada de vital importância?

Percebe-se que faltam mais pesquisas sobre letramento familiar em crianças antes da fase pré-escolar. Encontramos na BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) a seguinte dissertação de mestrado que mais se aproxima desse letramento familiar envolvendo crianças não letradas intitulada “Letramento familiar: práticas e eventos de leitura em segmento genealógico familiar com progenitores analfabetos” de Goulart (2012). Essa dissertação foi um estudo de caso familiar, interessante, de letramento em família, mas não me trouxe dados brutos ou quantificáveis de uma pesquisa quantitativa, pois, ela era de cunho qualitativa, através de entrevistas e observação. O mestrando entrevistou seus avós analfabetos e parentes (tios e tias) para descobrir níveis de letramento e se houve resignificação do ato de ler entre essas gerações. No Brasil, as pesquisas tendem a estar relacionadas a leitura em geral, letramento, práticas de sala de aula e até interação de bebês com livros em creches, nota-se que há uma ausência de mais pesquisas que identifiquem como se dão essas práticas de letramento, em ambientes diversos, fora do ambiente

escolar para efeitos de comparação nos diversos níveis envolvendo questões de linguagem, de descoberta da escrita, mesmo que de forma embrionária, principalmente em interações familiares que envolvam crianças menores de 5 anos, em contextos socioeconômicos diversos. Para que se introduza políticas públicas voltadas para segmentos da população que envolvam a interação de famílias e crianças menores de 5 anos em práticas de letramento, tem-se de buscar embasamento em pesquisas acadêmicas que tragam resultados, sejam elas de cunho qualitativo ou quantitativo.

Resultados de outra pesquisa, interessante, de autoria de Menta Três, N. e Burlamaque, F. V. (2017) envolvia as experiências de leitura de alunos de graduação de Letras, onde, elas dizem na sua pesquisa, que os estudantes ao “declararem não terem vivenciado experiências de leitura antes dos cinco anos de idade, os sujeitos acabam por excluir as leituras visuais que as crianças realizam até adquirir condições de ler materiais escritos.” Essa pesquisa trouxe os seguintes resultados de experiências de leitura para iniciantes, 48% (6 aos 9 anos), 30% (a partir de 10 anos), 22% (Até os 5 anos). Finalistas, 60% (6 aos 9 anos), 34% (Até os 5 anos), 3% (a partir de 10 anos), 3% em branco. Por não ser a nossa pesquisa específica sobre letramento, práticas de letramento, experiências de leitura por faixas etárias, não teria como fazer uma comparação quantitativa com a pesquisa de Menta Três, N. e Burlamaque, F. V. (2017).

Considera-se duas questões sobre essa pesquisa: foi uma pesquisa qualitativa que difere da nossa pesquisa realizada, de cunho quantitativo, outra questão que o público pesquisado abrange somente um curso (Letras) em fase inicial e final de curso. Nós nos propusemos a verificar o contato com o objeto “livro”, apesar de não estar identificado como “experiência com leitura,” abriu-se um espaço para a experiência quando se coloca na pergunta o “contato visual e físico” com o livro? Não deixou de ser uma experiência de leitura. Mas porque então trazer essa pesquisa? Porque ela fala das “leituras visuais” que fazia parte de uma das perguntas relacionadas ao contato com livros. Conclui-se, que sim, os alunos tiveram experiências com algum tipo de letramento, embora não tenha sido a realidade na totalidade dos participantes.

Para pesquisar se os alunos da graduação sofreram influências a respeito de hábitos de leitura desde a infância, ou seja, para pesquisar a fase adulta do leitor, uma das perguntas tinha por objetivo identificar qual era a interação com literatura dos graduandos na atualidade, obteve-se os seguintes resultados aqui resumidos para as categorias muito e nenhum. Letras apresentou o maior índice para muita interação com literatura atualmente, seguida de Matemática e Análise de Sistemas. Porém neste quesito de interatividade o pior desempenho ficou com o curso de Engenharia, Matemática e Análise de Sistemas em menor proporcionalidade. Percebe-se que cursos de exatas, geralmente, não interagem ou interagem pouco com literatura, sendo o maior índice para nenhuma interação com literatura o curso de Engenharia de Controle e Automação, entretanto o curso de Matemática obteve dentre esses três cursos um índice melhor de interatividade com literatura.

Façamos uma comparação com o resultado encontrado em Oliveira et al. (2017) quando se pesquisa sobre hábitos de leitura da Universidade Federal de São João del Rey, Campus Alto Paraopeba, em Minas Gerais. Uma das variáveis a serem pesquisadas se referiam aos cursos que menos gostam de ler, seu resultado aponta para o curso de Engenharia civil (curso de exatas). Como parâmetros utilizaram “A média observada para os cursos é de 69,8 com desvio de $\pm 7,6$. Sendo assim, o único curso que apresenta valores para o gosto pela leitura inferior à média e desvio padrão é o de Engenharia civil.” Essa interação com literatura seria uma questão mais geral, não só do nosso campus ou seria uma questão a ser mais bem avaliada nos cursos de graduação em geral? Embora, o Curso de Engenharia do Campus Cubatão, na questão de contato com livros na infância tenha apresentado índices bons, pois, as respostas mais assinaladas ficaram entre muito e razoável (8 alunos) porém, quando a pergunta questionava a interação com literatura atualmente somente 2 participantes optaram pela resposta de muita interação com literatura e 3 com nenhuma interação. Apesar da amostra do curso ter sido pequena, de apenas 10 participantes nota-se que

talvez seja necessário trabalhar literatura com alunos de cursos de exatas a fim de despertar o gosto pela leitura como um adicional incremento de novas palavras ao seu vocabulário e a possibilidade de se trabalhar a criticidade nesses graduandos. Segundo Freire (1982, p. 44) há a necessidade de “[...] uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação [...]”

Britto e Di Giorgi (2022, p. 4) consideram que “a consciência crítica não brotará espontaneamente, mas apenas por meio da ação política consistente, da qual a educação é parte.” A alfabetização/educação quando ela é voltada para despertar a consciência crítica, de forma constante, abre portas para que o leitor veja os textos de forma diferenciada nos diversos tipos de conteúdo. Sabe-se da dificuldade no ensino brasileiro da implementação de uma educação nos moldes de uma consciência libertadora e crítica, principalmente, quando verifica-se dados como os divulgados por Lima (2021, p. 62) do INAF, em seu artigo publicado no ebook “Retratos da leitura no Brasil”, quando ela diz que no ensino superior daqueles que frequentaram ou concluíram o ensino superior, apenas 34% podem ser considerados proficientes no domínio das habilidades que caracterizam o alfabetismo, 37% ficam no nível intermediário e 29% nos níveis elementar e rudimentar sendo as competências adquiridas insuficientes para adquirir os conteúdos do ensino superior.

Conhecendo os dados sobre a interação com literatura atualmente, de forma geral, buscou-se também conhecer o gosto literário dos estudantes da graduação, para isso foi elaborada tabela com gêneros literários e eles deveriam marcar qual o gênero literário que mais se identificavam. Embora o curso de Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação, na questão sobre interação com literatura não tenha obtido bom índice, quando perguntado sobre gênero literário (romance, policial e aventura) se equiparam com o curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, já na variável, policial e aventura, o curso de Licenciatura em Letras não obteve resposta. Quanto a drama e comédia ganham destaque os cursos de Licenciatura

em Letras, Bacharelado em Turismo, seguidos de Licenciatura em Matemática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. O gênero literário, poesia, obteve maior percentual de respostas nos cursos de Licenciatura em Letras, seguidos por Licenciatura em Matemática, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Tecnologia em Automação Industrial. No quesito contos, uma surpresa agradável, pois alunos de Licenciatura em Matemática foram os que mais selecionaram essa variável e observa-se um empate entre curso de Bacharelado em Turismo, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Tecnologia em Automação Industrial. Para a variável Biografias os maiores índices são dos cursos de Licenciatura em Matemática, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Licenciatura em Letras. A opção outros (outras opções de gêneros literários) não permitia que os participantes colocassem quais eram essas opções, pois eram perguntas fechadas. Essa opção teve uma resposta relevante que, talvez futuramente, poderia se fazer uma enquete ou estudo de usuários mais aprofundado para descobrir quais os gêneros que não se identificaram na pergunta. Os maiores índices, para essa não identificação, se referem aos cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Letras. Poderiam ser livros de histórias em quadrinhos, fábulas, novelas, mangá, religião e espiritualidade, autoajuda e outros que não foram contemplados na pergunta do questionário?

Voltemos a pesquisa de Oliveira et al. (2017) na sua pesquisa dividiu-se os dados sobre leitura dos graduandos em sete categorias. Para entendermos, nossa pesquisa, e verificar se existe alguma similaridade, vamos trazer os dados da pesquisa dos autores sobre os gêneros literários poesia, contos e biografias. Essas três variáveis coincidiram nas duas pesquisas. Na pesquisa foi perguntado “se os graduandos se identificavam com alguns gêneros literários” (incluídos poesia, contos e biografias), no entanto, a pesquisa de Oliveira tinha por intuito verificar se os graduandos “faziam leitura” de poesias, contos e biografias, essas variáveis coincidiram nas duas pesquisas

com alguma diferença. Segundo Oliveira et al. (2017)" Ao analisar os dados [...], nota-se que o gênero poético é muito pouco apreciado pelos alunos dos cursos de engenharia do CAP-UFSJ, onde um índice razoável declara não ler este tipo de texto. Outros declaram fazer leitura mensal e um índice bem baixo de alunos lê este tipo de texto diariamente. Comparando as duas pesquisas verificou-se que os cursos de Engenharia não se identificam com poesia, observa-se na nossa pesquisa que os cursos que mais se identificam com poesia são os cursos de Licenciatura em Letras, e com índices mais baixos, Licenciatura em Matemática, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Tecnologia em Automação Industrial.

Para o gênero literário, contos, na UFSJ identificou-se que a maioria dos participantes da pesquisa afirmam que não leem contos e histórias e os que fazem esse tipo de leitura apresentam uma frequência mensal. Porém, identificou-se que contos e histórias são mais lidos que biografias, mesmo que em frequências ainda baixas. Foi verificado na nossa pesquisa que os cursos que mais se identificam com contos são os cursos de Licenciatura em Matemática, Bacharelado em Turismo, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Tecnologia em Automação Industrial. São identificações baixas para este tipo de gênero literário, mas também, observou-se que não houve resposta para este gênero nos cursos de Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação e Licenciatura em Letras. Nas duas pesquisas é possível avaliar que os gêneros, contos e biografias, não atraem muito os alunos de forma geral. Na variável, Biografias, na pesquisa de Oliveira et al. (2017) mais da metade dos entrevistados não leem biografias e a maior parte dos que o fazem é mensalmente. Este resultado mostra que livros do tipo biográficos não atraem a maioria do público participante da pesquisa: alunos de engenharia do CAP-UFSJ. Na nossa pesquisa, no que se refere, a identificação com Biografias, os que mais se identificam com biografias são alunos de exatas como Licenciatura em Matemática, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e uma pequena exceção para Licenciatura em Letras, todavia, os

cursos de Bacharelado em Turismo, Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação, e Tecnologia em Automação Industrial, não responderam a esta questão por não se identificarem com o gênero literário. Subtende-se que não se identificam com biografias, em consonância, com a pesquisa da CAP-UFSJ que identificou que biografias não é um gênero preferido entre os estudantes.

Para comparação de pesquisas, entre nossa pesquisa e de Yubero, Larrañaga e Pires (2014) verificou-se que o modo de elaboração das tabelas foi diferente, assim como os dados. Por exemplo na tabela de Yubero, Larrañaga e Pires (2014, p. 21) as variáveis foram identificadas em uma tabela geral onde se identificava não leitores, ocasionais e frequentes, além de identificação por gênero homem/mulher e por último nessa tabela, as áreas dos cursos. Para fazer um paralelo com essa pesquisa, fizemos uma suposição de áreas para que pudesse melhor identificar alguma semelhança entre elas. Retiramos duas áreas dessa pesquisa que poderiam abranger nossos cursos que seriam as áreas de Ciências e Educação. Yubero, Larrañaga e Pires (2014), em seu ebook, traz resultados para os gêneros literários romance, poesia e contos, os quais, trazemos aqui para comparar com nossa pesquisa. Priorizou-se, na nossa pesquisa, trazer dados relacionados aos cursos, em geral, e quanto aos gêneros literários não se pesquisou detalhes de gênero sexual dos estudantes.

O interesse, mais geral, foi descobrir com quais gêneros literários cada curso se identificava. Caso, separássemos a pesquisa por área de conhecimento, dentro das Ciências, teríamos os seguintes cursos: Engenharia de Controle e Automação, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Automação Industrial. O percentual total somado desses cursos, os maiores índices seriam para romance e os cursos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Automação Industrial ficariam empatados em poesia e contos. Romance sobressaiu a poesia e contos. Na área da educação colocaríamos as duas licenciaturas de Letras, Matemática (já que são cursos voltados para a prática em sala de aula na área da educação)

com os seguintes índices totais somados para romance (15 pessoas), contos (4 pessoas) e poesia (5 pessoas). Identificou-se que dessa amostra parcial, 15 pessoas gostam de romance se fossem considerados esses cursos dentro de uma área maior da educação. Nos resultados da tabela geral da pesquisa de Yubero, Larrañaga e Pires (2014, p. 21) comparando-se as duas pesquisas, verificou-se que, a variável romance tem o maior índice nas duas, seguida de contos e por último poesia, então concluiu-se que na área de educação, sobressaiu a variável romance, seguida de contos e poesia. Os dados da pesquisa de Yubero, Larrañaga e Pires (2014) referentes ao primeiro gênero – romance, observou-se que os leitores frequentes leem mais romances históricos, as preferências relacionadas com os estudos, parece que estão ligadas ao comportamento leitor e que os estudantes de Humanidades leem mais romances históricos. Em relação a variável sexo, as mulheres preferem em maior número as histórias românticas e os homens as de terror e de ficção científica.

Nesse ponto da pesquisa, é interessante trazer os dados identificados sobre prazer na leitura. Os resultados obtidos na pesquisa indicam que os estudantes de Licenciatura em Letras possuem a maior porcentagem na variável muito quando a pergunta se concentra no prazer da leitura, seguidos pelo curso de Licenciatura em Matemática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Do lado oposto para categoria nenhum prazer na leitura encontramos resposta negativa nos cursos de Licenciatura em Matemática, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação e Tecnologia em Automação Industrial. Quando se somaram os totais de todos os cursos de exatas para as variáveis pouco e nenhum prazer na leitura eles responderam por um valor considerável de (24 respostas) passível de ser pesquisado para identificar porque não sentem nenhum prazer ou pouco prazer na leitura ou o porquê dessa apatia ou nenhum gosto pela leitura nos cursos. Somando-se o total para essa resposta encontramos um índice negativo em cursos de exatas, embora não seja muito expressivo (24 respostas em 118), porém, não era esperada pela pesquisadora, ainda que, pela experiência

profissional, já se tivesse uma leve ideia sobre isso. Pesquisa do Campus Alto Paraopeba da UFSJ, quando questionados sobre o gosto pela leitura e separados por sexo, apresentaram os seguintes índices para feminino (78,2), masculino (64,5) as primeiras perguntas específicas das duas pesquisas coincidem quando no CAP-UFSJ eles perguntam (Você gosta de ler?) corresponde ainda que com palavras diferentes (Leitura proporciona prazer?). No questionário não relacionamos a questão de sexo ligado a gosto pela leitura, então, os dados foram gerais, não se conseguindo identificar o gênero sexual. Mas, em termos gerais, identificou-se que 49,9% possuem muito prazer em ler contra 5,91% que não tem nenhum prazer na leitura. Fica uma inquietação da pesquisadora sobre qual tipo de leitura eles consideraram aqui (poderiam ter considerado leitura de livros relacionados a seus cursos?) já que a pergunta não especificava qual o tipo de leitura. Carvalho (2018, p. 309) diz que “o prazer em ler tem relação com a lembrança de outros textos e de outras leituras, que se juntam e penetram na leitura atual, imprimindo um significado para aquele que lê, que se apropria daquilo que foi lido de forma única.”

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa identificou como principais resultados que o público participante da pesquisa é composta por jovens e solteiros em sua maioria, existe uma proporção equilibrada entre gêneros masculino e feminino, além de trazer diversidade sexual em pequeno número. A pesquisa identificou que a maioria se situa dentro da renda mensal familiar de até 3 salários mínimos. Uma quantidade razoável de 59 alunos (49,9%) sentem prazer ao ler. Quase unânime a percepção de que leitura traz conhecimento para os graduandos. 52 alunos (44%) tiveram muito contato com livros na infância e contato com literatura oral cerca de 36,3% ou 43 alunos passaram por essa experiência na infância. A interação com literatura, hoje, apresentou uma resposta positiva para 44

participantes, sendo que 36 se identificaram com pouca interação com literatura. Gostam de romances e ficção e 60% se sentem motivados a frequentar a biblioteca.

O presente estudo, tendo em vista, a necessidade de se compreender mais sobre leitura relacionada aos hábitos dos alunos, contribuiu no sentido de se fazer uma retrospectiva entre os alunos a respeito de seus primeiros contatos com leitura, que ocorreram através de contatos físicos ou visuais com livros, além de trazer dados relacionados ao contato e frequência com literatura oral em ambiente familiar ou social. Devido ao fato de ser uma pesquisa realizada em âmbito geral, demandaria novas pesquisas relacionadas aos cursos, talvez pesquisas por cursos individualizada ou por áreas do conhecimento.

Ao responder ao objetivo geral proposto para a pesquisa relacionado aos hábitos de leitura na infância e se eles teriam influência na sua graduação, ou seja, na vida adulta dos graduandos nos deparamos com pouquíssima pesquisa ou ainda um campo de investigação ainda inexplorado acerca de tentar relacionar hábitos de leitura adquiridos na infância ou em fases antes do período de alfabetização (bebês, crianças de até 5 anos) com o período da graduação. Faltam estudos que comprovem que a falta de letramentos em ambientes familiares pode comprometer futuras gerações, no sentido de, despertar o gosto e o prazer pela leitura. A família como o primeiro espaço de socialização da criança representa um fator de importância para o desenvolvimento cognitivo da criança. Acredita-se que a dificuldade em investigar crianças tão pequenas esteja relacionada aos espaços oferecidos para observação ou falta de interesse na investigação. Essas pesquisas teriam de ser qualitativas devido a necessidade de reunir várias crianças, em um mesmo ambiente, porque crianças que estejam fora do ambiente escolar representa dificuldade de agrupamento.

Com relação, aos objetivos específicos, que tinham por interesse investigar hábitos de leitura ao longo da vida, da infância até a fase da vida adulta, esse objetivo foi contemplado parcialmente, por ser um período longo a ser pesquisado, devendo ser mais aprofundado no período da infância, mas também, seria interessante verificar através de estudos como a leitura se

apresenta na vida adulta para os graduandos. Torna-se necessário verificar como se dá o relacionamento desses alunos com literatura, antes, durante e no final da graduação, ainda que, 59 alunos em 118 participantes sintam muito prazer na leitura. Deduz-se que na pergunta sobre gêneros literários os alunos possam ter se identificado com esse prazer na leitura, então torna-se necessário compreender essa relação entre prazer e leitura, desde quando eles necessitam ou procuram por iniciativa própria livros na biblioteca. Outro objetivo específico contemplado na pesquisa, a literatura, através dos gêneros literários, aqui entramos em um campo mais específico de leitura, mas muito importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Procurou-se nesse objetivo identificar quais os gêneros literários preferidos pelos alunos. Descobriu-se, que no geral, eles gostam de romances e ficção, necessitando-se investigar outros gêneros não contemplados nessa pesquisa.

A partir da disponibilidade e motivação identificada nos alunos em frequentar a biblioteca, as sugestões abaixo, podem ajudar a potencializar suas leituras, ou início delas em ambiente de biblioteca. Sugere-se criação e implementação de uma política educacional que envolva o incentivo à leitura, no ensino superior, no IFSP. As bibliotecas do IFSP poderiam ser a ponte entre leitura e alunos, como agentes e disseminadoras de ações em seus espaços e potencializando seus acervos. Poderiam ser disponibilizadas leituras que despertassem prazer nos alunos ao lerem o que gostam e se identificam. Muito importante a médio e longo prazo, despertar nos alunos, em sua maioria jovens, o desejo de ser um leitor e ser um formador de novos leitores, quer seja nas suas famílias ou ambientes de trabalho.

10 PRODUTO TÉCNICO OU TECNOLÓGICO

RIBEIRO, Marcilene Maria Enes. “**Cartilha de Leitura**”. 2025. Produto Técnico como parte do processo de qualificação para obtenção do grau de Mestre por meio do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos, Santos-SP, 2025.

RESUMO

O Produto Técnico, em formato de cartilha, teve por objetivo divulgar informações sobre leitura de forma rápida e bem fácil de ser entendida para o seu público. Visou também atingir o maior número de alunos da graduação. A cartilha procurou atender a divisão de fases do desenvolvimento com suas especificidades de uma forma geral. Trouxe a fase da infância com a importância da interação família e criança e a fase adulta, quando estão na graduação em vias de entrar no mercado de trabalho. Comenta-se brevemente sobre identificação com leitura envolvendo os gêneros literários e sobre a necessidade de formação de leitores.

Palavras-chave: Cartilha. Leitura. Estudantes da graduação.

RIBEIRO, Marcilene Maria Enes. "Reading booklet". 2025. Technical product as part of the qualification process to obtain a Master's degree through the Professional Master's Program in Psychology, Development and Public Policy at the Catholic University of Santos, Santos-SP, 2025

ABSTRACT

The Technical Product, in booklet format, aimed to disseminate information about reading quickly and easily to its target audience. It also aimed to reach the largest possible number of undergraduate students. The booklet sought to address the division of developmental stages with their specificities in a general way. It covered the childhood phase, with the importance of family-child interaction, and the adult phase, when undergraduates are about to enter the job market. It briefly discusses identification with reading, involving literary genres and about the need to train readers.

Keywords: Primer. Reading. Undergraduate students.

10.1 Introdução

Para que, e para quem pode ser feito um produto técnico baseado em dados de pesquisa? Políticas desenvolvidas para um determinado público que segundo Dias e Matos (2011, p. 2) “Na língua portuguesa [...] se adota a tradução de termo *policy* por “políticas públicas” para referir-se ao conjunto de atividades que dizem respeito à ação do governo”.

Dias e Matos (2011, p. 11) define o conceito de política pública como aquele que “pressupõe que há uma área ou domínio da vida que não é privada ou somente individual, mas que existe em comum com outros. Essa dimensão comum é denominada propriedade pública, não pertence a ninguém em particular e é controlada pelo governo para propósitos públicos”.

Ainda definindo políticas públicas, Dias e Matos (2001, p. 12) dizem que elas são as “ações empreendidas ou não pelos governos que deveriam estabelecer condições de equidade no convívio social [...]” e que segundo Dias e Matos (2011, p. 39) deveriam defender interesses dos grupos que representam ou seus próprios interesses, infelizmente muitas vezes estes últimos prevalecem em detrimento dos grupos.

Como proposta de Produto Técnico, ao final da dissertação, foi apresentada uma cartilha como fator de incentivo e motivação para a leitura visando despertar a necessidade de maior acesso ao acervo da biblioteca com o intuito de possibilitar melhoras no potencial de leitura e informação dos estudantes. Este produto que envolve uma cartilha foi construído baseado no levantamento de dados da pesquisa a respeito do que é leitura. Mais que um conhecimento, o que se pode trazer para o discente é uma experiência de leitura a ser compartilhada, além de criar condições para que o encontro com a obra seja uma busca plena de sentido (Almeida, 2018, p. 28).

10.2 Objetivos

O produto técnico teve como objetivo geral incentivar e promover hábitos de leitura em alunos da graduação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP Campus Cubatão.

Como objetivos específicos o produto técnico ofereceu uma cartilha sobre leitura e hábitos de leitura online e sua finalidade principal foi de aproximar os alunos da biblioteca; oferecer aos alunos a possibilidade de adquirir um melhor entendimento do que seja leitura envolvendo todas as fases do desenvolvimento humano; aumentar a curiosidade e motivação por conteúdos de textos que possam fazer parte de sua vivência ou em outros espaços; concluir que Biblioteca é espaço de lazer e de aquisição de novos saberes; possibilitar trabalhar o bem-estar emocional.

Como um dos objetivos principais de uma cartilha é divulgar informações e temas importantes, de forma leve e prazerosa, divulgamos e chamamos atenção para a importância da leitura na vida acadêmica dos alunos para o máximo de alunos possíveis. Como proposta de mediação a ser implantada entre estudantes e a biblioteca pretendeu-se ao final da cartilha descobrir, pontos positivos e negativos, sobre como os graduandos se identificam com a leitura e a literatura, nos cursos de graduação. Como sugestão a partir dos dados obtidos na pesquisa acadêmica, seria interessante, fazer um diagnóstico mais aprofundado de gostos literários e autores preferidos que possibilite uma maior interatividade com a Biblioteca do Campus, onde eles estudam, para que percebam esse espaço público, como um espaço de lazer e cultura, fator de motivação e de prazer, além de, despertar a criticidade em relação ao que leem em ambiente escolar.

Como este produto técnico ajudou a coletividade, no sentido de melhoria da sua interação no ambiente escolar, principalmente na graduação? O produto técnico ajudou a coletividade acadêmica a interagir, conhecer e se apropriar do espaço público disponível no seu ambiente

universitário, e ao mesmo tempo, despertou o interesse e a descoberta do prazer de ler um livro físico. Através da cartilha, proposta como produto técnico, os alunos, tiveram a oportunidade de poder fazer uma relação entre leitura e fases do desenvolvimento, como também, fazer uma correlação com as perguntas relativas ao questionário que envolviam essas fases da vida. A cartilha chama a atenção para a importância da interação com todos os meios disponíveis de leitura e espera-se que venham a adquirir o hábito de leitura, se ainda não o têm, e possam se tornar alunos críticos a partir de vários pontos de vista e possibilidades de conhecimento, principalmente, em ambiente de disseminação de Fake News.

10.3 Metodologia

Como Plano de Ação elaborou-se uma cartilha pelo Canva, plataforma online de design gráfico que serve para criar e que possibilitou editar os conteúdos importantes a serem divulgados aos graduandos. Brittes, Guimarães e Carli (2016) propõem o uso de um Canvas composto de elementos acadêmicos, ao invés de elementos de modelagem de negócios, para “auxiliar no entendimento dos itens que compõem projetos e trabalhos acadêmicos, como objetivo, justificativa e metodologia, os quais, muitas vezes, são mal compreendidos no modelo de ensino tradicional.” Dias (2018) utilizou no seu trabalho uma cartilha elaborada por ela e sua irmã utilizando as ferramentas do Adobe Illustrator, CorelDraw e Photoshop, na sua cartilha os textos são curtos com linguagem simplificada para melhor compreensão de texto e contou com muitas imagens. Esta Cartilha por ser online e de fácil divulgação foi encaminhada a todos os estudantes de graduação, mesmo aqueles que não participaram da pesquisa, no intuito, de atingir o máximo possível de estudantes, a fim de, despertar o interesse pela leitura, independente, se são ingressantes ou

concluintes da graduação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, no Campus Cubatão. Foi divulgada no site do Campus e através de QR Code em murais da escola.

10.4 Referências do Produto

ALVES, S. A. A. et al. **Cartilha digital sobre práticas sustentáveis para a promoção da saúde do adolescente**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 8, p. 2215-2226, 2023.

BRITTES, Mariângela Pacheco; GUIMARÃES, Guilherme da Cunha; CARLI, Victor. **Canvas acadêmico**: uma plataforma para estruturação de ideias de projetos em ambiente universitário. Anais dos workshops do V Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2016).

DIAS, Isabella Cristina Galvan. **O uso de cartilha como ferramenta para promover a educação ambiental no ensino de Ciências**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFTPR, 2018.

DIAS, R.; MATOS, F. **Políticas públicas**: princípios, propósitos e processos. São Paulo: Atlas, 2011.

NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha; SANTOS, Valdeci Luiz Fontoura dos (Orgs.) **Políticas públicas para a educação no Brasil**: infância, conselhos de educação e formação de educadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. A. S. **Percepções e hábitos de leitura nos estudantes de graduação em letras da Universidade Federal Fluminense**. Orientadora: Claudete Daflon dos Santos. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6686/Dissertação%20GIULIA%20ALMEIDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: jun. 2023.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BASTOS, J. L. D.; DUQUIA, R. P. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 229-232, out./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/scientiamedica/article/view/2806>. Acesso em: jun. 2023.

BRITTO, L. P. L.; DI GIORGI, C. A. G. “Leitura do mundo” e educação em Paulo Freire. **Educação & Sociedade**, v. 43, p. e258577, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.258577>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CAMPOS, Penélope Machado Ximenes. A escola contemporânea: desafios e perspectivas. In: CUNHA, Célio da; SILVA, Maria Abádia (orgs.). **Pensamento pedagógico e Políticas de Educação**. Brasília: Faculdade de educação; Liber Livro 2013.

CARDONA PUELLO, S. P.; OSORIO BELENO, A. J.; HERRERA VALDEZ, A. C.; GONZALEZ MAZA, J. M. Actitudes, hábitos y estrategias de lectura de ingresantes a la educación superior. **Educación y Educadores** [online], v. 21, n. 3, p. 482-503, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5294/edu.2018.21.3.6>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CENTRO REGIONAL PARA O FOMENTO DO LIVRO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. Disponível em: <https://cerlalc.org/pt-br/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CRUZ, Filipa Gonçalves Rosa. **Hábitos e preferências de leitura de estudantes universitários**. 2020. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/45852/1/ulfpie0055754_tm.pdf.

DELGADO, D. M. A educação profissional e tecnológica e a C&T no Brasil: cultura científica e o tripé ensino, pesquisa e extensão. *In*: FREIRE, E. **Educação profissional e tecnológica: extensão e cultura**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FAILLA, Z (Coord.). **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a-edicao-Retratos-da-Leitura-IPL-dez2020-compactado.pdf>. Acesso em: abr.2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos. *In*: Ferreiro, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. Atual. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **A importância do hábito de ler: três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FRIEDLANDER, M. R.; SOUZA, R. A. D.; OELKE, S. A.; RAITER, G. Hábitos de leitura de estudantes ingressantes e concluintes de uma faculdade privada no Norte do Brasil. *Guarái/TO, Saúde-UNG*, v. 14, n. 3-4, 2020, p. 15-24. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7662294>. Acesso em: abr. 2024.

GARCIA, A. K. A.; MORAES, A.; GUARIENTE, M. H. D. de M. Perfil de estudantes ingressantes de um curso de enfermagem do Sul do Brasil: caracterização dos hábitos de leitura e estudo. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 37, n. 2, p. 47-54, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1679-0367.2016v37n2p47>. Acesso em: 14 abr. 2024.

GEERTZ, C. *Transição para a humanidade*. In: ENGELS, F.; GEERTZ, C.; BAUMAN, Z.; LEONTIEV, A.; MARCARIAN, E. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Porto Alegre: Villa Martha, 1980. p. 21-36

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOWACKI, R. Estética da recepção: a singularidade do leitor e seu papel de co-produtor do texto. In: SCHOLZE, L.; ROSING, T. M. K. **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007.

GOLDMANN, L. **Ciências humanas e filosofia**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

GUARNEROS REYES, Esperanza; VEGA PEREZ, Lizbeth. Habilidades lingüísticas orales y escritas para la lectura y escritura en niños preescolares. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 21-35, Apr. 2014. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Apr. 2025.

HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. Homem, cultura e sociedade. In: HOEBEL, E. A. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 1976. cap. 1, p. 15-34.

HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. Cultura e cosmovisão. In: HOEBEL, E. A. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 1976. cap. 4, p. 339-350.

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/> Acesso em: 13 abr. 2025.

KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. **Elementos de psicologia**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1973.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 22. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: ENGELS, F.; GEERTZ, C.; BAUMAN, Z.; LEONTIEV, A.; MARCARIAN, E. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Porto Alegre: Villa Martha, 1980. p. 37-72.

LIMA, Ana Lúcia. O analfabetismo funcional e os não leitores. In: FAILLA, Zoara (org.) **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, São Paulo: Instituto Pró-livro, 2021. E-book. Disponível em: [Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf](#) . Acesso em: 14 abr. 2025.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção primeiros passos, 74).

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENTA TRÊS. Naiane Carolina; BURLAMAQUE, Fabiane Verandi. A formação do professor de língua espanhola. **Revista Desenredo**, [s. l.], v. 12, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6387>. Acesso em: 7 mar. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - MEC. **Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**. Disponível em: [NASCIMENTO, D. M. S.; GARCIA, E. A. R.; ALBUQUERQUE FILHO, A. R. Contribuição do hábito de leitura dos discentes do curso de Ciências Contábeis para o desenvolvimento de competências profissionais. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, SC, v. 18, p. 1-17, e2825, 2019. Acesso em: 13 abr. 2024.](http://portal.mec.gov.br/component/content/article/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil#:~:text=A%20Lei%20n%C2%20de,ramos%20e%20graus%E2%80%9D%20(Art. Acesso em jun. 2024.</p></div><div data-bbox=)

OLIVEIRA, M. A. M. **Políticas públicas para o ensino profissional: o processo de desmantelamento dos CEFETS**. Campinas: Papirus, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2024.

OLIVEIRA, M. C. A.; MOREIRA, E.; GONÇALVES, R.; TOLEDO, G. L.; FABRINO, D. L. Estudo dos hábitos de leitura na comunidade acadêmica do Campus Alto Paraopeba da

Universidade Federal de São João Del-Rei. **RBECT- Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, São João Del-Rei, v. 10, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rbect/article/view/4551>. Acesso em: 21 abr. 2024.

OLIVEIRA, R. (Org.). **Jovens, ensino médio e educação profissional: políticas públicas em debate**. Campinas: Papirus, 2020. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ORLANDO, I. R.; LEITE, S. A. S. Formação de leitores: a dimensão afetiva na mediação da família. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 3, p. 511-518, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018039282>. Acesso em: 13 abr. 2024.

ORTIZ-SALAZAR, M. A.; PEÑA CASTAÑO, J. M. La lectura en la infancia y niñez: incidencia en la construcción del sujeto lector. **Sophia, Armenia**, v. 15, n. 2, p. 111-117, Sept. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18634/sophiaj.15v.2i.952>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PERROTA, C. Educação tecnológica nos CEFETS. In: GRINSPUN, M. P. S. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

PSZCZOL, Eliane. O papel do Proler em uma Política Nacional de Leitura. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008.

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DOS ESTUDANTES. (PISA) https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/infografico_pisa_2022_brazil.pdf Acesso em: 12 abr. 2025.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Folha de São Paulo, Rio de Janeiro: O Globo, 2003. (Biblioteca Folha; 25).

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROMAN FUENTES, J. C.; FRANCO GURRIA, R. T.; ROMAN JULIAN, R. Diagnóstico sobre hábitos de estudio en universitarios de nuevo ingreso como herramienta para identificar oportunidades de mejora. **RIDE - Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo Educativo**, Guadalajara, v. 11, n. 21, e007, dic. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23913/ride.v11i21.692>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SANTOS, J. L. **O que é cultura?** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, 110)

SANTOS, M. G. G.; CASETTO, S. J. Os processos de identificação na adolescência e sua relação com obras literárias: relato de pesquisa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e215913, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003215913>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981. (Coleção Educação Contemporânea).

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

TOURINHO, Cleber. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simplesmente falta de hábito? **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 325-346, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/10966>. Acesso em: 20 abr. 2024.

V Pesquisa do Perfil socioeconômico e Cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais. Brasília: Andifes; Fonaprace, 2019. Disponível em: https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/v_pesquisa_do_perfil_dos_graduandos_16_de_maio.pdf Acesso em abril de 2025.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VILLAMIZAR ACEVEDO, G. A.; MANTILLA SANABRIA, T. R. Comprensión lectora y rendimiento académico en estudiantes de psicología. **Revista de Psicología**, La Paz, n. 25, p. 55-67, jun. 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/pdf/rip/n25/n25_a06.pdf. Acesso em: 13 abr. 2024.

YUBERO, S.; LARRAÑAGA, E.; PIRES, N. **Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior**. Castelo Branco: IPCB, 2014. E-book. Disponível em: https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2454/1/livro_net.pdf. Acesso em: 12 abr. 2024.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ONLINE

O presente questionário destina-se a fazer levantamento de dados tendo como público-alvo estudantes universitários na faixa etária igual ou superior a dezoito anos matriculados no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão, visando a defesa de dissertação de Mestrado Profissional em Psicologia na Universidade Católica de Santos, tendo como Título: Hábitos de Leitura de estudantes de graduação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Cubatão, pela servidora Marcilene Maria Enes Ribeiro.

OBS: o participante não necessita se identificar

*Para obedecer às normas do conselho de ética, quanto a identificação do local onde é realizada a pesquisa, mudou-se duas vezes o título posteriormente para:

Hábitos de leitura de estudantes de graduação na Baixada Santista

Hábitos de leitura de estudantes de graduação em um Instituto Federal de Cubatão-SP

Preencha os dados sociodemográficos abaixo:

Qual o seu sexo?

- Feminino
- Masculino
- Outros

A sua idade aproximada está entre:

- Até 18 anos
- Entre 18 e 23 anos

- Entre 24 e 29 anos
- Entre 30 e 35 anos
- Entre 36 e 41 anos
- Entre 42 e 47 anos
- Entre 48 e 53 anos
- 54 anos ou mais

Qual seu estado civil?

- Solteiro
- Casado
- Divorciado
- Viúvo
- Outros

Qual seu nível de escolaridade?

- Ensino Médio
- Ensino Superior

Qual a renda mensal familiar?

Obs: Valor salário mínimo: 1.320,00

- Até 3 salários mínimos (3.960,00)
- Até 4 salários mínimos (5.280,00)
- Até 5 salários mínimos (6.600,00)
- Até 6 salários mínimos (7.920,00)

Qual curso você está matriculado?

- Bacharelado em Turismo
- Engenharia de Controle e Automação
- Licenciatura em Letras
- Licenciatura em Matemática
- Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas
- Tecnologia em Automação Industrial
- Tecnologia em Gestão de Turismo

*Curso de Tecnologia em Automação industrial (extinto)

Responda abaixo as seguintes questões:

A leitura lhe proporciona prazer?

- Muito
- Pouco
- Razoável
- Nenhum

Você vê a leitura como impulsionadora de conhecimentos?

- Muito
- Pouco
- Razoável
- Nenhum

Você teve contato com livros durante a infância?

- Muito
- Pouco
- Razoável

Nenhum

Qual o nível de importância você daria ao contato visual ou físico com os livros na infância ou adolescência?

Muito

Pouco

Razoável

nenhum

Literatura oral é aquela que é passada de pessoas para pessoas através de histórias inventadas ou contos. Na sua infância com que frequência você teve contato com literatura oral?

Muito Pouco

Razoável

Nenhum

Durante o ensino médio qual seu nível de satisfação sobre ou a respeito das literaturas tidas como “obrigatórias”?

Muito

Pouco

Razoável

Nenhum

Havia maturidade intelectual, emotiva e de domínio dessas literaturas durante o ensino médio?

Muito

Pouco

- Razoável
- Nenhum

Hoje, em dia, qual seu nível de interação com a literatura de um modo geral?

- Muito
- Pouco
- Razoável
- Nenhum

Você se motivaria a frequentar a biblioteca para interagir com os livros e com a informação?

- Sim
- Não
- Talvez

Se você utiliza outros meios físicos de busca de informação ou lazer que não são livros físicos, qual a frequência que os utiliza?

- Muito
- Pouco
- Razoável
- Nenhum

Este tipo de leitura online te agrada ou te proporciona prazer?

- Muito
- Pouco
- Razoável

Nenhum

Que tipo de literatura você se identifica com maior frequência?

Romântica

Ficção Brasileira/Estrangeira

Policial e de aventura

Drama e comédia

Poesias

Contos

Biografias

Outros

Como proposta de Produto Técnico, ao final da dissertação, serão apresentados dois cursos semestrais e vídeo gravado na Biblioteca. Você gostaria de participar dessa experiência, como fator de incentivo e motivação, para ter mais acesso ao acervo da biblioteca e conhecer melhor todo o potencial de leitura e informação que ela contém?

Sim

Não

Talvez

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) aluno(a):

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a) da Pesquisa: Hábitos de leitura de estudantes de graduação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Cubatão, de responsabilidade da pesquisadora: Marcilene Maria Enes Ribeiro. Esta pesquisa faz parte de levantamento de dados para meu Mestrado Profissional de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos e está sob a orientação da Profª Dra. Miria Benincasa Gomes. Gostaria de contar com sua colaboração para responder ao questionário online referente ao tema acima. O questionário será via Google Forms com aproximadamente 19 questões fechadas, em conformidade com as resoluções 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde que determina diretrizes éticas específicas para as ciências humanas e sociais. Trata-se de uma pesquisa quantitativa que tem por finalidade conhecer os hábitos de leitura dos estudantes de graduação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Cubatão. A pesquisa não apresenta riscos aparentemente previsíveis. Não apresenta métodos alternativos como uso de animais. Caso haja algum mal-estar ao responder o questionário entre em contato no seguinte telefone: (13) 3346-5322, contato com a pesquisadora. Como benefício esperado deste estudo pretendo compreender a relação entre estudantes e leitura no contexto de escola pública e oferecer um produto técnico que melhore essa interação. Sua participação na pesquisa não irá gerar despesas, devido ao fato de que o questionário será online e poderá ser respondido no próprio local que você estuda. As respostas serão computadas no Formulário do Google e as respostas mensuradas na mesma plataforma. Após a sua concordância, você declara ter sido informado de que a pesquisa possui perguntas pessoais como idade, gênero, estado civil, renda familiar. Foi informado que poderá responder as perguntas em local reservado, sem presença do pesquisador; que poderá recusar-se a responder a alguma

pergunta e retirar o consentimento a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, nem represálias de qualquer natureza; não será identificado e será mantido o caráter sigiloso sobre sua identidade durante o questionário no Google; poderá solicitar esclarecimentos antes, durante e após sua finalização, através do telefone da pesquisadora: (13)98133-7870. Em caso de dúvidas ou denúncia sobre aspectos éticos da pesquisa entrar em contato como o Comitê de ética em pesquisa da Universidade Católica de Santos no seguinte endereço: Campus D. Idílio José Soares, Prédio administrativo, sala 202, Av. Conselheiro Nébias 300, Vila Mathias ou pelo telefone (13)3205-5555 ramal 1254. O documento será elaborado em duas vias, uma para o aluno e outra para o pesquisador. Portanto, eu, declaro, estar ciente do exposto e que desejo participar da pesquisa.

Santos, 19 de fevereiro de 2024.

Participante

Marcilene Maria Enes Ribeiro
Bibliotecária - CRB8 5028

Aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu – Mestrado Profissional em Psicologia,
Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos.

Miria Benincasa
Orientadora

Marcilene Maria Enes Ribeiro
Pesquisadora

APÊNDICE C FOLDER DO QUESTIONÁRIO

PARTICIPE DA PESQUISA!
Hábitos de Leitura de estudantes de graduação na Baixada Santista

Requisitos:

- Ter mais de 18 anos
- Ser aluno do IFSP, Campus Cubatão

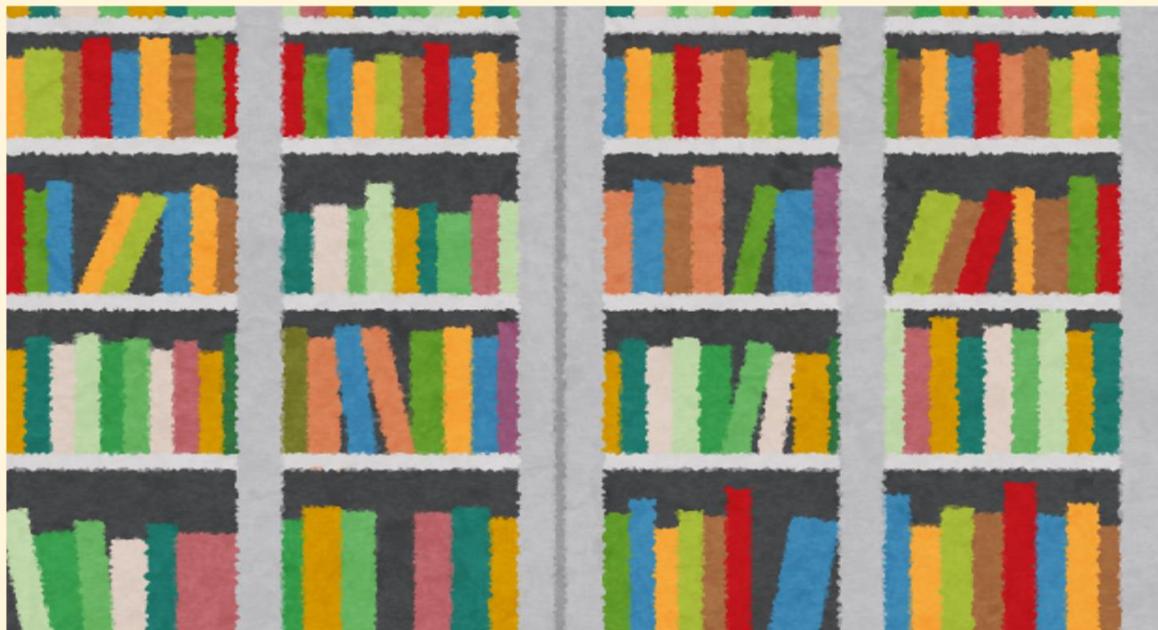
Responsável: Marcilene Maria Enes Ribeiro
Telefone: (13) 98133-7870
E-mail: marcilene@ifsp.edu.br

“LER PARA VIAJAR. IMAGINAR. CRIAR. SORRIR. CHORAR E INSPIRAR”
@cafemeexpresso

Acesse o qr code para o formulário!

Fonte: Autor desconhecido



APÊNDICE D - CAPA DA CARTILHA DO PRODUTO TÉCNICO**CARTILHA SOBRE LEITURA**

Marcilene Maria Enes Ribeiro
Produto Técnico educacional e informativo
Unisantos/IFSP
2025



